

# Ilustração Brasileira

ANO XLVIII

MAIO — JUNHO, 1957

NÚMERO 248

# Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenário, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenário, em 1922, do Centenário da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Centenário do Dois de Julho, da Bahia, do Instituto Histórico nas comemorações do Centenário do Nascimento de D. Pedro II, do Centenário do plantio de café no Brasil, do Centenário da República do Equador, do Cinquentenário do Cerco da Lapa, e do Cinquentenário da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva  
Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 — 5.º Andar  
Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745  
Caixa Postal, 880 — End. Teleg. "O MALHO"  
Rio.

Publicidades e assinaturas em São Paulo:  
Av. Ipiranga, 879 — 13.º — sala 131  
Tel. 36-4564

PREÇOS DAS ASSINATURAS  
(Remessa sob registro Postal)

Brasil, países da América e Espanha:

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Anual ... .. Cr\$ 120,00

Demais países:

Anual ... .. Cr\$ 140,00

Número avulso Cr\$ 20,00

ANO XLVIII — N.º 248

MAIO — JUNHO, 1957

NOSSA CAPA

BRAGA

Tela de José Maria de Almeida

A ALFAIATARIA PENA  
ESPECIALIZOU-SE NA  
CONFEÇÃO DE FAR-  
DÕES PARA OS MEM-  
BROS DA ACADEMIA  
BRASILEIRA.



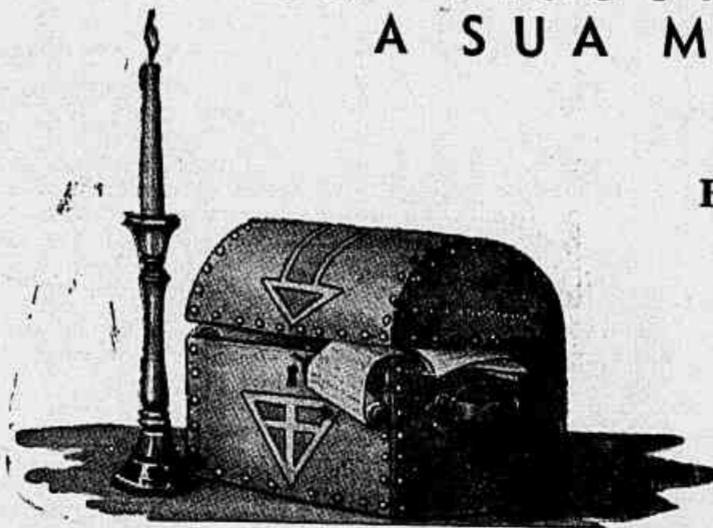
PRAÇA GETULIO  
VARGAS, 2  
ED. ODEON - S. 618  
TEL.: 22-8760

ALFAIATARIA  
**PENA**  
O ALFAIATE DOS IMORTAIS

## ADVOGADO

— Causas cíveis: assuntos comerciais, falencias, concordatas, executivos; direito de família: desquites, alimentos, inventários; questões cíveis em geral, despejos, notificações, ações sobre posse. **Waldemar Rodrigues**, advogado, inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, atende das 15 às 18 horas, diariamente na Avenida Rio Branco, 18 — sala 1206 — telefone: 23-2984.

## UM TESOURO PARA A SUA MENTE



LIÇÕES  
ROSACRUZES

PEÇA O FOLHETO "EL DOMINIO DE LA VIDA" QUE LHE SERÁ REMETIDO GRATIS,

DIRIGINDO-SE A: — ORDEM "ROSACRUZ" (AMORC)  
PARQUE ROSACRUZ SAN JOSÉ, CALIFORNIA, U. S. A.

EXIJAM SEMPRE  
THERMOMETROS PARA FEBRE  
**"CASELLA LONDON"**  
HORS CONCOURS

# Viajem nos trens

## "VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"

*Carros de aço inoxidável  
com amortecedores  
hidráulicos.*

*Moderníssimas cabines e  
carros restaurantes  
com ar condicionado*



### Preços de Passagens e Horários

#### VERA CRUZ

Ida e Volta ..... Cr\$ 614,00  
Ida ..... Cr\$ 341,00

#### BELO HORIZONTE

Saída: 19,30 — Chegada: 11,00

#### RIO DE JANEIRO

Saída: 20,10 — Chegada: 10,15

Informações: Rio—Tel. 43-2000 e 43-3360—S. Paulo—Tel. 9-3225

#### SANTA CRUZ

Ida e Volta ..... Cr\$ 539,00  
Ida ..... Cr\$ 299,00

#### SÃO PAULO

Saída: 22,50 — Chegada: 8,15

#### RIO DE JANEIRO

Saída: 22,40 — Chegada: 8,00

# CURIOSIDADES DO BRASIL

## O HERÓI DA VARZEA DO CAPIBARIBE

Agostinho Barbalho Bezerra nasceu em Olinda em princípios do século XVII. Era filho do heroico pernambucano Luiz Barbalho Bezerra, oriundo de Antonio Bezerra Felpa de Barbuda, natural de Ponte de Lima e sua mulher D. Maria de Araujo, os quais vieram para esta capitania no começo da sua povoação com o seu primeiro donatário Duarte Coelho. Antonio Barbalho Bezerra, jovem ainda, achou-se envolvido na invasão em Pernambuco, e nos campos de batalha não desmentiu o já proverbial entusiasmo e valor pernambucano. Ocupada esta provincia em 1630 pelo exercito holandez, seu pai que então estava no começo da sua carreira militar, apresentou-se ao general Mathias de Albuquerque, com os seus escravos e criados, mantidos à sua custa e sem remuneração alguma pelo estado, e oferece os serviços de todos pela causa da pátria. Agostinho Barbalho Bezerra asentou práça no exercito como simples soldado; mas ao lado do seu pai, inflamado do seu valor e heroismo, êle soube conquistar pelos seus feitos, quer n Brasil, quer em Portugal na guerra da restauração, títulos e postos honrosos, e um nome que a posteridade reverente proclama bem alto. A heroica defesa do Arraial do Bom Jesus, os feitos da Varzea do Capibaribe, de Serinhaem e outros, foram testemunha do valor de Agostinho Barbalho Bezerra. Caindo prisioneiro em poder dos holandezes, por dois anos esteve privado da sua liberdade; mas conseguente a êle apresenta-se de novo no exercito no ano de 1639, então possuindo as dragonas de capitão de infantaria que lhe conferira o Conde da Torre. Na célebre jornada que o exercito pernambucano executou de Pernambuco para a Bahia, quando já não lhe restava esperança alguma no resultado da guerra, Agostinho Barbalho muito assinalou-se nos encontros que então teve com os inimigos, e suportou heroicamente, todos os trabalhos que passaram por caminhos invios e matas, em penosa marcha de quatrocentas leguas. Em 1641 embarcou da Bahia como cabo de uma esquadilha composta de oito navios, destinada a comboiar uma frota que dali partia para o reino, mas voltou logo porque a sua missão era pô-la fora da barra, e livrá-la do alcance da esquadra holandeza que cursava por esses mares. Em 1643 embarcou Agostinho Bezerra para o Rio de Janeiro, acompanhando a seu pai o mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, que despachado governador dessa capitania, ia assumir a sua administração, e no ano seguinte seguiu para Portugal, como cabo da frota dos açucares. Estava então em Portugal, que travava renhida luta com a Espanha. Agostinho Barbalho, sobe aos régios paços de D. João IV, e oferece-lhe os seus serviços em defesa da causa da liberdade portugueza. Parte sem demora para o Alemtejo, acompanhado de criados e cavaleiros mantidos à sua custa, e nos oito dias em que o Marquez de Torrecusa teve sitiada a praça de Elvas, Agostinho Barbalho achou-se em todos os combates que se deram. Numerosos foram as aventuras e empreendimentos de Agostinho Barbalho Bezerra: em 1660 o povo depoz Thomé Correia de Alvarenga que substituiu Salvador Correia de Sá e Benevides na capitania do Rio de Janeiro e ofereceu o cargo de governador a Agostinho Barbalho Bezerra, que o aceitou depois de muita relutancia e insistências populares; El-Rei reconheceu sua interferencia na revolução e honrou-o com a doação da capitania de Santa Catarina; recebe em 1663 o titulo de Fidalgo da Casa Real Portuguesa e o cargo de administrador das minas de esmeralda na capitania do Rio de Janeiro e patente de governador da gente. Heroico soldado da Varzea do Capibaribe, debelador dos corsários, eminente defensor da patria na invasão holandeza, Agostinho Barbalho Bezerra morreu em data incerta, sabendo-se que em 1675 já não existia o glorioso combatente do Arraial do Bom Jesus e de Serinhaem.

### JOÃO CAETANO — O VITORIOSO

Arte plástica e a estética, tudo o que o belo perpetua na tela e na estatuária; tudo quanto o pensamento realizou e a imaginação deu formas gigantescas; tudo quanto celebrizou as nações e contribuiu para a glória dos governos, tem merecido dos poetas e historiadores estudos comparados, e pelo estímulo que produzem essas análises tem aparecido competidores.

DE CABEÇA EM CABEÇA CORRE A FAMA DOS PRODUTOS DE BELEZA

## Pindorama.

PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA

LOÇÃO PINDORAMA



LOÇÃO PINDORAMA, suavemente perlimada, devolve aos cabelos brancos a côr natural. PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA, evita a queda e embranquecimento precoce dos cabelos.

**PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA**  
PRODUTOS PINDORAMA PERFUMARIAS S.A. Ed. Próprio. RUA ANNA NERY, 1944 - RIO

### O MELHOR PRESENTE

Antologia de poetas franceses  
2.<sup>a</sup> Edição

Organizada por R. Magalhães Junior

As moças — Os estudiosos — As pessoas de fino gosto e sensibilidade

**TODOS**

Gostarão de lêr e de guardar êste livro que é um incomparável tesouro poético.



Baudelaire

Os maiores poetas da França traduzidos pelos maiores poetas do Brasil e de Portugal.

Volume de 500 páginas brochado ..... Cr\$ 100,00

Encadernação de luxo papel especial .. Cr\$ 200,00

Edições G. T. L. — Rua Barão de São Felix, 42 — Rio  
Telefone: 43-7494.

### DR. UBALDO VEIGA

ESPECIALISTA EM

DOENÇAS DA PELE E SÍFILIS

Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa

CONSULTAS

RUA DO OUVIDOR, 183 - 5.<sup>o</sup> — SALA 504

Nas segundas, quartas e sextas-feiras — Das 16 às 17,30

Calçar bem é resumir com arte a psicologia da mulher

Visite a **CASA FERRAZ**

RUA URUGUAIANA, 34

que com sua caprichosa coleção oferece sempre os últimos modelos em calçados finos.

que disputam à porfia, na escala de suas aptidões, um lugar de honra, e como que esse esforço se traduz por uma conspiração contra as celebridades que existiram. E' esta a lei de ordem física, de que as leis morais são corolarios. João Caetano viveu e foi compreendido. Nas lutas rivais que os seus adversarios lhe opuseram, foi êle vitoriado. Teve um governo; dominou, deu leis e foi aclamado, pelos nacionais e estrangeiros, um emulo de Kean, a única figura que competia com Talma, o único perfil que, nas leis das ideias e dos princípios constitutivos da arte, deu-nos o modelo daquelas epopéias, figuras do teatro da Grecia no tempo da sua maior elevação. Tendo aqui vencido a indiferença e o temor dos literatos, do espirito apoucado e sem vista dos seus adversarios, já nobilitado e aceito como o primeiro artista do Império. Quiz ir à pátria de Herculano e Rebello dar provas de seu civismo, agradecendo à Majestade Real, a demonstração de apreço, pela qual foi com toda justiça e conveniencia — remunerado dos seus serviços que fez e prestou a Portugal. João Caetano, o ator, ficará entre agrario de Menezes e Penna, respeitável grupo que simbolisa o genio da tragedia e da comedia (Pessana Povoa).

#### O BONDE SUPLANTA AS DILIGENCIAS

O relatório do chefe de policia da Côrte de 1866, registra o número de noventa e uma diligencias pertencentes a diversos Havia várias empresas: a das diligencias roxas de Antonio José Gonçalves; a das amarelas de Vila Real & Cia. e a das brancas e azues de propriedade de Candido Marques da Cruz, desde 1864, trafegavam as diligencias da empresa "Flor do Comercio". O ponto inicial dos veículos de todas as empresas ficava no largo de São Francisco de Paula. Deste logradouro saiam, de meia em meia hora, as diligencias roxas para Catumbý, Rio Comprido e Campo de S. Cristovão. A 1 de Dezembro de 1878, iniciou-se um serviço da Praia de Botafogo, canto da Rua São Clemente, até Copacabana. Pertenciam os veículos ao Dr Figueiredo Magalhães, que montara ali uma casa de saúde para convalescentes, comodas para banhistas e um hotel anexo. Quando se proclamou a República restavam das antigas empresas e da Companhia de Carruagens Fluminense, apenas doze carros ocupados no tráfego para Botafogo e Laranjeiras. O ponto de parada desses veículos ficava no largo da Carioca, na face onde se erguia o casarão do hospital da Venerável Ordem 3.<sup>a</sup> da Penitência, demolido, na administração do Prefeito Dr. Pereira Passos. As diligencias da Tijuca partiam do ponto terminal da linha de bondes da Companhia São Cristovão. O percurso desde o fim da Rua Conde de Bonfim até a "Bica do Monteiro" e ao Alto da Boa Vista, fazia-se no máximo em trinta minutos. Para os lindos recantos da floresta, a viagem era feita em velhas seges e "victorias" da cocheira situada na Rua Conde de Bonfim, 119. Por uma viagem redonda ao Alto da Boa Vista pagavam 10\$. Encontrava ali o excursionista animais de sela para passeios alugados, antes de 1870, desde 600 réis a 1\$200. Conforme as horas de utilização de animais, eram estes alugados em anos posteriores a 5\$ e 10\$. O proprietario daquela cocheira, Placido Antonio Fernandes Perez, descendente de antigo dono das diligencias e do "Hotel Perez", manteve durante muitos anos o serviço de transporte da Rua Conde de Bonfim ao Alto da Boa Vista. O preço da passagem importava em 1\$000.

ROUGE LIQUIDO  
**RAINHA DA HUNGRIA**  
De Mme. Campos  
DA AS FACES UM ROSADO  
INCOMPARAVEL  
À VENDA EM TODA A PARTE



### O primeiro olhar é para o busto!

Si a plástica do seu busto não a satisfaz, é tão simples corrigi-la! Quando os seios são atrofiados, facil é desenvolvê-los com a PASTA RUSSA. Quando aos seios falta firmeza, a PASTA RUSSA restabelece a linha justa da plástica feminina, fortificando os tecidos e ativando a circulação local.

**PASTA  
RUSSA**

do Dr. G. RICABAL

"A BELEZA DOS SEIOS"

Nas drogarias, farmácias,  
perfumarias e nas boas

casas do ramo.

CAIXA POSTAL, 6 —

MEIER — RIO

“Firme como o

Pão de Assucar”



não é apenas um lema — é uma diretriz atuante da

**Sul America**

Alguns anos decorridos da sua fundação, a "SUL AMERICA" Cia. Nacional de Seguros de Vida adotou como "slogan" a frase que se tornaria famosa - bem característica da sua solidez, da sua grandeza. Nesta oportunidade, ao tornar

público um resumo do balanço correspondente ao 61.º ano de operações, a Cia. deseja reafirmar seus propósitos de garantir para seus segurados a manutenção desta diretriz - "Firme como o Pão de Assucar" através dos tempos.

Antonio S. de Larragoiti Jr.  
1.º Vice Presidente

A. Ernesto Waller  
2.º Vice Presidente

### O ano de 1956 traduzido em cifras

Resumo do 61.º balanço da "Sul America" Cia. Nacional de Seguros de Vida relativo ao ano de 1956

|   |                   |
|---|-------------------|
| Os novos seguros aceitos, com os respectivos primeiros prêmios pagos, atingiram a quantia de .....                              | 12.357.861.734,00 |
| O total de seguros em vigor aumentou para.....  | 38.269.383.832,00 |
| Os pagamentos aos próprios segurados e aos beneficiários dos segurados falecidos (sinistros, liquidações e lucros) somaram..... | 280.767.489,80    |
| Os pagamentos de lucros atribuídos às apólices de Seguros em Grupo, importaram em.....  | 42.413.305,50     |
| O total de pagamentos, inclusive lucros S.G., desde a fundação .....  | 2.672.133.163,00  |
| O Ativo elevou-se em 31 de dezembro de 1956 à importância de.....   | 3.390.082.809,20  |

#### Alguns valores do ativo no Brasil

|  |                |
|--|----------------|
| Títulos Públicos de Renda.....                                       | 308.501.423,70 |
| Ações, Debêntures e Outros Títulos.....                              | 246.814.192,30 |
| Imóveis para uso próprio.....  | 613.710.341,40 |
| Empréstimos e Hipotecas, Apólices de Seguros e Outras Garantias..... | 808.544.755,90 |

Queira enviar-me SEM COMPROMISSO informações acerca do seguro que me conviria

**SUL AMERICA - CAIXA POSTAL, 971 - RIO**

Nome .....

Idade .....

Profissão .....

Soma que eu poderia economizar anualmente .....

Rua .....

Cidade .....

Estado .....

**Sul America**

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA  
FUNDADA EM 1895

1A-2794-B

Maio - Junho — 1957 3



A 7 de maio de 1927 constituiu-se a primeira empresa de aviação no Brasil — a VARIG.

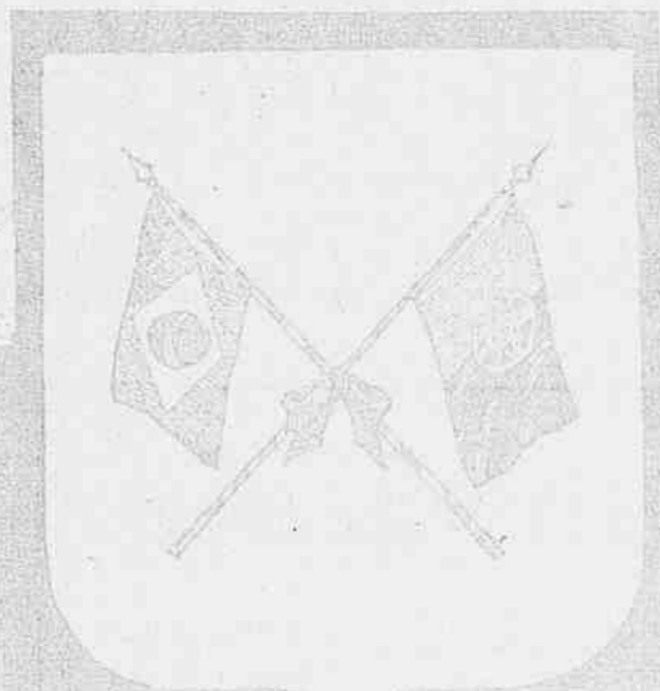
A mentalidade pioneira que inspirou seus fundadores prevaleceu nestes 30 anos em todas as atividades da empresa: a VARIG realizando o primeiro voo comercial em 1927, operou também a primeira linha diária no país em 1936; promoveu a socialização da empresa em 1945, instituindo uma Fundação; criou o serviço de aviões mistos com tarifas reduzidas em 1947; fundou a primeira Escola de Pilotos Comerciais, em 1951; instalou jato-propulsão auxiliar em seus aviões em 1953.

30 anos dando asas ao progresso

**VARIG**



Ontem pioneira no tempo e hoje pioneira no espaço — a VARIG serve seus passageiros com os mais modernos e avançados aviões que cruzam os céus das três Américas.



## Brasil - Portugal

**A** visita do Presidente da Republica Portuguesa, General Craveiro Lopes, tem para o nosso país uma significação que transcende os limites das aproximações diplomáticas, meramente convencionais, para representar um ato de fraternidade de dois povos que têm, nesta altura da civilização, muitos e sérios motivos para se entenderem e estimarem. Bem disse o sr. Albino de Souza Cruz, dirigente supremo da Federação das Associações Portuguesas no Brasil, que os portugueses e brasileiros se ufanam de haver construido no tropico um dos pontos altos da cultura contemporânea. E nós compreendemos perfeitamente que êsses bravos e intrépidos descendentes dos desbravadores do oceano no século XVI devam orgulhar-se conosco de uma obra que é, em muitos pontos deste hemisfério obra comum. Presente em terras brasilicas o chefe de Estado lusitano, recebemo-lo não só com as demonstrações a que lhe dava direito a qualidade de primeiro magistrado de uma nação amiga de alem-mar, mas principalmente com as efusões do fundo da alma de nosso povo. Passados os momentos de jubilo, que foram todos aqueles do tempo em que aqui demorou o governante ilustre da terra portuguesa, chegou a hora do regresso. E então o general Craveiro Lopes partiu de volta com a convicção de que deste lado do Atlântico há uma mentalidade progressista e que se afirma em solidariedade com os colaboradores de origem lusa que afluem a estas plagas cheios de confiança na vitória do esforço honesto e com fé no futuro de uma raça nova que não desmente as tradições do velho tronco ibérico de que procede em primeira linha. Ao pisar de novo Lisboa, o primeiro magistrado de Portugal pôde dizer a seus compatriotas que o Brasil abraçou na sua pessoa a Portugal, com a mesma ternura com que Portugal abraçou o Brasil quando lá esteve o seu Presidente.

# PARABRAMA

## UM NÍVEL DE VIDA SATISFATÓRIO PARA TODOS

O vulto dos problemas econômicos cresceu de um modo rápido e extraordinário, após a terminação grande guerra de 1914. Aquela colossal convulsão sacudiu o mundo em todos os sentidos, trazendo consequências absolutamente inesperadas, principalmente no terreno social econômico. Hoje, após a última catastrófica luta, devemos esperar ainda por mais graves consequências. É indiscutível que no período, compreendido entre as duas grandes guerras, um enorme cabedal de experiência foi adquirido e muito se tem feito pelo progresso humano, mas o problema social econômico, com toda sua complexidade, continua a desafiar a boa vontade de todos. Em geral, a solução de um problema depende da determinação de uma ou mais igualdade, onde figuram uma ou mais incognitas, ao lado de outras quantidades conhecidas. Como se enuncia o problema social? o que se observa, presentemente, entre os homens é o padrão de vida desigual. Ao lado do palácio opulento, aí está na meia encosta do morro o casebre miserável, coberto com duas ou três folhas de zinco, esburacadas, premidas contra um madeiramento precário por blocos grosseiros da pedreira vizinha, chão de terra pisada, portas às vezes, paredes desengonçadas, frestas sempre, contribuindo inconscientes para adoçar a reflexão amarga do desditoso morador, com a segurança de não caber à Natureza pródiga responsabilidade na desgraça que o acompanha, segurança que lhe vem através das frinças das paredes, na alegria otimista do sol, a mesma para todos, que ninguém pode monopolizar. O que nos fere logo a vista é a desigualdade frisante das condições de vida do indivíduo humano. Nada justifica esse quadro que oscila entre o esplendor e a miséria. Não é possível evidentemente fazer com que todos os homens transformem-se em opulentos capitalistas. Estabelecamos um regimen econômico que permita efetivamente, pelo aumento, a melhor distribuição da riqueza, provinda do trabalho, um nível de vida satisfatório para todos, e estará achada a solução. Em resumo, um equilíbrio social, onde atuem também os fatores novos nascidos ao influxo da solidariedade, que a grandeza da desgraça geral, imposta pela guerra, despertou na consciência coletiva, aprimorando-a e impelindo-a na marcha incessante para o aperfeiçoamento. O problema social, inseparável do econômico, exige para a sua completa resolução um aperfeiçoamento técnico de par com o reconhecimento espontâneo da necessidade de uma distribuição mais equitativa dos lucros. O aperfeiçoamento técnico nos processos de trabalho permitir-nos-á o aumento de produção e, consequentemente, a barateza do produto e dilatação do consumo, o que proporcionará maiores lucros, com os quais, principalmente, se deve melhorar a sorte do operário. Aliás esse aprimoramento técnico é condição necessária para conseguir, pela estabilidade, a permanência da situação conquistada. Teremos assim maior produção e maior consumo, aumentando os lucros e os salários, coincidindo tais fatos com a baixa dos preços das mercadorias, e que tudo permitirá elevar o padrão de vida. Si o mundo, que estamos a imaginar, fosse comparado com o atual, é claro que se diferenciariam por uma diversa distribuição da riqueza produzida, entre os que para ela concorrem. O lucro seria distribuído no primeiro caso por um número incomparavelmente maior de indivíduos; o bem resultante seria evidentemente mais geral. Este resultado impõe o predomínio efetivo do bem geral sobre o individual, para solução do problema social-econômico, e é lógico que se procure anular as consequências decorrentes do predomínio inverso, que se proteriza a imagem atual do nosso campo econômico, embora se tenha pretendido, em vão, obter neste caso a coincidência dos dois interesses. Torna-se, portanto, necessário modificar a organização do Estado, que decorre do nosso sistema político, para que ele possa saber agir devidamente e cumprir o seu destino. O regime será o da economia liberal dirigido pelo Estado capaz. Houve evidentemente um erro no modo de resolver o problema social pelo método liberal clássico. O liberalismo reconhece a necessidade de elevar o padrão de vida do trabalhador e incumbe dessa providência ao capitalista, que é a cristalização do bem individual, produto de um sentimento diverso do que deve dominar, para realização do objetivo inicial. A medida que aumenta a produção aumenta a necessidade do maior poder financeiro, demais, dentro em pouco, as medidas e providências para equilíbrio da produção escapam ao poder das maiores organizações e o socorro do Estado impõe-se. No fundo, é uma mudança de gerência com mais saber, mais poder e mais ação. É o problema político, em simbiose com o econômico, que exige do Estado uma organização apropriada com uma capacidade especial, um preparo técnico indiscutível e, sobretudo, o conhecimento perfeito do panorama econômico do país, que é uma função do aspecto mundial. Torna-se necessário, portanto, preparar o Estado para sua missão atual.

P E D R O R A C H E



## L I N G U A G E M —

Consideram-na por muito tempo mero organismo vivo. Estava então em moda o naturalismo. O organicismo tudo invadira. As cousas inexplicáveis do seu tempo, tal como hoje fazemos às do nosso, ao lhes darmos nomes que nos encobrem a ignorância, o pensamento filosófico dos séculos XVII e XVIII, imbuidos de naturalismo exuberante, apelidava, meio pernóstico e doutoral, *jeux de la nature*. Sempre as mesmas utilidades da natureza: ou serve para a violentarmos com os nossos caprichos, ou para lhe invocarmos a indulgência, no caso mais comum dos nossos desacatos. É hoje ponto pacífico na bôa doutrina filológica e linguística não possuir a língua nem aspecto exclusivamente natural, comparável a órgão vivo, nem meramente cultural, como imediato produto da civilização. A concepção naturalista foi tão fértil em monstruosidades, como a radicalmente culturalista o pode ser em erros e absurdos. Separados modernamente, os campos na natureza e na cultura, *Natur* e *Kultur*, as ciências da primeira regem a ideia de leis, regendo as da segunda, ou do espírito, a ideia de eventos ou de sucessos. O fenômeno linguístico deve a complexidade á participação das duas, ainda que nêle notoriamente predomine a influência de ordem cultural, como produto da civilização, cuja fundamental essência é a permanente renovação. O caráter cultural do fato é hoje mais que patente. Os estudos do padre Schmidt sobre o paralelismo entre as áreas culturais e linguísticas, coincidem com as indiretas afirmações da escola spengleriana, e as próprias convicções das escolas sociológicas de Comte a Durkheim, de Tarde a Bester Ward. As aquisições científicas no campo da dialetologia, iniciadas por Ascoli e Cornu, ressaltam, por sua vez, o aspecto proeminente cultural da linguística em Gillieron, Gasen — Paris e Dauzat seus mais destemidos batedores. A contribuição natural, orgânica, é, contudo, inconfessável. Daí a reconhecida complexidade do problema, que parece *nager entre dex eaux*, participando de diferentes influências. Encontram-se os elementos de natureza cultural na própria atividade do espírito, a que serve a língua, na sua quase diríamos divina finalidade. Formam o substrato, a materia residual do povo, es-



# de idéias



## FENÔMENO DE CULTURA

triturada nas tendências, nas tradições, nas afinidades, por obra quase exclusiva da civilização. O contingente orgânico é, relativamente, escasso. Excluídas, por inevitáveis, disposições anatômicas e fisiológicas, diretamente vinculadas a influências do meio, ou do ambiente geográfico, bem como de outras do fundo eminentemente individual, vícios e deformidades pessoas, a linguagem reduz-se a fenômeno fundamental de cultura. Todo o erro da escola naturalista consistiu em confundir a espontaneidade do linguístico com a inata propensão do espírito para exteriorizar o pensamento, governado, como é sabido, tanto nas inibições, como nas expansões de ordem racional ou afetiva, por um conjunto de latências adormecidas nas profundezas do ser. Nada sabia a escola da forma e da razão por que despertam essas sonolências, desse *wake-up* da alma, a que não faltam modernamente explicações, que chegam a culminar no pansexualismo freudiano. O próprio léxico de uma língua ainda não é, a rigor, nossa linguagem. Imobilizados, desvitalizados pela inércia, os vocabulários lembram mais um ossuário, ou um cemitério, no conceito pitoresco de Bourciez. Em sentido social e biológico, língua é manifestação de pensamento como elementos fonéticos, acústicos, de expressão. De pensamento, e não de ideias, que dele são apenas células, ou simples elemento nuclear. E a palavra é a expressão verbal, ou material da ideia. A escrita, a ortografia, onde preponderam os elementos óticos, não passa de desenvolvimento ou visualização do fenômeno auditivo. O papel é fotográfico: o binômio *som* e *côr* só inspirou os Rimbaud e Sully Prudhomme pelo equivalente psicofisiológico existente na esfera sensoril. A *côr* de uma vogal de ser como o som do azul e do vermelho. A racionalidade da escrita sônica que tanto apaixonou a estirpe dos Gonçalves Viana e Leite de Vasconcellos, procurava a melhor correspondência entre as duas realidades — de som e de forma. Si na ideia e sua "entité concrete", a palavra, reside o fundamento da linguagem, a língua acompanha, como sombra, a eterna trajetória do pensamento. E este é sinônimo de cultura.

HENRIQUE LANGDEN

## O ESTADO — A FORÇA AO SERVIÇO DO DIREITO

A **ter**ia objetivista do Estado é de data muito recente; nasceu nos últimos anos do século passado. Teve contra si todo o mundo de idéias feitas, dos princípios consagrados no texto das constituições, nas máximas de governo, nos canones da política liberal. Ainda hoje, pela corrente das noções predominantes nos parlamentos e nas academias, é desconhecida ou desprezada. A despeito, porém, de todos esses tropeços e ameaças, pode-se dizer que já fez o seu caminho e desafia qualquer contestação. De acordo com um critério rigorosamente positivo, a explicação da teoria do Estado se encontra nos seguintes princípios: — Nas sociedades humanas, em que já se tenha operado a discriminação das diversas correntes de interesses coletivos, se estabelece, naturalmente, em obediência à lei geral de equilíbrio, uma diferenciação política, caracterizada pelo reconhecimento e aceitação de um sistema de funções de mando, ao qual incumbe, antes de tudo, a defesa da ordem, nas relações sociais. Para que as varias classes de interesses diferentes se mantenham em harmonia, é preciso que se subordinem à observância das normas de direito.

"O Estado é a força ao serviço do direito". Essas funções de disciplina são desempenhadas por um homem ou por um grupo de homens, como qualquer outra forma de atividade, no meio social. A esse homem, ou conjunto de homens, encarregado do desempenho de mando, se convencionou dar a denominação pouco precisa de "governantes", em oposição à massa do povo, que constitui o que se chama de "governados". A autoridade pública não pertence, porém aos governantes, qualquer que seja a forma de organização do Estado; não é uma prerrogativa política, um direito subjetivo, uma regalia, ou um privilégio; o poder do mando, no Estado, é inseparável das próprias funções de disciplina, é uma condição de ser, objetiva e impessoal, dessas funções. Os governantes, tanto como os governados, estão sujeitos à autoridade decorrente dessas funções de mando. Tanto os governantes como os governados, naturalmente, adstritos a conformar suas ações com os princípios de direito. Estão, uns e outros, inteiramente submetidos às regras de direito: os governantes devem pautar as leis que formulam e os atos que praticam pelos preceitos de direito, que são, ao mesmo tempo, preceitos de moral; e os governados devem obediência e respeito às leis e aos atos do poder público. As normas de conduta impostas aos governados pelos governantes são legítimas, uma vez que se conformem com os preceitos de direito, e o governo pode legitimamente lançar mão da força, para impô-las coativamente. É bem certo que, por abuso de poder, a autoridade pública muitas vezes impõe à obediência dos governados leis injurídicas e ordens ilegais. Mas esses atos de prepotência não prevalecem. O ritmo nas relações políticas acaba por restabelecer. As leis injurídicas são revogadas ou caem pelo desuso, os atos ilegais não se podem manter contra a repulsa, declarada ou latente, com que são recebidos. Em resumo, o Estado não é uma pessoa, dotada de direitos subjetivos, inalienáveis, imprescritíveis. O Estado é tão somente o fato, objetivo e real, da organização política de uma nação. Sob este aspecto, o Estado não é uma pessoa, com direitos próprios; é uma instituição, um aparelho de organização social, um ambiente de equilíbrios. Perante um critério rigorosamente objetivista, é inadmissível a confusão entre o poder de governo no Estado e o poder de mando, em que os governantes aparentemente estão investidos. A força, com que a organização do Estado se impõe, não reside na vontade de ninguém: é uma força de caráter objetivo, decorrente dos próprios princípios de equilíbrio da vida social. A evolução natural da vida, individual ou social, é sintetizada na seguinte fórmula: tendência invariável para o melhor equilíbrio, para uma adaptação mais perfeita. A ordem é um princípio indispensável de equilíbrio, inseparável do conceito de adaptação. O direito é um conjunto de preceitos necessários à manutenção da ordem no meio social. Os preceitos de direito não podem deixar de ser obrigatórios, visto que são necessários à ordem, condição primária da vida, individual e coletiva. Desde que se criaram no meio social as situações de conflito de interesses coletivos, desde que se formou o meio nacional, surgiu necessariamente, um conjunto de funções de disciplinas armadas do poder de coação, pelas quais o respeito aos princípios do direito passou a ser assegurado. Essas funções de disciplina, como qualquer outra forma de atividade no meio social, são exercidas por um indivíduo ou um grupo mais ou menos dilatado de indivíduos, em cujas mãos se enfeixa a maior força. Mas essa força de dominação não decorre da vontade dos governantes — rei absoluto ou corpo nacional de eleitores — e sim dos próprios princípios de equilíbrio pelos quais a ordem social se sustenta. Das necessidades da preservação da ordem é que decorrem as funções de disciplina, que, no seu conjunto, constituem a organização política do Estado. Encarado sob o aspecto de processo de preservação da ordem jurídica, o Estado não é uma pessoa, com direitos próprios; é uma instituição, um aparelho de organização social, um processo de equilíbrios. O Estado representa uma síntese de interesses econômicos, perfeitamente diferenciados de todas as outras ordens de interesses representa um patrimônio. Considerado como titular de seus direitos patrimoniais, é, sem dúvida, uma pessoa jurídica. Nesse aspecto particular é equiparado às funções.

EUSEBIO DE QUEIROZ LIMA



Degas — "Dançarina"

## O ANO DE 1900... DEGAS... PICASSO...

enorme de pintar novos aspectos. Montmartre encheu os seus olhos de impressões torturadas. E ele corre para os circos, pinta "clowns" e arlequins, com ardor e ansiedade. As côres fortes, as atitudes excêntricas, os saltos sôbre o vácuo, as fisionomias trágicas lhe despertam idéias e entusiasmos renovadores.

O azul e o vermelho foram o trampolim para o seu triunfo. A tela "Os saltimbancos", vendida à Princesa Lechnowky, por doze mil francos, lhe abriu o caminho

A pintura francesa do fim do século XIX até o início deste, quando não era grotesca, era inquieta. Tem-se a impressão de que, depois do ciclo do romantismo, os artistas de tôdas as regiões da França, e mesmo os estrangeiros que ali vieram se estabelecer, necessitavam de agitação, de desequilíbrio, de fugir das sombras imóveis de que os seus antecessores se haviam entoxicado.

A linha clássica da estesia desprendeuse do sonho e começou a viver. Foram ficando para trás as árvores melancólicas e esguias de Corot e a ondulação dos nus macios de Ingres.

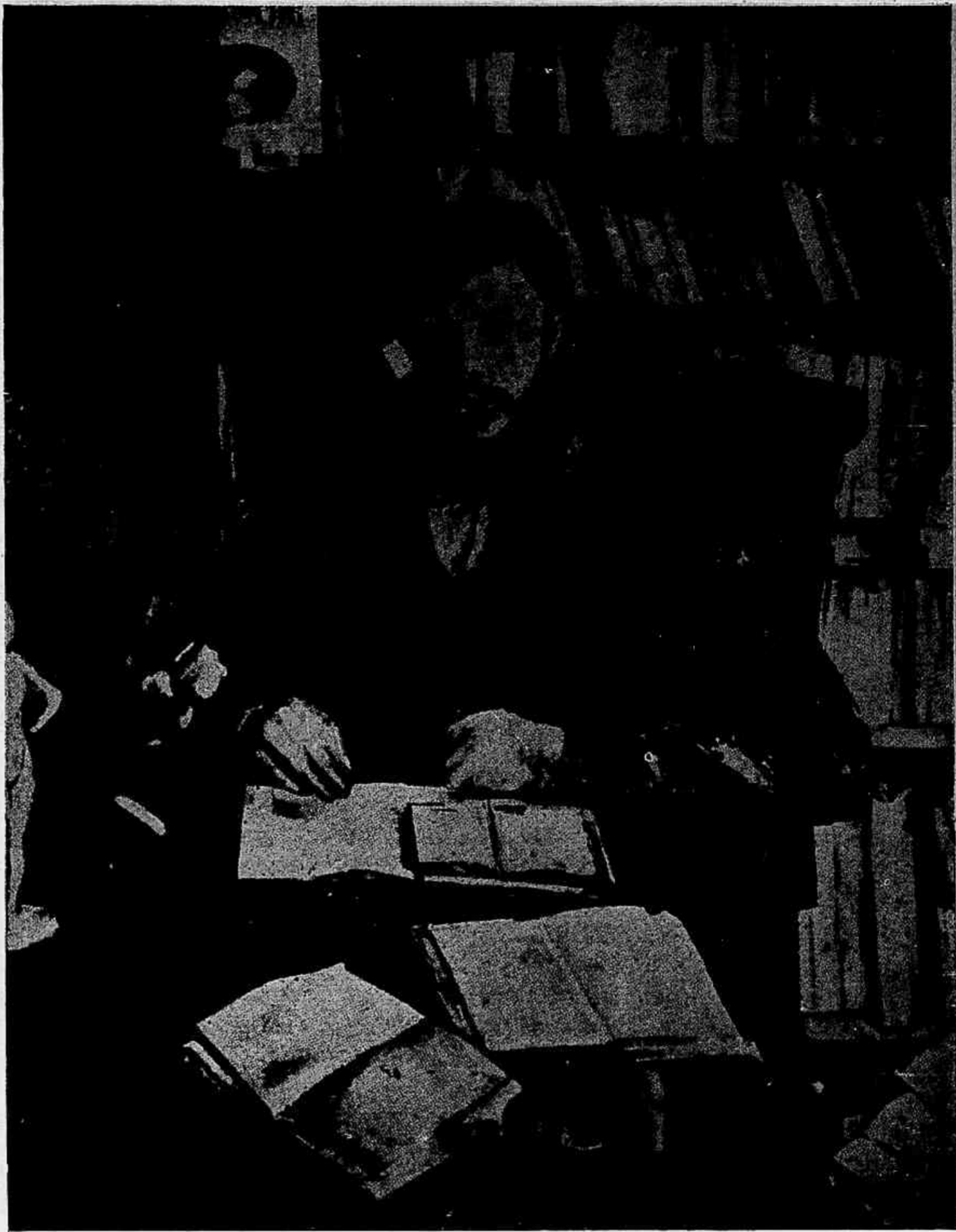
Cezanne, Matisse, Utrillo, Ronalt, Monet, Renoir, apareceram como orquídeas estranhas num panorama angustiado. Picasso chegou a Paris com a sua bóina catalã, a velha caixa de tintas e uma sêde

Renoir — "Mãe e filhos"



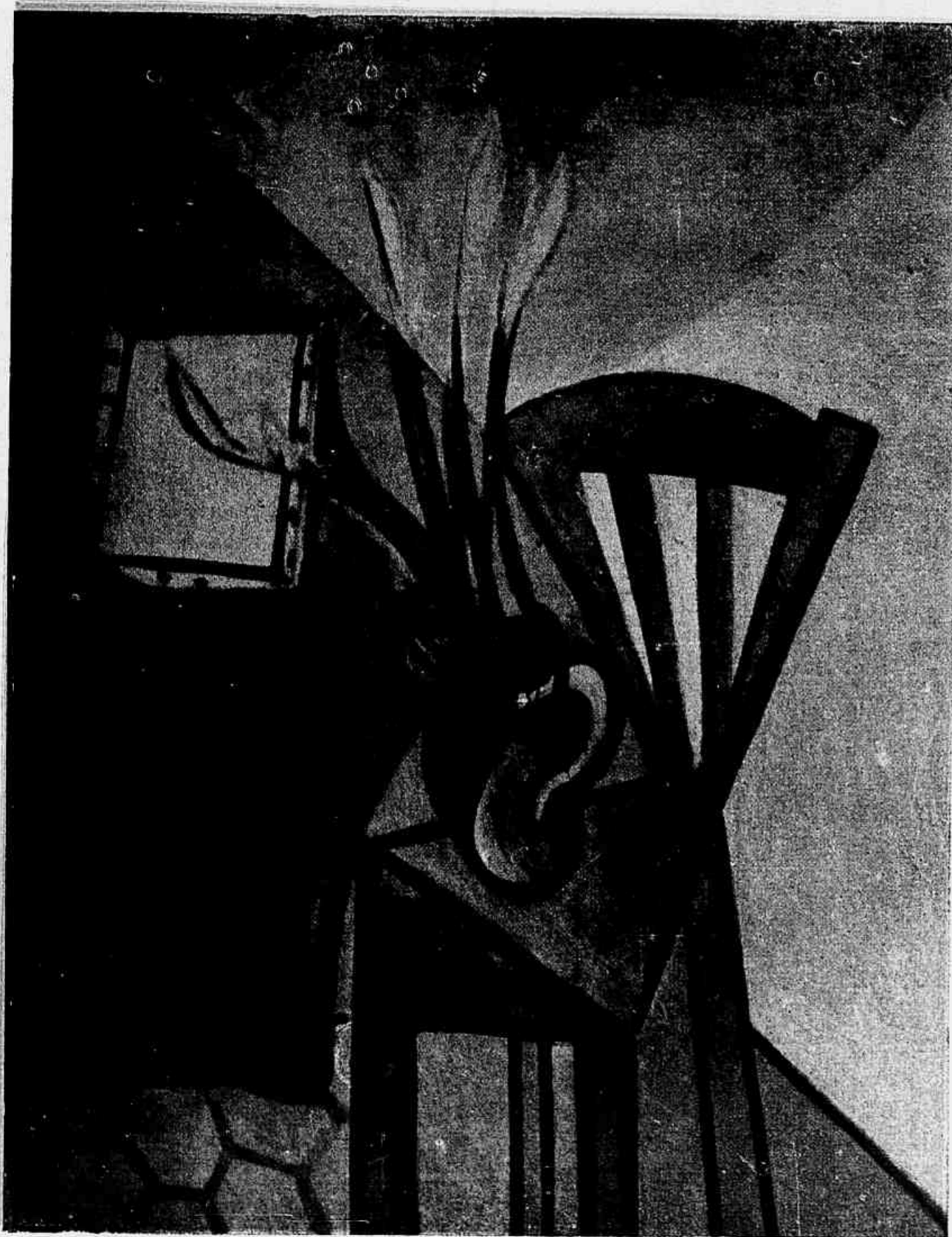
para a glória. Depois, a sua insaciedade estética o levou para outros rumos. O seu sangue rude, habituado a latejar sob o sol fervente da Catalunha, não se contentou com as notas suaves, o equilíbrio, a doçura harmoniosa dos motivos já tão explorados por outros artistas. E Picasso uniu-se aos espíritos mais ardentes de Paris. Apollinaire estava sempre em sua companhia. Sergio Dighler tornou-se seu amigo, e o contacto de "Ballets Russos" lhe deu uma agilidade mais quente, alguma coisa como o vento que, ao meio-dia, sopra, às vezes, a areia dos campos em que descansam os "miuras" da sua terra. Picasso era a Espanha, em todo o seu vigor, que ia esquecer-se das suas tradições nos cafés tumultuosos de Paris para, também, poder viver no século XX.

Degas era um outro temperamento, no panorama das artes plásticas daquele tempo. Conta um jornalista, seu contemporâneo, que, um dia, o bom Degas o recebeu em seu "atelier" da rua Victor-Massé. Ao vê-lo, perguntou-lhe o mestre, serenamente:



Cesanne — "Retrato de Gustavo Gebroy"

Picasso — "Bouquet sobre a cadeira"



— Que deseja, meu amigo?  
 — Aproximar-me do senhor, olhá-lo bem de perto, junto de meus olhos — disse-lhe o visitante.  
 — Curioso... — murmurou Degas, pensativo. Os outros vêm aqui para ver os meus quadros. O senhor teve o trabalho de subir estas escadas só para ver-me... É pintor?  
 — Não... Sim... Respeito muito a pintura para profaná-la com o meu pincel...  
 — Ah! Então, o senhor não vai à igreja porque ama demais a Deus? Não, não faça isso, meu amigo. Vá aos museus e pinta, como deve ir às igrejas e rezar... Degas era um poeta dos meio-tons. A graça das suas bailarinas impregnava toda a sua alma. E a sua alma enchia os bastidores dos teatros de Paris como a sombra de uma alta e imensa flor intangível...

## A PROPÓSITO DE PEDRO II

## A ESTATUA DE BALZAC

Primeiro, consultei Pedro Calmon, técnico em D. Pedro II. Em seguida, consultei Paulo Rônai, técnico em Balzac. Nem o biógrafo ilustre e minudente de *O Rei Filósofo* nem o coordenador erudito e meticoloso da edição brasileira da *Comédia Humana* tinham notícia de que D. Pedro II deixou seu nome, ao lado de Maupassant, François Coppée, Villiers de L'Isle-Adam, Ferdinand Lesseps, entre os primeiros contribuintes da subscrição pública de que resultou a estátua de Balzac.

É André Billy, no livro que dedicou à *L'Epoque 1900*, quem nos dá notícia de que o último imperador brasileiro contribuiu, logo no primeiro instante, para que Paris erguesse, com o gênio de Rodin, o monumento ao inextinguível trabalhador literário que Barbey d'Aurevilly definiu como o Napoleão da literatura, — logo acrescentando: sem o crepúsculo de Waterloo.

Se bem me lembro, foi Stefan Zweig quem atentou para a circunstância de que Balzac tem sido, para os seus biógrafos e analistas, um tema perigoso, pelo risco de predispor quem o toca às emboscadas da má fortuna.

Alain era de opinião que a incredulidade somente subsiste enquanto não consultamos o oráculo: desde que o fazemos, estamos obrigados a dar-lhe um pouco de crédito...

No caso de Balzac, a evidência dos fatos, corroborando a desconfiança de Zweig, é um sopro nas velas da credulidade, impelindo o barco à feição do leme que obedece ao governo de nossa mão.

O próprio Zweig, suicidando-se antes de concluir a biografia do romancista, poderia servir de novo argumento de grande peso à suspeição da cábula póstuma, se a vida humana, no espetáculo de todos os dias, não fôsse, em verdade, um tecido de surpresas e coincidências.

A estátua de Balzac, levantada entre dificuldades de toda ordem, é outro indício pitoresco de que, no culto ao grande morto, se queima o incenso à custa de tribulações.

A idéia do monumento, partida de Alexandre Dumas, teve o seu primeiro obstáculo na oposição da viúva do escritor, que pretendeu embargar, com o apóio da Justiça, o projeto de uma subscrição nacional em favor da homenagem.

Mesmo com os embargos de Madame Hanska, a idéia não morreu. Em 1883, a "Société des Gens de Lettres", de que Balzac havia sido um dos fundadores, decidiu levar o projeto a bom termo, a fim de ser erigido o mármore na praça do Palais-Royal.

Por esse tempo, a importância arrecadada pela subscrição de Alexandre Dumas, em vez de atender ao monumento de Balzac, havia sido empregada no túmulo de Frederic Soulié. E outra subscrição é então lançada pela "Société des Gens de Lettres", com a expressa finalidade da estátua do romancista.

É a essa nova convenção que Pedro II dá apoio da primeira hora, com a dupla contribuição do seu donativo e do prestígio de seu nome imperial.

O escultor Chapu, a quem a "Société des Gens de Lettres" confia a execução do monumento, é a primeira vítima da estátua, num longo rosário de vicissitudes: morre, assim que lhe termina a *maquette*.

Emile Zola, presidente do cenáculo, recusa a *maquette* de Chapu e sugere que se entregue a Rodin a execução da estátua. Em plena batalha para a afirmação de seu gênio, Rodin se compromete a entregar o trabalho no curtíssimo prazo de dezoito meses.

Em janeiro de 1893, quando o tempo se escoou, o que existe da estátua é um esboço vago de projeto, na cabeça do escultor. E somente em 1897, depois de lutas de toda ordem, é que Rodin termina o monumento.

No Salão Nacional de Belas Artes, onde a obra de arte é exposta, trava-se um novo combate, mais áspero, mais renhido, entre a audácia da concepção artística e a incompreensão do público. No *Galois*, Jean Rameau, criticando o trabalho de Rodin, sugere que se faça à estátua um pedestal tão alto, para que só de longe ela possa ser vista.

Ante o clamor da imprensa e a incompreensão do público, a "Société des Gens de Lettres" recusa o trabalho em que Rodin empregara o melhor de seu gênio.

E é somente após a morte do escultor — conforme acentua André Billy, no relato de *L'Epoque 1900* — que o Balzac de Rodin se ergue sob o céu de Montparnasse.

Um observador propenso à credulidade fácil poderia dizer que a má fortuna, que costuma atingir os oficiantes do culto ao romancista, não se limitou a alcançar, no caso da estátua, os artistas que a levantaram. A cábula, ao que parece, apanhou alguns dos subscritores do monumento, confirmando a jetatura de Balzac.

Lessep, por exemplo, acabou na cadeia, Maupassant, no hospício. E Pedro II, que deve ter assinado a subscrição em 1888, no ano seguinte perdeu a coroa...

## LIÇÃO DAS REVOLUÇÕES BRASILEIRAS

Jules Lemaitre, no quinto volume dos ensaios críticos de *Les Contemporains*, dedica um desses estudos, com a data de 1889, a D. Pedro II.

O ponto de partida do estudo — mais uma fantasia que um ensaio — é a deposição do velho imperador, em consequência da proclamação da República no Brasil.

Lemaitre, para dar a seu comentário político a configuração literária, redige-o à feição de um apêndice ao capítulo XXVI do *Candide* voltaireano.

Nesse capítulo, Voltaire fez Candide sentar à mesa, numa hospedaria veneziana, em companhia de Martin e de mais seis estrangeiros. Os seis estrangeiros são: Achmet III, velho sultão destronado; Ivan, imperador de todas as Rússias, também expulso do trono; Carlos Eduardo, rei da Inglaterra, igualmente no exílio; Augusto III, rei dos Polacos, em condição idêntica; Stanilas Leczinski, rei dos Polacos e duplamente banido, e por fim Teodoro, barão de Neuhoj, ex-rei da Córsega. Todos eles tinham vindo, naquela ocasião, passar o Carnaval em Veneza.

Lemaitre, na página de *Les Contemporains*, acrescenta à meia dúzia de reis no exílio o imperador brasileiro, continuando a seu modo, na graça do pastiche literário, o capítulo de Voltaire.

E é assim que principia a narrativa: "Depois de ter escutado os seis reis que tinham vindo passar o carnaval em Veneza, Cândido notou um sétimo personagem que ceava lautamente numa mesa vizinha. Era um velho de ar nobre e afável, com uma bela barba derramada sobre o peito".

Ante uma pergunta de Cândido, que se mostra profundamente impressionado com o ar de contentamento do velho imperador exilado, Pedro II lhe dá esta resposta:

— "Eu quase não ocupava o trono. Aliás, meus súditos me baniram com as maiores atenções. Era no Brasil que eu reinava. Mas devo confessar que eu pouco residia em meu império. Eu me comprazia mais nas minhas longas estadas em

Paris, essa capital das ciências e das artes, onde a vida é tão doce e tão nobremente empregada e onde disponho de excelentes amigos”.

Depois de mostrar as doçuras de seu Império e de aludir à circunstância de pertencer a uma família real propensa a perder os tronos, “sem nenhuma aptidão para reconquistá-los”, Pedro II termina por contar a forma original por que



havia sido proclamada a República em nossa terra:

— “Devo acentuar que os revolucionários foram perfeitos. Eles compreendiam que o que ocorrera não tinha sido por culpa minha, que eu mesmo estava a par de tudo e não os odiava. Nunca uma revolução foi mais pacífica nem mais cortês de parte a parte. Aquêles senhores me embarcaram com muita polidez, num navio bastante confortável”.

E completando a narrativa, sem esconder a emoção:

— “Todos nós tínhamos lágrimas nos olhos, quando nos separamos. E se eu quisesse me aproveitar da comoção geral, talvez ainda estivesse no Rio de Janeiro. Mas aí minha situação seria um tanto precária. A condição de simples particular convém mais aos meus gostos. Além do mais, eu adoro as viagens. Amanhã de manhã deixo Veneza e estarei em Paris dentro de oito dias’.

Por fim, num suspiro de conformismo, Pedro II encontra, para remate de seu romance de rei, êste consôlo de filósofo:

— “No mesmo dia em que perdi minha coroa, o presidente Carnot me ofereceu as palmas de oficial da Instrução pública. Isso me deu um grande prazer”.

E Jules Lemaitre, passando da fantasia literária ao comentário político, extrai do episódio esta lição: “Dessa forma o Brasil acaba de inaugurar brilhantemente, e do modo mais curioso, uma nova espécie de revoluções: aquelas em que os povos serão polidos e os monarcas resignados. Uma revolução nada mais será do que uma luta de cortesias entre vencedores e vencidos. A fuzilaria, nesses casos, será substituída pelas barretadas”.

E é êsse, em verdade, um dos traços marcantes da originalidade brasileira. Nossas revoluções, com a graça de Deus, acabam em salvas de artilharia e em banda de música. Porque não é com ódio que se voltam as páginas de nossa história política.



## A DEUSA DAS SOMBRAS LONGAS

A deusa das sombras longas  
eu sei que, um dia, virá.  
Virá do abismo. (Na Noite,  
ela se perde por lá...)

Virá do abismo. Entre as ondas  
e os ventos, numa hora má,  
as suas lanternas roxas,  
em silêncio, apagará...

(Luz, para quê, se, nas trevas,  
são mais fundas suas velas?)  
Ela há de vir para cá...

E, na oculta areia fria  
da minha enseada invisível,  
em mim desembarcará.

PADUA DE ALMEIDA

**H**a pouco tempo, o público do Rio ovacionou calorosamente o pianista Witold Malkuzynski que, faz alguns anos, fazia no palco do Teatro Municipal a sua estréia no continente americano, recém-laureado que fôra no Concurso Internacional de Varsóvia.

Malkuzynski lembra Paderewski na mocidade e pode considerar-se atualmente o herdeiro artístico do inesquecível pianista polonês. De fato, foi Paderewski quem o preparou para o concurso que lhe abria as portas duma brilhante carreira internacional.

Hoje, no transcorrer dessa carreira, Malkuzynski fez a volta do mundo. Conversar com êle equivale a participar dessa aventura excitante. Aqui o vemos na fotografia, ora aos pés da imagem impressionante dum Buda colossal, ora montan-



*Malkuzynski montando um elefante*

o marido; para sermos exatos: ao concurso que lhe deu êsse marido — e as duas filhinhas do casal: Pierrette, morena e graciosa como a mãe; e Christine, loura e do tipo bem eslavo.

— As garotas gostam de música? — pergunto.

— Demais! — responde-me o pai — Nós não desejaríamos, de modo algum, que elas seguissem a carreira artística. Mas, de momento, não há como arrancá-las às suas respectivas paixões: Pierrette e o piano; Christine e o ballet.

A conversa vai correndo amena; os minutos voam, Malkuzynski confessa-se encantado, porque eu quase não lhe faço perguntas. E conta-me que já lhe fizeram perguntas deste teor: "Que é o que o senhor toma com o café da manhã?" "Qual é a côr do seu pijama?"

## A VOLTA DO MUNDO COM MALKUCZYNSKI

Reportagem de SHEILA IVERT

do um elefante, ora ainda saudando à maneira indú dois bailarinos de Ceilão em trajes típicos, acima dos quais se ergue misterioso um deus da trindade indú.

Pergunto a Malkuzynski se o público do Oriente se interessa muito pela música.

— É um público excelente — responde-me êle — Onde quer que eu tenha tocado, seja no Novíssimo Continente, isto é, Austrália e Nova Zelândia, seja na Índia ou em Ceilão, sempre encontrei uma correspondência entusiástica da parte do público, e note bem: quando me refiro a "público", não falo dos europeus lá residentes e sim às populações nativas que formam a grande maioria dos auditórios.

Uma nota curiosa, para os fãs de Malkuzynski: sabem que êle é adepto convencido da *yoga*?

— Diga uma cousa — pergunto — aderiu à *yoga* por simples curiosidade, ou encontrou nela resulta-

dos práticos?

— Resultados surpreendentes! — responde-me êle, com tôda a convicção. — Não conheço nada melhor para a saúde e para o sistema nervoso. Nunca deixo de praticar a *yoga*, antes dos meus concertos.

— Mas quem o iniciou na *yoga*?

— Foi Yehudi Menuhin. Imagina que, durante uma das suas tournées pelo Oriente, Yehudi conheceu um mestre da *Yoga* e tal foi o seu entusiasmo, que o convidou a passar as férias, na sua casa da Suíça. Ora, acontece que Yehudi e eu somos quasi vizinhos. Daí, a minha adoção à *yoga*.

Eu não disse que, com Malkuzynski, fazemos a volta do mundo? Com a *yoga* viemos da Índia à Suíça. É nas montanhas suíças, cobertas de neve, que vamos conhecer, praticando o esquí, tôda a família Malkuzynski: êle, a espôsa — a pianista francesa Colette Gaveau, concorrente ao mesmo concurso que laureou

— Veja só que absurdo! — comenta êle, sacudindo a cabeça, à lembrança desses episódios.

É realmente de estarrecer que, tendo oportunidade de conversar com um artista inteligente e viajado, alguém perdesse tempo em focalizar assuntos tão insossos. Enfim, são as surpresas da carreira que, com exceção desses pequenos espinhos, tem sido para o artista um rosol semelhante aos que, no verão, perfumam as veredas da Suíça, essas veredas floridas e amenas onde, certamente, brincam Pierrette e Christine, esperando o regresso do pai. Sem que eu lhe pergunte, Malkuzynski faz êste comentário sobre o Rio:

— É uma cidade brilhante, de intensa vida social! Quantas recepções, quantos cocktails, quantos jantares! E, em tôdas essas festas, a par dos smokings, símbolo da rigorosa etiqueta do brasileiro, quantas mulheres bonitas! E como se vestem bem!

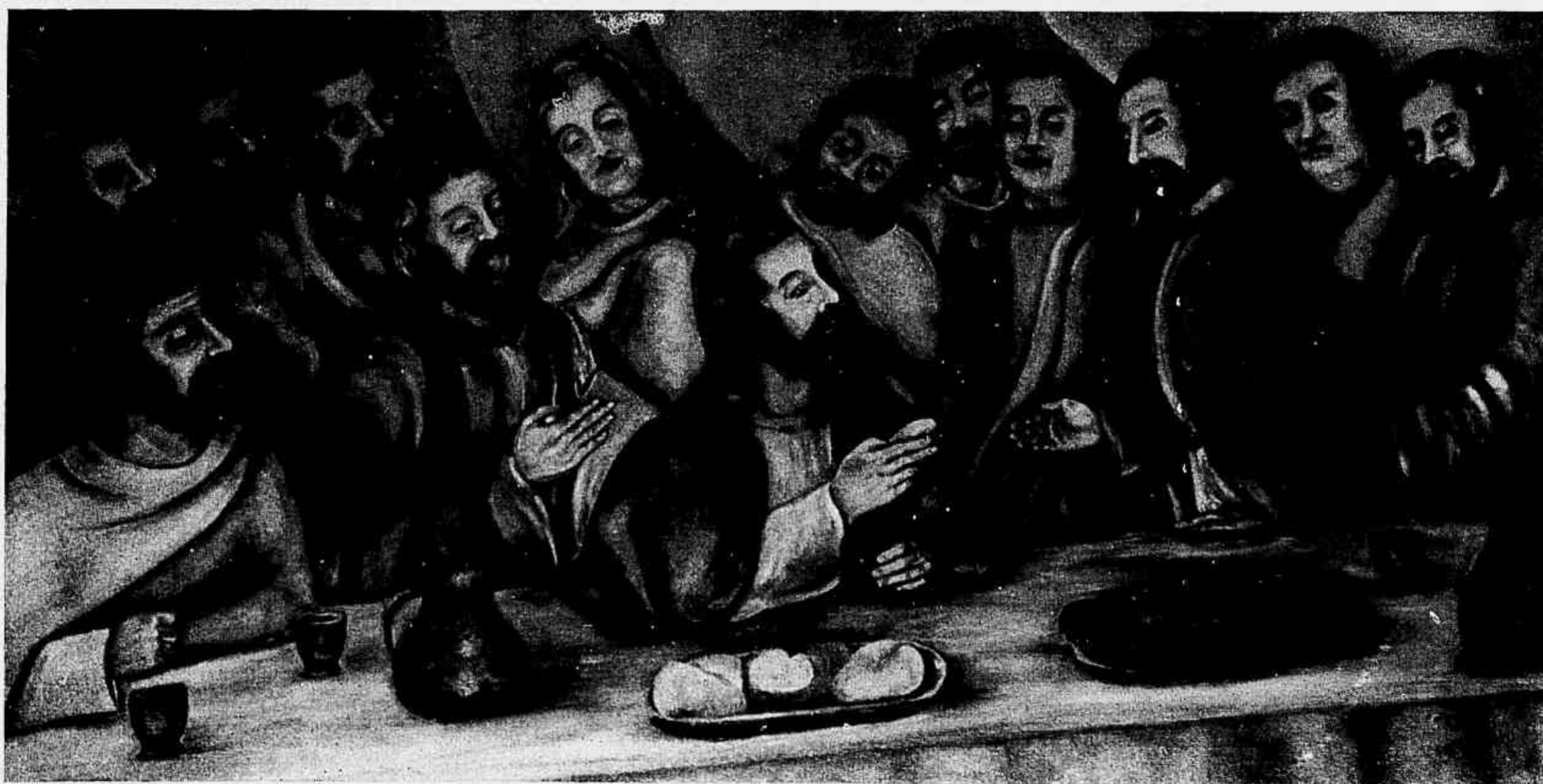
## UM GRANDE QUADRO DA "CEIA" DO SENHOR

**P**or ocasião de seu aniversário, ocorrido na sexta-feira santa dêste ano foi o engeheiro patricio dr. Libero Oswaldo de Miranda presenteado pela sua espôsa, Senhora Dejanira Fróis, com um sugestivo quadro de sentido religioso, representando a "Ceia do Senhor". Trabalho de amplas proporções, êssa tela traduz uma rara sensibilidade artística, como será fácil de verificar da nossa gravura. Dessa obra em que técnica e sentimento se harmonizam

e equilibram disse o mestre Henrique Cavalleiro, professor da artista, escrevendo a sua impressão nestes termos:

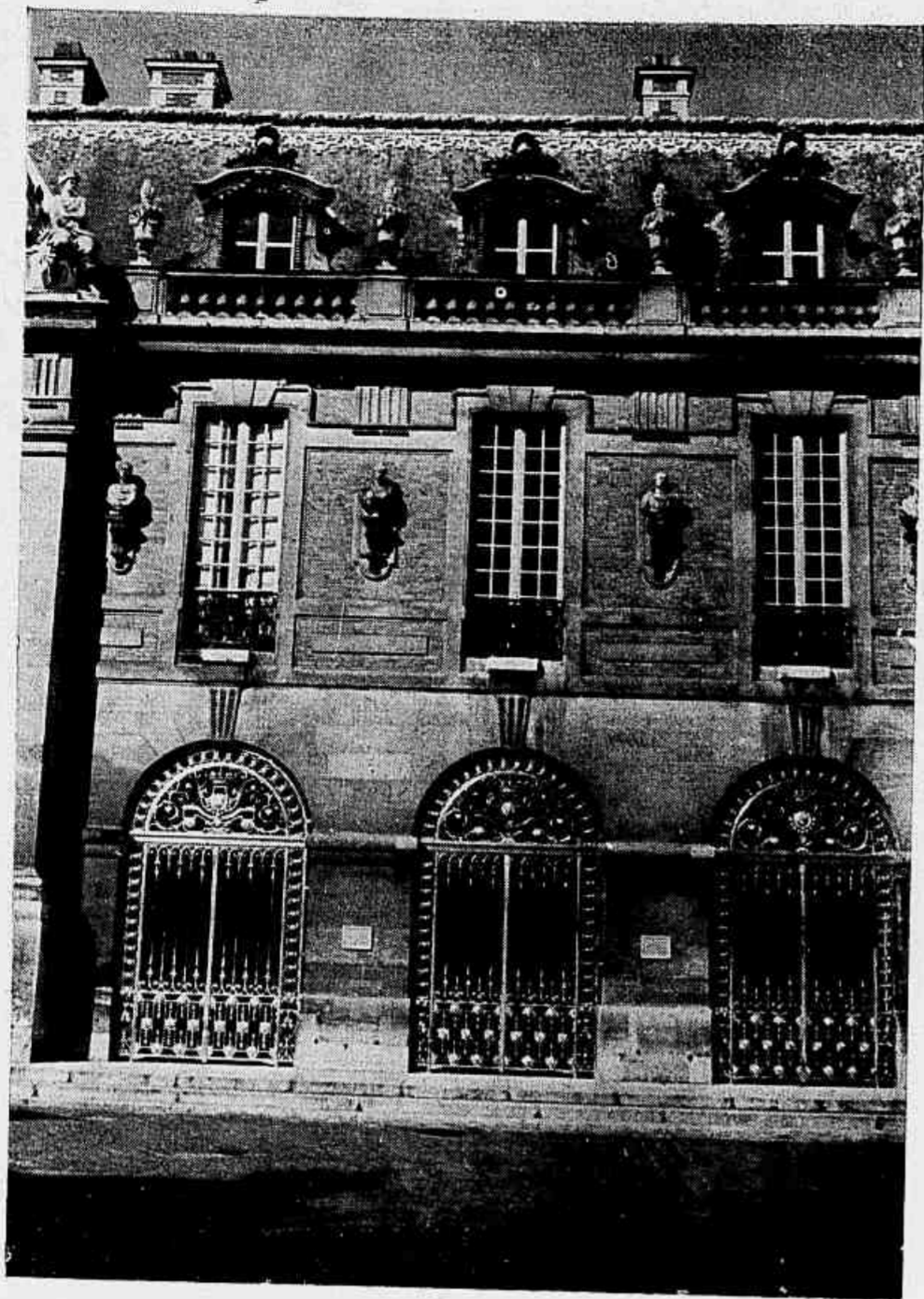
" — Felicito-a por seu trabalho. Lembro-me, que ao ter notícia das proporções da tela, dissera a Ivone ser um tanto audaciosa a ideia. E é realmente. Não esperava, francamente, encontrar o que estou vendo. Pela suavidade de tons, dá-nos a impressão de uma pintura dos séculos XIV ou XV.

Por seu panejamento, leve, suave, lembra-nos uma tela de Giotto, de Piero de la Francesca. Caracteriza-se pela espontaneidade e está bem longe dos primei-



ros trabalhos da autora, ao tempo da Escola. — Portinari gostaria de ver este trabalho. — Suas tonalidades, baixas, uniformes, casam-se muito bem, como um painel decorativo. — Tem forte espiritualidade; somente muita fé, uma fé ardente, de parte do artista, justificam a expressão espiritual que brota de cada uma das figuras do quadro. Também a composição está muito boa."

Cavalleiro é um dos nossos maiores pintores contemporâneos e a sua opinião tem o mérito da sinceridade. Dejanira Fróis bem a mereceu pelo seu esforço e pelo seu esplêndido talento.



*As novas grades das Portas do Castelo de Versalhes, executadas pela artista Brandt.*

# RESSURREIÇÃO DA ÓPERA DE LUÍS XV EM VERSALHES

## O MAIS BELO TEATRO DO MUNDO

Após quatro anos de trabalho intenso, uma das grandes etapas da ressurreição do Castelo de Versalhes acaba de ser vencida: a Ópera de Luis XV, o mais belo de todos os teatros do mundo, reencontrou seu brilho primitivo. Construído a partir de 1767 por Jacques Ange Gabriel, o arquiteto da Praça da Concorde, foi solenemente inaugurado três anos mais tarde, num banquete por ocasião do casamento do Delfim de França — o futuro Luis XV — com a arquiduquesa Maria Antonieta de França.

Despojado de sua mobiliária preciosa e de suas sêdas durante a Revolução, pintado de vermelho "pompéien" sob Luis-Felipe, sofreu uma última metamorfose nos princípios da Terceira República em 1871. Foi convertido em salas de reuniões do Senado, transformação lamentável, que levou a abrir uma vidraçaria no centro do teto, a colocar um soalho no nível do palco, por cima desta, a construir uma pesada tribuna para os oradores. Desde aquela época, o maravilhoso teatro real já era irreconhecível.

Se cogitava da restauração há muito tempo; esta tarefa complexa e delicada foi levada a efeito, não somente pela restauração do edifício mesmo, mas pela restituição quasi total dos elementos sumidos. No teatro enfim ressuscitado, a primeira representação foi dada em honra de S. M. a Rainha Elisabeth II, de Inglaterra, e da S. A. R. o Príncipe Philip, Duque de Edimburgo.

A arquitetura interior da Ópera de Versalhes foi construída em madeira, madeira verde demais, aliás. Foi necessário reforçar todos os elementos constitutivos, notadamente a grande arquitrave do palco, que ameaçava desmoronar, assim como os delicados baixos-relevos de Pajou, que decoram as tribunas.

Para restituir à sala todo seu caráter primitivo, e para restabelecer fielmente a deslumbrante policromia de falso mármore, foi necessário recorrer aos inventários originais, às descrições contemporâneas, e, naturalmente, aos raros fragmentos ainda não recobertos pela pintura do século passado. Assim foi reconstituído o mármore vermelho do Languedoc, o mármore "griotte" das colunas coríntias e dos socos, e o mármore Campan, mosqueado de verde, das partes chatas. Nas reservas do museu, foi encontrada a pintura decorativa de Durameau, representando Apolo premiando as Artes, a qual foi recolocada no lugar da inoportuna vidraçaria do teto. O chão tendo sido restabelecido no seu nível primitivo, surgiu o problema das cadeiras: poltronas confortáveis ou, para respeitar a exatidão arqueológica, bancos semelhantes aos inicialmente existentes? Esta última solução prevaleceu, mas encostos amovíveis foram adaptados aos bancos, afim de satisfazer às exigências do século XX! Fragmentos de fazendo foram

*A cortina de boca do palco.*

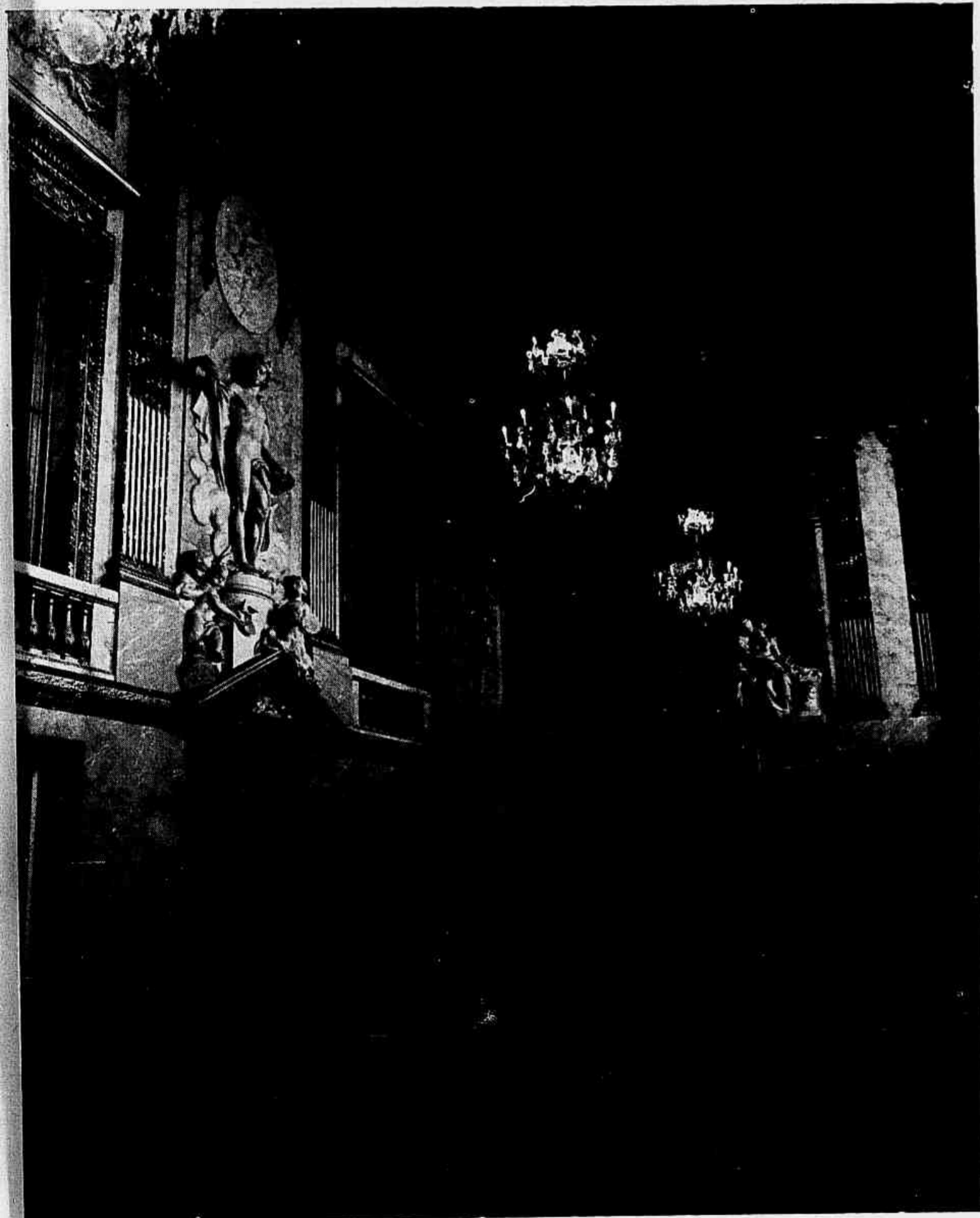
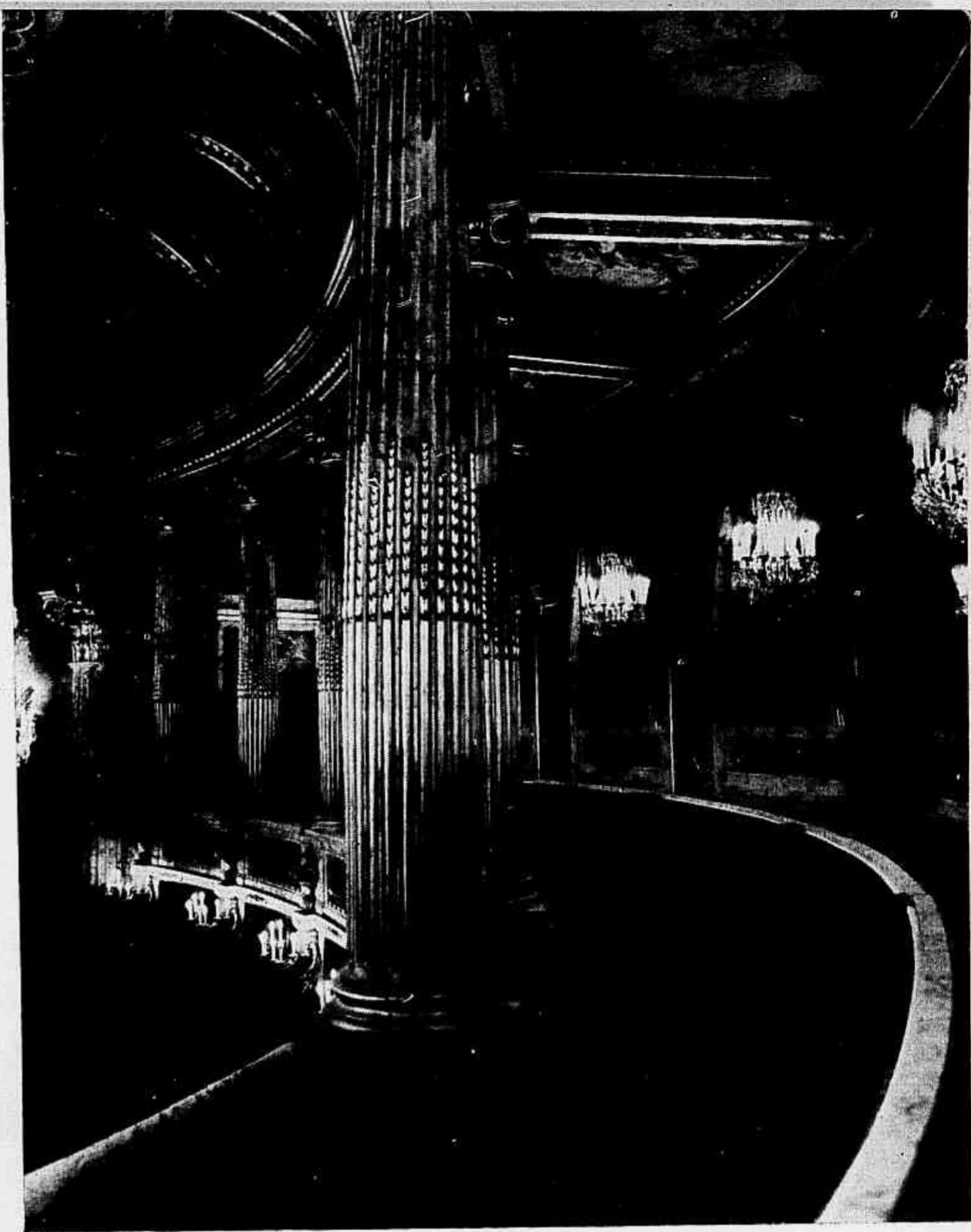




*A Ópera de Versalhes: os balcões*

recontrados por milagre. Esta descoberta permitiu cobrir os bancos de veludo de Utrecht azul escuro, veludo tecido em Amiens, nas prensas da época. A cortina do palco, guarnecida de flôres de lírio, foi também reconstituída. E dois renques de lustres de cristal foram colocados nas partes altas do teatro, um dêles suspenso na abóbada do teto, o outro pregado aos espêlhos do último balcão. O Camarote do Rei, assim como os dois camarotes laterais do primeiro Ministro e do Intendente dos Edifícios Reais, foram guarnecidos, como na origem, de grades de bronze dourado. Debaixo da pintura, foi encontrada com surpresa, uma encantadora decoração antiga. Para completar a ilusão, foram dispostas, no chão, espessas peles de ursos do Canadá.

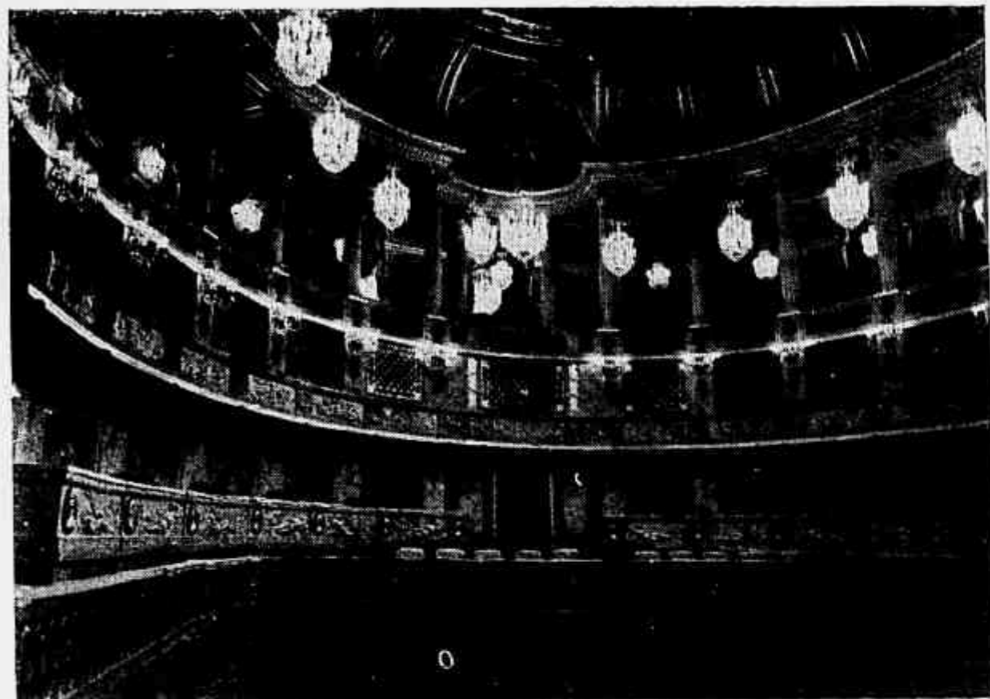
Se a sala do teatro de côrte só pode receber setecentos espectadores, o palco é o maior da França, após o da Ópera de Paris, construído sob Napoleão III por Charles Garnier. Foi equipado de maneira a mais moderna e dotado de todos os dispositivos de segurança. As decorações arquitetônicas à antiga foram também reconstituídas, tais como se apresentavam no Século XVIII. Naquela época, uma extraordinária maquinaria permitia levantar o soalho da sala, afim de pô-lo no nível do palco. O teatro era assim transformado numa imensa sala de baile. Enfim, o palco da Ópera foi também objeto de uma restauração muito atenta. O admirável foyer, decorado de figuras e medalhões de madeira de Pajou, readquiriu a sedutora policromia de falso mármore. Acrescentamos que a eletrici-



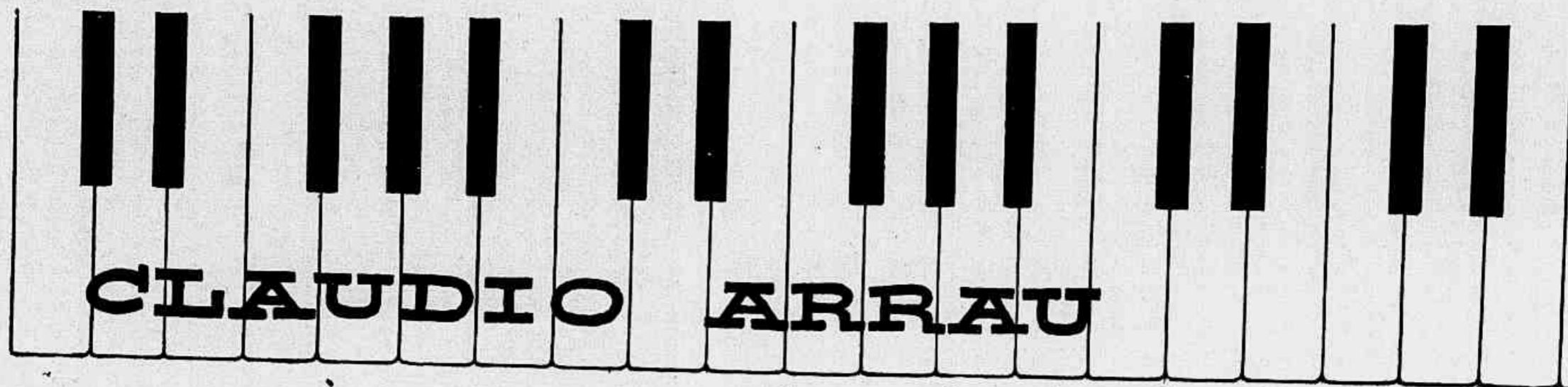
*A Ópera de Versalhes: o Foyer*

dade substituiu as velas de outrora, mas foram instaladas falsas velas, e para isso cento e sessenta e cinco quilômetros de cabos foram necessários.

Amanhã, a Ópera de Gabriel poderá se tornar o centro de um prestigioso festival, que poderá rivalizar com os de Salzbourg e de Bayreuth. Lully e Rameau se encontrarão em casa. Suas magníficas óperas suntuosas devolverão ao mais belo teatro do mundo sua razão de ser. Até lá, a representação de gala que marcou oficialmente a ressurreição do teatro real, marcou também um memorável aniversário: há um século, em Setembro de 1855, a Rainha Vitoria da Inglaterra e o Príncipe Albert foram recebidos neste mesmo teatro, por Napoleão III e pela imperatriz Eugénie; um jantar, servido por mesinhas, devolveu à Ópera um pouco de seu brilho. Em Abril de 1957, a Rainha Elisabeth e o Príncipe Philip, recebidos pela Presidente da República francesa na antiga residência dos Reis de França, evocaram com certeza o jantar histórico, iluminado pelas elegâncias faustosas do Segundo Império. Mas, pela primeira vez desde a queda da monarquia francesa, a Ópera de "Luis o Bem-Amado" expressou exatamente toda a graça do século da "douceur de vivre".



*A Ópera de Versalhes, vista geral.  
Ao centro: o Camarote real.*



## *mestre do teclado.*

**D**e todos os embaixadores do Chile, um dos mais simpáticos não é nem estadista nem político, mas músico. Em todos os cinco continentes, milhares de pessoas que, de outro modo, jamais teriam o menor contacto com o Chile, são tomadas de um sentimento de comunhão com aquêle país ao ouvir Claudio Arrau ao piano.

Apesar do que muita gente pensa, a música não é sempre um idioma universal eficaz. Inúmeros músicos, mesmo famosos, têm-se mostrado provincianos, sem qualquer sentido de internacionalismo. Pelo estilo de tocar ou pela maior ênfase que dêem a valores afetivos nacionais ou regionais, desprezando os universais, permanecem dentro de limitados horizontes e tendem a realçar, justamente, as diferenças entre as nações, e não as verdades e belezas fundamentais capazes de unir a humanidade. Os músicos franceses, por exemplo, tocando para platéias norte-americanas, às vezes se queixam de que conquanto na França o que faz mais sucesso é uma execução musical fria, controlada, intelectualizada — quase, por assim dizer, rarefeita — nos Estados Unidos o auditório exige outro tipo de



*O famoso pianista, em companhia de sua mãe, em março último, quando passou quatro dias no Chile, num intervalo de tounée.*

apresentação. Da mesma forma, a maioria das platéias latino-americanas rejeita a precisão mecânica, a velocidade tipo trem-expresso, de certos jovens pianistas estadunidenses que ainda não aprenderam a exprimir, pela música, o que lhes vai no mais íntimo do coração e da alma.

Em Claudio Arrau, pois, o importante não é o fato de ser chileno, nem a sua técnica pianística extraordinária, que lhe permite — caso queira — tocar com tanto barulho e tanta agilidade como qualquer outro. Não. A honra que êle trouxe à sua pátria resulta de ser sócio remido de um clube muito restrito: o dos pianistas que sabem usar a técnica para revelar beleza e verdade musicais, e não apenas para se exhibir. Walter Gieseking e Rudolf Serkin — citemos somente dois exemplos de mérito indiscutível — pertencem igualmente a êsse pequeno círculo de pianistas mais preocupados com a expressão musical do que com a dextreza digital; e entre eles é preciso incluir a exímia brasileira Guiomar Novais e o jovem argentino Roberto Caamaño, que aliás é compositor também. Arrau é um dos "pares" da música, coisa que hoje em dia só se poderia dizer de uma dúzia de pianistas vivos, se tanto — seguindo, é claro, os critérios da crítica mais exigente.

A carreira de Arrau, que nos últimos dez anos atingiu escopo verdadeiramente internacional, constitui um tributo à sabedoria, à sensibilidade e à generosidade do governo chileno. Tendo nascido na cidade de Chillán, revelou excepcional talento na mais tenra infância. Em seu torrão natal, começou a tocar piano aos três anos, e aos cinco deu um espantoso recital em Santiago, com que chamou a atenção de pessoas altamente colocadas no governo. Ora, isso se deu há quarenta e poucos anos, e nessa ocasião faltavam ao Chile os recursos indispensáveis para proporcionar, a um jovem de tamanhos dons, o aperfeiçoamento sem o qual jamais poderia realizar sua esplêndida promessa. O Conservatório Nacional, que

recentemente atingiu altos páramos de perfeição graças ao dr. Domingo Santa Cruz, nem sequer existia naquela época. O ensino musical do jovem Claudio não poderia, de modo algum, ser confiado simplesmente aos professores particulares disponíveis em Santiago.

Assim sendo, o governo chileno — orientado Deus sabe por que maravilhoso instinto — mandou Claudio, acompanhado da mãe, para a Alemanha aos sete anos, com o precípuo objetivo de fazer-se músico. A princípio o menino não encontrava professor a seu gosto; desanimado, perdeu muito do entusiasmo pelo piano. Por fim, foram, êle e a mãe, apresentados à célebre pianista chilena Rosita Renard, que recomendou seu próprio professor, Martin Krause, ex-aluno de Franz Liszt. Krause, encantado ao ouvi-lo tocar, declarou que se tratava "do maior talento depois de Liszt." Hoje, graças às relações entre seu instrutor e o imortal húngaro, apraz a Arrau dizer, com uma simpatia que lhe tira qualquer suspeita de presunção, que, musicalmente falando, é descendente direto de Beethoven: Liszt estudara com Carl Czerny, e êste, por sua vez, fôra aluno de Beethoven... Seja como for, o fato é que desde o início não passou despercebido a Krause o valor do pequeno executante, e a amizade entre os dois tornou-se firme e feliz. Até certo ponto, Krause foi um substituto para o pai do menino, falecido quando êste contava três anos. O mestre ajudou o pupilo a alcançar tão grande perspectiva musical que, ainda na adolescência, conquistou os prêmios Liszt e Bach, e, poucos anos depois, em 1927, venceu no concurso do Congresso Internacional de Pianistas na Suíça. Desde então, Arrau tem se dedicado tão intensamente aos concertos pelo mundo inteiro, que jamais teve tempo para entrar em quaisquer outros concursos. Entretanto, considerado um dos maiores intérpretes de Beethoven do mundo atual, deve grande parte de sua competência a Krause, o único professor que jamais teve desde o dia em que a mãe o levou à Alemanha. Graças a um subsídio governamental ininterrupto, o jovem Claudio pôde manter-se em Berlim durante nove anos, enquanto procurava desenvolver-se como músico num ambiente a um tempo sério e inspirador, como poucos no mundo. Conseguiu conhecer Beethoven e Brahms através de músicos que ainda se apegavam

*Claudio Arrau*



às grandes tradições da arte alemã do século XIX. Enquanto disciplinava os dedos ao teclado, impunha ao espírito a escola da humanidade, a constante busca de significados e do poder de comunicação, sem o qual músico algum poderia revelar os segredos dos grandes compositores.

Ao alcançar os 17 anos, já Arrau estava pronto para dar concertos na Europa Central. Entre 1923 e 24, tendo vinte anos, estreou no Hemisfério Ocidental, com uma breve *tournee* pelos Estados Unidos. Sábiamente, não quis apresentar-se, ainda, como intérprete das obras maiores, mais difíceis. Lembro-me de ouvi-lo tocar com a Orquestra Sinfônica de Chicago, sob a regência de Frederick Stock, em novembro de 1923. Sério, quase diríamos "remoto", e provavelmente um pouco tímido ao primeiro contacto com uma platéia desconhecida, longe da pátria verdadeira e da adotiva, tocou o *Concerto em Si Menor*, de Mendelssohn, com agilidade e graça, e a ruidosa *Rapsódia Espanhola* de Liszt com foga e brilho. A despeito, porém, dessa demonstração de talento, o jovem Arrau não estava suficientemente formado, como artista, para penetrar no mundo de asfixiante concorrência comercial que é o ambiente dos concertos na América do Norte.

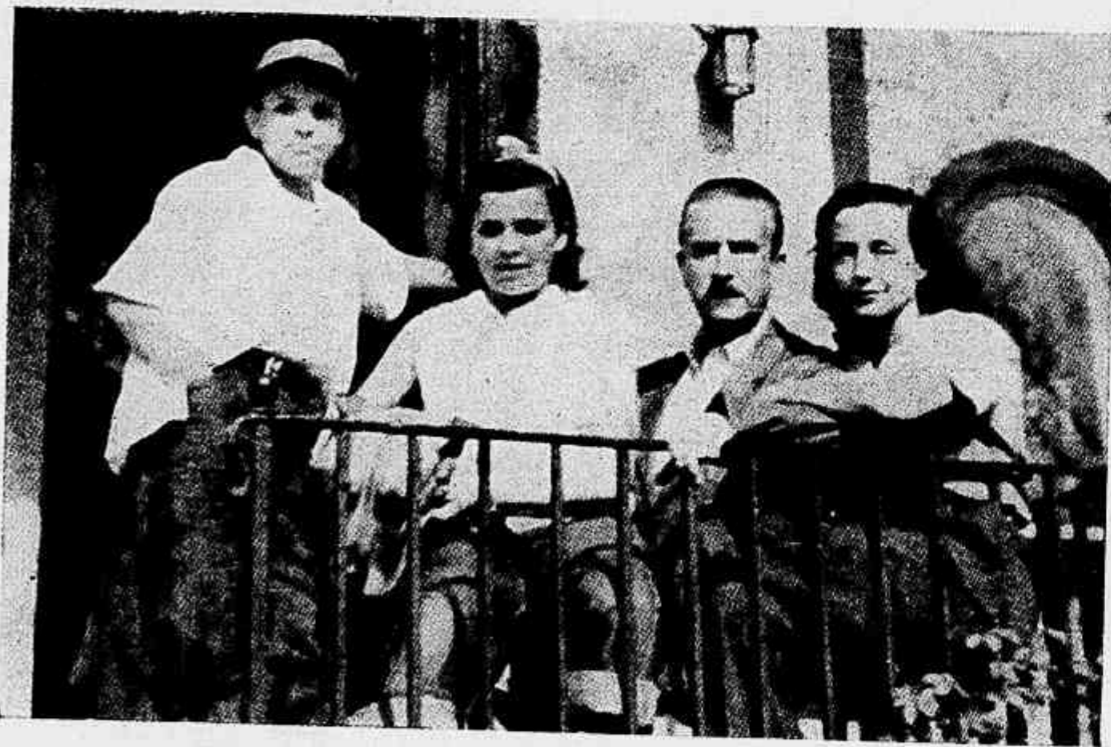
Voltou à Europa, e só daí a 18 anos visitou novamente os Estados Unidos.

Enquanto isso, foi procurando sempre amoliar e aprofundar sua arte. Deu, na Alemanha, uma série de doze recitais que abrangeram toda a música de Johann Sebastian Bach para instrumentos de teclado, proeza que produziu, no público, espanto e respeito. Em seguida aventurou-se a executar ciclos de todas as 32 sonatas de Beethoven para piano. Tocou todas, ou quase todas, as composições de Mozart, Schubert e Weber, para o instrumento. Assim pôde ficar conhecendo exaustivamente a música que constitui o verdadeiro cerne do repertório clássico e romântico na Alemanha. Voltou-se então para a mais moderna expressão francesa, e fez-se mestre em Debussy e Ravel.

Conquanto já houvesse aparecido em cidades muito distantes entre si, como Moscou (ali, em 1934 e 1935, seus concertos foram pagos em jóias e peles, e não em dinheiro) e Buenos Aires, somente nos dez últimos anos foi que se tornou, inquestionavelmente, uma das maiores figuras do cenário musical do mundo. Seu primeiro recital no Carnegie Hall, de Nova York, em 1941, fez dissipar da memória do público a impressão daquele seu meio êxito de rapazinho com cara de poucos amigos... Olin Downes, crítico de *The New York Times*, usou as palavras "vigor incomparável", referindo-se à execução de Arrau, e



O chileno Claudio Arrau, um dos grandes pianistas de nosso século.



Em sua residência de Douglaston, Long Island, com os filhos Mario e Carmen e sua senhora, que é natural da Alemanha.

toda a imprensa e o público novaiorquinos foram unânimes em conferir-lhe aplausos idênticos aos que, na Europa e na América do Sul, o haviam consagrado. Visto que, em 1941, Nova York já era o principal centro da música mundial, comercialmente falando, o êxito de sua segunda visita aos Estados Unidos abriu para ele as portas de todos os auditórios do globo. Desde essa ocasião vem aparecendo com todas as orquestras sinfônicas importantes dos Estados Unidos — ao todo, mais de duzentos concertos — e deu uns 450 recitais só neste país. Seu agente de publicidade alega, com modéstia, que Arrau já tocou em quatro continentes. Na verdade foram cinco, pois no ano passado tocou na Ásia por ocasião de sua primeira visita a Israel.

Aliás, essa visita constituiu algo de espetacular tanto para Arrau como para o povo de Israel. Há quinze anos, Artur Schnabel e Artur Schnabel haviam tocado ali; mas depois deles pode-se dizer que lá não haviam aparecido grandes pianistas. Assim, os concertos de Arrau, segundo, outra vez, *The New York Times*, provocaram "cenas de entusiasmo na platéia como raramente se havia visto neste país." Os ingressos para os concertos precisavam ser racionados na bilheteria, somente dois por comprador. Às cinco da madrugada já se fazia fila para adquirí-los. Arrau disse, da reação do público, que era "indescritivelmente bela e tocante", e comentou que, para aquele povo, "a música é tão importante como a comida e a bebida."

Dêse ponto de vista, o povo de Israel assemelha-se ao próprio Arrau. Embora seja fino conhecedor do bom beber e do bom comer, não é, em absoluto, artista do tipo daqueles que só querem o êxito para ganhar mais dinheiro afim de dedicar-se, com maior afinco, a comer e a beber... É, com efeito, tão dedicado à arte que chega a sentir-se um pouco constrangido na presença de outras pessoas a menos que tenha a certeza de compartilharem com ele de seu apaixonado interesse pelo que haja de importante e significativo na música. Quanto às questões cotidianas, mostra amena propensão ao humorismo, se bem que não se possa considerar, de modo algum, um homem engraçado ou amante de pilhérias. Não acha graça, contudo, em quaisquer comentários levianos sobre música, ou observações que revelem falta de verdadeira sensibilidade artística. Para Arrau a música é um mundo que transcende ao piano, um mundo de que é cidadão ufano... Sobretudo, detesta a comercialização trivial da arte, e jamais cedeu à pressão dos empresários no sentido de apresentar peças mais leves ou fáceis de entender. E pergunta, mesmo: por que cargas d'água vai um músico dedicar a vida inteira aos problemas de interpretação de Beethoven e Brahms, e depois proceder como se essa música fosse irremediavelmente incompreensível nas províncias?

Ao realçar a posição de Arrau perante a música, sua disciplina básica de Bach, Beethoven e Brahms, receio dar aos leitores uma impressão de estreiteza por

parte do grande músico. Na verdade, tem ele gosto eclético e vasta compreensão. De temperamento conservador, jamais se interessou grandemente pela música contemporânea, isso é inegável. Vê em si mesmo uma espécie de porta-voz das grandes figuras do passado. Preocupam-no os aspectos seguros, consagrados, da música; não se entrega a experiências. Entretanto, dentro desses limites, é um espírito que alça grandes vôos. Assim escreveu, no jornal *Boston Herald*, o crítico Rudolph Eli Jr.: "Ele toca música francesa como música francesa, espanhola como espanhola, alemã como alemã..."

Arrau vive segundo as normas de sua própria definição do trabalho do pianista, pois mantém um repertório enorme. Embora seja constantemente procurado pelas orquestras sinfônicas como solista de obras-primas da maior dificuldade, como por exemplo o *Concerto em Sol Maior*, de Beethoven, e o de Brahms em si bemol, está sempre em condições de executar nada menos que sessenta-e-uma peças para piano e orquestra além daquelas duas. No campo da literatura para solista, conhece tantas obras que poderia dar setenta-e-seis recitais, cada um com um programa diferente. Aliás não se trata de simples proeza mnemônica, pois a compreensão que Arrau tem das sutilezas de estilo entre várias centenas de peças é tão extraordinária como sua técnica.

(Continua na página 42)



Ian, o dinamarquês, é grande amigo de Arrau

## A RELIQUIA

Conto de OSVALDO ORICO

Não foi sem forte emoção que aceitei o convite para participar da abertura daquele cofre. Ele representava a herança da Condessa, uma criatura que eu conhecera em diversas fases da vida e à qual — por que não dizê-lo? — tive uma admiração que roçou pelo encantamento. O doutor Carlos da Nobrega, diretor do Asilo a que se recolhera, sabendo talvez dos meus sentimentos quis proporcionar-me a oportunidade de entrar em contacto mais íntimo com a sua vida, na qual eu fora apenas um espectador à distância. Admirei-a. Não me concedeu o destino mais do que as migalhas do seu olhar. Nada tive além de rápidas chispas de atenção, quando ela, banhada pelos clarões dos refletores, dançava no Eden, de que eu me fizera frequentador metódico, pontual. Até antes avesso à boemia e aos prazeres noturnos, entrara casualmente, levado por um amigo, no Cassino onde ela trabalhava. Era o grande número de atração. Toda gente ficava entusiasmada, direi melhor excitada, com o aparecimento da Condessa. Em volta de seu corpo claro e perfeito não se movia apenas a luz dos refletores da casa. Outras luzes menores, porém mais vivas, convergiam para o seu vulto: a de todos aqueles olhos espalhados no salão. Era uma esquisita mariposa. Não ia atrás da luz. A luz é que vinha procurá-la e se entontecia no seu corpo, batendo as asas nos quadris forforescentes. Pouco afeito à delícia e ao rumor de tais ambientes, fiquei logo cativo de suas graças. Passei a frequentar o Eden com uma pontualidade que nunca tivera na escola. Todas as noites lá estava eu numa daquelas mesinhas, às vezes só, outras rodeado de amigos, para o espetáculo favorito. A princípio, satisfazia-me em ver. Toda a minha recreação era assistir à cena do aparecimento da Condessa, para ver-lhe o corpo desabrochar a alguns passos, como uma fonte luminosa no salão escurecido. Depois, fiquei mais exigente. Queria também ser visto. Consegui certa mesa que fosse propícia à sua atenção. Era tão difícil ser fixado! Os olhos da Condessa tinham a luminosidade rápida dos faróis. Acendiam e apagavam com muma presteza desconcertante. Diferiam destes num ponto. E' que só serviam para desorientar o viajante que andasse nas suas águas. E, a propósito, contavam-se mui os casos. Mas eu não ligava. Não me sentia em perigo. E' essa, pelo menos, a convicção de todos os que se atiram a semelhantes empresas. Julgava-me forte e preparado para toda espécie de aventuras e desejos mesmo de que a fortuna me sorrisse e eu viesse a cair na simpatia da Condessa. Por que não? Eu tinha vinte e cinco anos sonhadores, uma bela cabeça de rapaz, com a vantagem de uma trunfa ondulada e atrevida, que me ia muito bem. Os cabelos eram bastos e negros e brilhavam quase tanto como os desses artistas que trabalham em arame. Tinha, assim, certos requisitos para despertar a atenção daquela criatura. E, mexendo-me na cadeira, batendo palmas com excesso ou dando sucessivos bravos às suas exibições, aguardava o instante em que ela, agradecida ou comovida, deixasse parar os olhos no espectador entusiasmado e sincero, dando-me a impressão de que a luz dos faróis ficasse por uns momentos imóvel na noite...

Ingenuidade dos vinte e poucos anos, que se foi desfazendo aos poucos, à medida que a evidência mostrava as coisas reais. Nunca logrei essa coisa impossível. Os olhos da Condessa ficaram sempre saltando no espaço, sem fixar-se jamais na minha cabeleira e nos meus desejos. Via-a sempre de longe, resignando-me ao papel de aplaudí-la, mandando-lhe flôres e pensamentos. Nem para outra coisa foram feitos os namorados sem sorte.

Apenas uma vez logrei falar-lhe. Apertou-me friamente a mão: — Ah! E' o senhor que costuma enviar-me uns cravos brancos com uns cartões escritos. Tem uma letra muito simpática.

Esse primeiro encontro deixou-me uma impressão gelada e desalentadora. A saída do Eden, amontoavam-se sempre os admiradores incondicionais, esses que se deixam prender até a ponta das unhas e acompanham uma ilusão com a técnica de quem perde um jogo de xadrez: até à última pedra. Eu não estava neste caso, mas não era por virtude: simplesmente por timidez. Receava que os concorrentes me chamassem a contas pela ousadia. E, graças a esse cuidado, nunca me abandonei inteiramente à minha fascinação. Comportava-me com cautela, deixando o Eden depois do último número da Condessa, após certificar-me de que, mais uma vez, não havia sido escolhido. Saía melancólico, mais conformado. Tinha a noite seguinte para tentar. Era uma roleta humana. Talvez que um dia o meu bilhete não saísse branco! A Condessa só deixava o Cassino em companhia de uma pessoa: uma velha dama, que po-

liciava com os olhos os cortesãos da porta, enquanto ela, sóbria, envolvida na sua capa de peles, mal concedia aos recalçantes o direito de vê-la.

Não me posso queixar de ter sido jamais desfeitoado. Minha admiração nunca foi ao atrevimento. Contentava-se em esperar a sua benevolência, iludindo-se com a possibilidade de ser notada um dia. Esse dia não chegou. A Condessa deixou o Eden, a convite de um conde paulista, muitas vezes milionário, que lhe rescindiu o contrato, trocando por uma soma elevada o prazer que nos dava o empresario oferecendo-nos a ilusão do seu corpo em troca de um consumo de bebidas todas as noites. Exigiu que a recisão beneficiasse também a dama de companhia, que fazia, o solícito papel de cão de fila, poupando-lhe o trabalho de escorraçar os cumprimentos súplices dos últimos notivagos.

Vim a saber que estava instalada em um palacete para os lados de Botafogo, onde as suas graças só eram vistas por um espectador. E que, por sinal, as pagava bem caro. Tinha automóveis o luxo que queria, os caprichos que inventava. Perdera aquela corte de admiradores apressados, mas ganhara certa consideração social passeando por salões familiares o título vistoso que trazia: Condessa Eva Paccini. Seu corpo esguio, que tantas paixões acendera nas noites esquecidas do Eden, perdeu a flexibilidade de repuxo luminoso, acrescentando adiposidades que lhe sombreavam as fôrmas, velando de certo modo a primitiva destinação do palco. Longe de a humilharem, essas gorduras bem sucedidas contribuíam para reforçar-lhe a nobiliarquia, garantindo-lhe o título que usava. Uma Condessa deve trazer sempre colo nutrido, braços roliços e alguns fios de prata na testa. De sua cabeça airosa, onde brilhara uma cabeleira negra de meridional, começavam a escorrer agora fios de prata, que lhe aumentavam a nobreza das linhas. O colo estava cheio de carnes claras e de jóias. Os braços eram duas peças bem torneadas.

Essa segunda fase da Condessa ainda me perturbou por muito tempo. Comecei a frequentar a ópera e a comédia, não pelas companhias que se revezavam no palco, mas para fixar com o binóculo a frisa de onde brotava, como uma rosa mais vivida, a minha antiga fascinação do Eden. Por trás dela, o vulto do Conde emergia como uma sentinela inospita, substituindo a velha dama de companhia de outras épocas.

Acompanhava-me talvez a fatalidade. Nunca dirigi à minha dama o binóculo que pudesse pescar um olhar. O anzol de madrepérola voltava inteiramente vazio daquela direção. Havia em torno muita corvina apresentada, bastante pescado miúdo, mas o que me interessava, (o que sempre me interessou) era aquele peixe do Adriático, esquivo e estranho, que jamais lograra apanhar nas minhas rédes.

A certa altura da vida, comecei a notar que a Condessa não aparecia mais nos teatros, nas festas, nos lugares aonde toda gente vai menos para ver do que para ser vista. Atribui àqueles cabelos brancos, que vinham chegando. Mostrava-se ainda uma vez, fidalga. A nobreza impõe certo recolhimento à velhice que chega; Não se deve ostentar o declínio. Suportá-lo com discrição é ainda uma fôrma de ser elegante. Por isso, ou pela morte do homem que lhe rescindira o contrato do Eden, a Condessa nunca mais apareceu na sua frisa, nem foi a chás de caridade, nem apareceu em parte alguma. Mais tarde ouvi dizer que empobrecera e se desfizera de todas as jóias. E que, para poupar-se de outros vexames, preferira recolher-se a um abrigo de velhos, onde vim a ter sempre notícias dela pelo diretor, meu amigo e companheiro de outros tempos, que me confidenciou a sua história, conhecendo talvez as minhas velhas inclinações.

— Sabe V. quem se recolheu agora ao nosso Asilo? A Condessa Eva Paccini, a famosa bailarina do Eden. Está uma ruína; assim mesmo uma ruína florida. Perdeu tudo, menos o timbre de fidalga. Ao ser admitida, perguntei-lhe como queria ser tratada. Respondeu-me com um ar distinto: Condessa. Conserva uma capa, que devia ter sido bela, e uma arca, onde, segundo diz, estão guardados os seus documentos. E exortava-me a vê-la.

— Venha fazer uma visita ao Abrigo. Verá coisas interessantíssimas. Só a Condessa vale por um espetáculo. Perdeu tudo: a graça, a beleza, e dinheiro. Só não perdeu a fidalguia. O empresario do Eden tinha razão quando anunciava tratar-se de uma nobreza autêntica.

— Na decadência é que se conhece a origem. — arrisquei eu, tentando lembrar-me do tratadista que enunciara a frase, coisa que não consegui.

— Pois é verdade. O caso da Condessa confirma-o perfeitamente. Despojada de tudo, da mocidade, da formosura e dos brinços da fortuna, guardou a sua tradição de fidalga. Como é caprichosa! Embora tentado pelo noticiário do meu amigo, resisti ao convite. Seria cruel. Mais cruel comigo mesmo do que com ela permitir-me semelhante confronto. Ver murcha, dentro do livro do destino, a flôr que eu vira fresca e apetecível na roseira. Não fui.

Mas um dia, entrou-me em casa o diretor do Atrigo com uma fisionomia que eu não traduzi se era de gáudio ou tristeza, de lucro ou de perda.

— Sabe? A Condessa morreu...

Disse isto com uma voz de epitáfio, mas logo imprimiu à narrativa outro tom.

— Surpreendendo a toda gente, que a imaginava na miséria, a Condessa fez testamento doando cem contos ao Abrigo.

— Espantoso!

— E' o que lhe digo. Cem contos. Parece incrível o sacrificio feito. Recolhe-se a um asilo de invalidos para guardar intacta a quantia de um legado! Só mesmo um capricho de fidalguia. E insistiu para que fosse com êle assistir à abertura da arca em que a Condessa guardava "os seus documentos". Devia estar lá o papel que habilitava o Atrigo a receber a herança. Dessa vez não me foi possível resistir. Um secreto desejo de rever a história daquela vida impeliu-me a ir. Quantas recordações de nobres e potentados não ficariam ali sepultadas! Abriu-se a arca. Jornais velhos, velhas estampas. Aqui, programas antigos de saraus e concertos. Ali convites para recepções. Nenhuma nota humana povoando a solidão dos documentos.

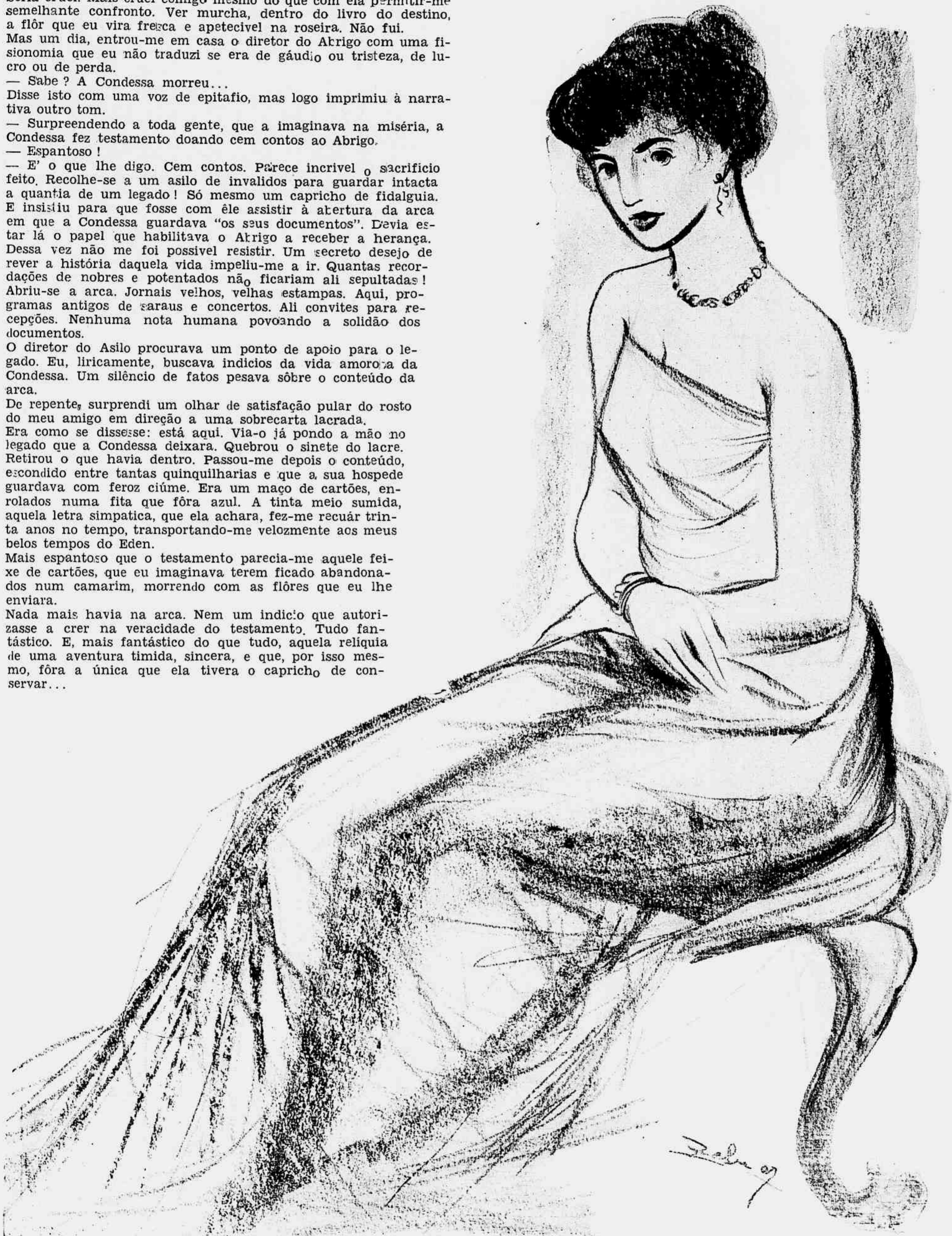
O diretor do Asilo procurava um ponto de apoio para o legado. Eu, liricamente, buscava indícios da vida amorosa da Condessa. Um silêncio de fatos pesava sobre o conteúdo da arca.

De repente, surpreendi um olhar de satisfação pular do rosto do meu amigo em direção a uma sobrecarta lacrada.

Era como se dissesse: está aqui. Via-o já pondo a mão no legado que a Condessa deixara. Quebrou o sinete do lacre. Retirou o que havia dentro. Passou-me depois o conteúdo, escondido entre tantas quinquilharias e que a sua hospede guardava com feroz ciúme. Era um maço de cartões, enrolados numa fita que fôra azul. A tinta meio sumida, aquela letra simpática, que ela achara, fez-me recuar trinta anos no tempo, transportando-me velozmente aos meus belos tempos do Eden.

Mais espantoso que o testamento parecia-me aquele feixe de cartões, que eu imaginava terem ficado abandonados num camarim, morrendo com as flôres que eu lhe enviara.

Nada mais havia na arca. Nem um indicio que autorizasse a crer na veracidade do testamento. Tudo fantástico. E, mais fantástico do que tudo, aquela reliquia de uma aventura tímida, sincera, e que, por isso mesmo, fôra a única que ela tivera o capricho de conservar...



# ACONTECEU EM 30 DIAS



Alguns amigos e admiradores de Catulo promoveram, sob os auspícios do Centro Carioca e o alto patrocínio do governador da cidade, sr. Embaixador Negrão de Lima, uma sugestiva homenagem à memória do glorioso cantor e poeta. Reunidos no jardim do Senado da República onde se encontra o busto do maravilhoso interprete da alma do Brasil no que ela possui de mais característico, durante algumas horas da noite, os participantes dessa demonstração de culto ao insigne trovador improvisaram uma serenata, nos moldes daquelas em que Catulo costumava figurar com as suas estrofes e o seu violão. E então a massa que acudiu ao convite do Prefeito pôde ouvir as canções do vate eminente através de vozes maravilhosas como as de Vicente Celestino, Gilberto Alves, Estefana de Macedo, Gastão Formenti. Ali estiveram perto da herma de Catulo os que não o esquecem e apontam o seu exemplo ao futuro. E quando o professor Asterio de Campos encerrava a cerimonia com uma evocação da gloria do autor de "Talento e formosura", "Rasga o coração", e tantas outras maravilhas, Estefana de Macedo dirigia com a sua garganta de ouro um coro de "O luar do sertão".

Estão em briga os comunistas indigenas, dizem as folhas burguesas que recolhem em suas colunas as provas da controversia doutrinaria dos nossos vermelhos... À primeira vista poder-se-á acreditar que mesmo nesse partido de tão feroz e feroz ortodoxia tenha havido um afrouxamento de dureza, seguindo o modelo da matriz moscovita que também deu para aparecer aos olhos do mundo ocidental como um país onde já se pode ter um pouco de liberdade para discutir sem perigo de fuzilamento ou de campo de concentração. Mas conhecidos os métodos dessa gente, e bem examinadas as cousas, temos a impressão de que tudo isso não passa de um conflito simulado para fins misteriosos. Os burgueses imaginam que com o aparecimento das primeiras rugas a solidez do bloco ficará profundamente comprometida. E toca então a abrir colunas aos artigos dos brigões. Estes, por sua vez, aproveitam a facilidade de expansão e não perdem vasa para fazer propaganda das suas idéias através de órgãos que são, ou deviam ser, seus inimigos naturais. Eles sabem que o que importa é que falem deles, bem ou mal, mas falem...

"E' proibido falar com o motorista"... Isso está escrito, em letras bem visíveis, numa tabuleta interna dos coletivos. Onibus e lotações ostentam esse letreiro. Mas não há meio de convencer, nem aos motoristas, nem a certas pessoas do público, que se trata de uma advertencia defensiva protetora da vida dos passageiros desses veículos urbanos. Prova-se com a maior facilidade que noventa por cento dos desastres de transito correm por conta de descuido dos profissionais do volante. A fatalidade não entra nêles com mais de dez por cento do total. Entretanto os motoristas como que se comprazem em desmoralizar a lei, contanto com a colaboração dos que deviam ser os primeiros a fazê-la respeitar, pelo menos por uma questão de auto-defesa. Recentemente houve alarido no interior de um lotação, porque uma senhora protestou em altas vozes contra a desobediencia ao aviso. Acabou obtendo a solidariedade dos demais passageiros. A atitude dessa senhora deveria ser seguida por quantos se acostumaram a assistir de braços cruzados e coração aos pulos os dialogos entre motoristas e passageiros em carros que trafegam a setenta quilômetros...

Um jornal norte-americano, especializado em assuntos de petróleo lançou, com sérios e visíveis intuitos de intriga, o boato de que o govêrno brasileiro estaria inclinado a renunciar ao monopolio estatal na exploração do petróleo, abrindo mão do seu privilegio em favor de empresas estrangeiras que desejam para si as vantagens dessa exploração. A divulgação de semelhante notícia causou assombro, como é lógico que acontecesse, dadas as condições em que o problema vem sendo enfrentado pelo poder público, e também diante do êxito incontestável da Petrobras, verificado num resultado líquido de mais de dois bilhões de cruzeiros. Mas há males que vem para bem. O boato da folha norte-americana foi imediatamente desmentido em termos que não admitem suspeitas. E todo o mundo teve oportunidade de ficar sabendo que a política nacionalista do petróleo é dogma de fé no Brasil. Sobre isso não há duas opiniões no povo. Temos o direito e mais do que o direito, a obrigação de tirar com os nossos próprios recursos o óleo que há de ser um dos fatores essenciais da nossa verdadeira independência econômica.



NATUREZA MORTA  
Tela de Oswaldo Teixeira

As conquistas científicas, que se anunciam, já não nos estancam a sede de futuro. Prometeu desacorrentou-se para ser um insatisfeito dolorido.

Se o tempo entorpece as paixões, numa feliz compensação procrea mistérios, aguçando com a interceptação de véos e a multiplicidade de pistas, o encontro radiante da Verdade, fugidiva e divina.

Na documentação de nossa história podem faiscar desde o trabalhador mais honesto e escrupuloso ao que dos mais improbos o seja.

Só se progride mudando. Ai de nós, porém, se no campo das transformações, do bota-abaixo, das reformações, quem se lembrasse de catar uma lembrança do que se foi na derrubada, de colher a imagem da ruína, a flor da seara antes de passar a ceifadeira. Perder-se-ia a continuidade, isto que nos distingue no universo, dando-nos a sequência no caos, cosendo ao resultado do dia de amanhã os esforços da véspera consciente e fecunda.

Nas sociedades de hoje, a civilização compraz-se nos seus dias de rasoura. Substitui-se aos trancos e às cégas, e se há muitas vezes erros, é que a pressa de substituir e de inovar esquece as subordinações indispensáveis.

Cada elemento vale o seu tempo, cada tipo os seus serviços. No balanço da existência social é preciso não esquecer um mandamento de iniciação filosófica: — o intermediário é um fecho entre os pontos que extrema.

Não há homem isolado, como também também não existe fato propriamente isolado.

Tudo se encadeia nesta pobre vida humana que é uma lógica em ação.

Cargo precioso o daqueles, que não deixam se perder nas águas da existência os acontecimentos velozes, e, sentados no seu barco, vão anotando em sábios comentários e dados informativos, extraídos com pachorra, a vida passageira que todos vivem.

Isto é a História? — o livro de bordo desta humanidade, que não sabe donde veio e sobressalta-se, tomando alturas, consignada pela certa a recomposição da matéria, na ignorância ou fantasia do seu porto derradeiro.

Não há coragem na decisão de pensadores, recalitrando em cenaculizar-se num feira; há melhor ainda, o desvelo de bons amigos, guardando o fogo sagrada das tradições que não rendem, que não sobem nas cotas, que não sujeitas às valorizações agrárias fenomenais, mas nas quais se perfilha o presente, resguardando os moveis de sua

esperança e as geratrizes de sua grandeza.

Na cenosidade ambiente — ó historiadores — andais com um facho estudando a fauna extinta dos heróis que foram vencedores ou sacrificados. Sois um pedaço de humanidade, na sua melhor polpa, a que pode ser considerada em reserva às sublimidades da Espécie, enquanto a outra se abriga e reduz por toda parte às expressões mais ordinárias da Vida. Quer isto dizer, que sois um resultado amavel, um coeficiente brilhante dessa bendita atividade prática, que soergue a nossa terra, dando vagares a aplicados e honrando-os no ajuntamento, guarda e proliferação dos estudos históricos, por meio dos quais se hão de apreciar as raízes de nosso desenvolvimento e acompanhar as suas fases legítimas e integrais.

Entre nós tudo tende ao exagero. Povo novo, as novidades nos exaltam, a separação republicana mal imitada e dirigida quase nos divide. Somos, entretanto, por demais unos, para que certa obra satânica de teóricos nos mutile os membros. Temos quatro séculos de fusão profunda. A luta pela

ludo; clareiras aliviam; cerrados atravancam; há gorgeios lindos e urros de espantar; dia alto ainda e a noite se precipita nas trevas da espessura e cientilam faiscas do sol no fulgor noturno das luciolas. Acasos, maravilhas, contrastes, tristezas, horrores e disparates. A nossa história tem dessas impressões de mata virgem.

O que sempre convirá é aliciar gente de algum critério e alguma boa vontade às indagações, excitar a apetencia aos estudos, cuja aridez se desconta na deliciosa esperança da novidade provavel, e, na doce elevação de um trabalho preeminente às paixões e interesses do dia.

Lembrando-nos que há precipios atraentes, que a esperteza ou o repouso não pode ser o apanágio ou a fortuna exclusiva de um povo; e, bem assim, que o de tipo social não se estatue em reserva de graças a filhos prediletos e minados, daremos com isso passos mais seguros e olharemos para mais longe.

As industrias florescentes numa "economia destrutiva" têm a vitalidade ameaçada dos carliacos.

# JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

ALBERTO RANGEL

terra irmanou-nos e confundiu-nos. E' no sentido de reforçar essa fusão que devemos trabalhar sempre. Quebrada na ordem constitucional, é urgente fortificá-la por todos os meios. E nenhum melhor campo do que aquele no qual se analisam as origens, se sondam as aspirações, se comenta a história do nosso povo, e se indica e discrimina a amplidão da nossa terra.

Romper matagais e paues, lançando as linhas de definição perimétrica, na desordem pujante de uma natureza de exceção, é preparar-se realmente às orientações imprescindíveis no mistifório das obscuridades e entrançamentos dos nossos fastos, emaranhados na sua complexidade essencial e comum ao elevado grau de tais fenomenos. Também é floresta o passado, pedindo processos de medida, investigação e norteio, no esquadrihar-lhe os incidentes e modalidades, as formas e os sucessos. Horizontes encurtam-se na confusão das frondes, há surpresas de feras e de frutos saborosos, cipós que ferem, outros que dessedentam; barrocais escabrosos e alfombras de ve-

Como em toda parte, a civilização se fundou e cresceu em contacto mais ou menos direto com o mar, enquanto que para dentro das terras do norte do Brasil, intercaladas no domínio das rochas cristalinas, o habitante se foi fixando na independência em que o impediu o esquecimento criminoso do litoral.

Secundando a ação dos ventos e a conformação geologica, o homem tem colaborado na obra do deserto, derrubando as matas e queimando-se, desenvolvendo os gados sem medida, nem regra de estabulação. A árvore é condensador e chamariz de humidade, que chupa nas raízes e atrai para a atmosfera, nas oficinas clorofileanas das ramagens.

A grande missão das nacionalidades hodiernas vem a ser também opôr a civilização aos males cosmologicos, o genio humano às agressões terrestres.

Repitamos sempre, que a questão da seca não é simplesmente um fato metéorico, não é a dependente exclusiva

de depressões baricas, de peças ou fartas consignações udométricas, psicricas ou termometricas. O problema é social, confinando com os vexames de circunstâncias planetárias.

A raça é uma expressão da pátria e esta é antes de tudo expressão geográfica. Os neoveiros das montanhas escandinavas criaram as mitologias trovejantes de combates e guerreiros; os da nossa cordilheira encobrirão apenas o que mais ou mais tarde nos poderá surpreender e afrontar, sem que haja remédio que cure, e sem que haja solução que honre. E' doloroso, mas absolutamente necessário lembrar tais conjecturas. Não há conveniencias possíveis perante a geografia e a história, a lógica e os designios plausíveis de outras fatalidades.

A vida das nacionalidades garante-se na livre função e intangibilidade de nodulos geograficos melindrosissimos. Toda pátria digna e prudente, pelo menos enquanto não se regenerar o universo, é um círculo de armas, tendo por centro susceptível um feixe de prevenções potenciais. Se as melhores assim se dispõem, urge não esquecer o exemplo

A idéia da luta nas fronteiras, com filiações históricas as mais recentes, e medo de absorção interna, num país necessariamente fadado ao imprevisto e arriscado fator progressista da colonização, podem ser dois conceitos falsos e um par de visualidades. Nem por isso devemos deixar de pensar nas formas bruscas ou lentas de modificações geográficas e de transformação social, de que o mundo anda por toda parte adoentado.

Em plena efervecência da riqueza econômica prosseguida bem ou mal, conforme as exigências do programa universal em que segundo Ferrero a quantidade se disputa à qualidade, não nos esqueçamos nunca da independência intangível e da inteireza física do território. Cogitação de vida, com os atributos indeleveis e ciosos da pátria e raça, é já razão internacional para existir e evoluir.

Renan afirmava que a vida das nações era um plebiscito continuado dia a dia. Sob este ponto de vista, o nosso país não chegou ainda à posição política em que os estados se definem. Na prática da consulta própria, base do *self government*, subsistente às transitórias organizações sociais depois da grande Revolução, vivemos a trapacear, a torcer e a demolir, consentindo na empreitada lamentável de expertalhões e de gangorristas eleitorais. Estamos portanto na fase da barbaria, da pseudorepresentação e democracia, fraudadas na perversão dos processos legais, na rasteira e mascaragem de todos os sufrágios públicos.

(SELECIONADAS POR DE MATTOS PINTO)



# Dos tempos Bíblicos à Estância Azul...



Os carneiros foram tocados pela graça de Deus, segundo a tradição bíblica.

Em sua lã há uma sugestão de nuvens, e, se eles se movem, dão-nos a idéia de que se desprendem, serenamente, de uma estampa do Antigo Testamento.

Aquêlê andar imaterial e puro tem o encanto de um ritual. Nêsse sentido, sob o ponto de vista místico e estético, é interessante a sua semelhança com os pombos; que, também, simbolizam concepções sagradas da teologia cristã.

Na velha Ática, os rebanhos de ovelhas constituíram, igualmente, um dos mais suaves motivos da poesia lírica. Os deuses do Olimpo não se julgavam menos eternos se desciam à terra para conviver, docemente, com os pastores daquela bemaventurada espécie de caprinos.

Mas, se os antigos encontraram nos carneiros uma das atraentes imagens representativas da sua mitologia bucólica e da sua gnose, os fazendeiros da nossa época, imitando os nossos antepassados, voltam, do mesmo modo, porém com um fim menos espiritual, a sua atenção para eles, transformando-os, prosaicamente, numa das suas fontes de renda. E assim é que apuram, de maneira verdadeiramente notável, os magníficos tipos de suas criações-modêlo.

Estes flagrantês, de uma exposição de Ovinos Controlados em Porto Alegre, em 1952 e pertencentes a uma fazenda de gado ovino das proximidades de Livramento, Estado do Rio Grande do Sul, é uma prova disso. Os leitores estão vendo alguns dos maravilhosos exemplares das raças Rambouillet e Mariana, de requintado "pedigrê", pertencentes à Estância Azul, na referida eidade.



# SUA MAJESTADE FREDERICO IX, REI DA DINAMARCA.

Por HENRIQUE PAULO BAHIANA



Frederico IX, Rei da Dinamarca



A Rainha Ingrid, da Dinamarca

Christian Frederich Franz Michael Carl Valdemar Georg, hoje Frederico IX, rei da Dinamarca, nasceu em 11 de março de 1899 no palácio Sorgenfri, sendo filho mais velho do rei Cristiano X e da rainha Alexandrina, nascida princesa de Mecklenburg-Schwerin.

Em sua juventude foi um grande desportista e, aliás, ainda hoje continua a praticar vários esportes. Desde cedo estudou as questões sociais e foi guiado pelo pai na ciência da administração pública. Aos dezoito anos, isto é, no ano de 1917, quando ainda era príncipe herdeiro, passou a fazer parte do Conselho de Estado. Seguindo estudos militares, foi primeiramente nomeado oficial do exército e, depois, cursou a Escola Naval. Dotado de invejável cultura e perfeitamente treinado para a sua futura missão, estava em condições de ser — como aliás tem sido — o digno e seguro continuador da obra de Cristiano X.

Em 24 de maio de 1935 casou-se, em Estocolmo, com a princesa Ingrid, da Suécia, nascida em 28 de março de 1910 e filha do então príncipe herdeiro Gustavo Adolfo, atualmente o rei Gustavo VI Adolfo, da Suécia, e da princesa Margaret, nascida princesa da Grã-Bretanha e Irlanda.

Dois dias depois o casal chegava à Dinamarca, onde era aguardado com circunspeção. De fato um sueco torna circunspeto qualquer dinamarquês e entre os dois povos sempre houve feroz luta de epigramas. Mas a princesa Ingrid conquistou rapidamente todos os corações. Simples, afável, educada de acordo com as tendências democráticas dos povos nórdicos, falando com perfeição o dinamarquês, agradou plenamente. Constataram os dinamarquês que a princesa tinha a paixão das flores, que ela mesma dirigia os jardins e presidia à decoração de seus apartamentos. Chegaram à conclusão de que o gosto e as preferências dela também eram os seus. E quando a esposa do príncipe herdeiro passou nas ruas de Copenhague, empurrando o carro com a filhinha, o entusiasmo dos dinamarquês chegou ao auge. Eles amam Ingrid tanto quanto os belgas amaram Astrid, sua irmã.

O casal teve três filhas: a atual herdeira do trono, a princesa Margrethe, nascida a 16 de Abril de 1940;

a princesa Benedikte, nascida a 29 de Abril de 1944; e a princesa Ana Maria, nascida a 30 de Agosto de 1946.

Quando nasceu a terceira filha, Frederico disse: "Eu também tenho a possibilidade de ser o sogro da Europa". Com efeito, seu bisavô, o rei Cristiano IX, da Dinamarca, assim havia sido chamado, porque suas três filhas eram esposas de soberanos: o czar da Rússia, o rei da Inglaterra e o rei da Grécia.

Um dia, Cristiano IX estava passeando com os três genros no parque de um de seus castelos, um sueco, que se perdêra, pediu-lhes a indicação do caminho a seguir. Os quatro personagens o acompanharam. No momento da despedida, o sueco agradeceu-lhes a amabilidade e indagou o nome deles. Respondeu-lhe Cristiano IX: "Este aqui é o czar da Rússia, esse é o rei da Inglaterra e imperador das Índias e aquele é o rei da Grécia. Eu sou o rei da Dinamarca." O sueco, julgando que estivessem zombando dele, disse então: "E eu sou o xá da Pérsia."

Em 20 de Abril de 1947, com a morte do rei Cristiano X, sobe ao trono da Dinamarca Frederico IX, após haver desempenhado um papel cada vez mais importante na direção dos negócios de Estado, durante a doença de seu pai.

O rei Frederico e a rainha Ingrid são conhecidos na Dinamarca como um casal burguesamente feliz. De fato, a simplicidade democrática floresce no seio da família real dinamarquês.

São vistos frequentemente fazendo fila junto à caixa de uma loja ou então, por ocasião de seu passeio de bicicleta, param e apeiam-se, quando fica vermelho o sinal luminoso.

O rei orgulha-se de saber cozinhar, coser os botões em sua roupa e serzir as suas meias. Estes conhecimentos datam do tempo em que ele foi escoteiro.

Alto e forte, tem complexão atlética. Sua altura é de 1 metro e 89 centímetros. Graças à cultura física, que

jamaiz deixou de praticar, a medida em torno do peito acusa 1 metro e 25 centímetros. Ergue, sem esforço aparente, acima da cabeça, um pêso de 70 quilos.

Como bom marinheiro, tem abundantes tatuagens, no peito e nos braços, feitas por um especialista inglês. O rei Frederico IX tem um temperamento profundamente artístico. Apaixonado pela música, é um excelente pianista e compositor. Se não fosse rei, diz ele, seria chefe de orquestra. O casal real vai frequentemente ao Tivoli, que é o "Luna Park" de Copenhague, para ouvir concêrtos populares. Muitas vezes vê-se o rei, em seu camarote, na Ópera, seguindo o concerto com a partitura sob os olhos. Ele se tem revelado um exímio regente e dirige às vezes a orquestra da rádio de Copenhague, a orquestra do Teatro Real e ainda a orquestra da Guarda. Em Paris, em 1950, a radio-televisão francesa apresentou Sua Majestade regendo a "ouverture" da "Colina dos Elfos."

Frederico apraz-se em cultivar na família o amor pela música. Quase toda manhã, quando as princesas faziam a primeira refeição, antes de irem para a escola, tocava discos de música clássica ou moderna e os comentava com fervor e competência.

O rei sempre cuidou muito das filhas. No castelo de Amaliemborg, as princesas, ao voltarem da escola, tomavam chá com os pais. A propósito, dizia o soberano: "Há duas espécies de reuniões a que em não faltaria por coisa alguma — a sessão do Conselho Privado e o chá com minhas filhas."

Frederico IX encantava as princesas contando-lhes as histórias mais sensacionais da Dinamarca; e o pior castigo para elas era a privação de ouvir êsses fantásticos contos do vasto repertório paterno.

Soberano de um reino que compreende quinhentas ilhas, marinheiro por vocação, Sua majestade tem um profundo amor ao mar. E todos os anos, na temporada apropriada, o rei, a rainha e as princesas embarcam no yate real "Dannebrog" e na agradável primavera dinamarquês empreendem, para gáudio especial das princesas, uma viagem com escalas nos diversos castelos reais, desde o de Fredenborg, ao norte, ao de Graasten, ao sul.

Como monarca, Frederico IX é o comandante em chefe do exército, da marinha e da força aérea; ele tem, assim, as patentes de almirante e de general.

Além de seus deveres oficiais, o rei tem revelado grande interesse em relação a todas as modalidades de atividade social e, em várias ocasiões, tem participado da fundação de instituições sociais e de fins humanitários.

Procurando estreitar as relações da Dinamarca com várias nações, visitou oficialmente, com a rainha, a Noruega em 1947, a França em 1950, a Grã-Bretanha em 1951, a Suécia em 1954 e os Países Baixos em 1954.

Frederico IX reina sobre um povo que, na época agitada que vivemos, oferece a imagem sedutora da felicidade, da calma e da paz. Embora os dinamarquês enfrentem dificuldades e responsabilidades, sua filosofia própria, seu modo particular de viver, seu extraordinário sentimento do dever, fazem desaparecer todas as situações desagradáveis, ásperas ou propícias a polêmicas de toda espécie. As desigualdades de classe não são acentuadas como em outros países e são compensadas por uma hábil e racional legislação social. Podemos dizer, sem sombra de dúvida, que a Dinamarca é o reino da delícia de viver.

# CRISTÓVÃO COLOMBO EM PORTUGAL

Por HENRIQUE GONZALEZ

A chegada de Cristovão Colombo em águas portuguesas, de volta da primeira viagem em que descobriu a América, foi algo espetacular. Nêsse momento angustioso, ante o emissário de um rei cruel, como D. João II e que matára o seu proprio cunhado a punhaladas, irmão de D. Manuel, o genovês conduziu-se dentro de seu dominio, sem vacilação.

Chegou a 5 de Março de 1493 às proximidades de Lisboa, de onde se avistava a praia de Cascais. Mal tinha deitado âncora encontrou um leão ferós, que sete anos antes cobrara o Cabo das Tormentas: Bartolomeu Dias.

O intrepido navegador português aproximou-se numa pequena embarcação a véla, armado até os dentes, e gritou para o descobridor do Novo Mundo, que do seu castello de comando contemplava aquela praia, para a qual se dirigira a nado muitos anos antes:

— **Entraí no meu batêl, senhor! Vinde dar satisfação da vossa entrada ao comandante da minha náu, para ser transmitida a El-Rei Nosso Senhor!**

Cristovão Colombo não se intimidou daquelas palavras rispidas, autoritárias, que encerravam uma ordem peremptória. Procurou retomar a calma habitual. Incontinenti, sacudido pela reação brusca do tratamento inesperado, com dificuldade, lançando mão de palavras italianas, espanholas e portuguesas, respondeu:

— **Yo soy almirante del ré di Castela! A nadie doi satisfazzione!**

— **No salgo de mi buque! Sólo a fuerza! El mio dovere é morire como Almirante di D. Fernando!**

A resposta era incisiva e clara. Bartolomeu Dias, o herói dos sonhos de D. João, que foi mais tarde tragado pelas ondas furiosas do Oceano, na volta de Pedro Alvares Cabral, mudou o influxo da voz:

— **Senhor Almirante! Mostrai-me as cartas del rei de Castela, se as tendes!**

Colombo retirou-se por um momento, abriu a arca de ferro que tinha no seu beliche, e dela puxou um canudo longo de couro, de onde sacou os documentos exigidos.

Acenou a Bartolomeu Dias que subisse, mostrando-lhe toda a documentação em seu poder.

O conquistador do Cabo da Boa Esperança descobriu-se. Lançou os olhos por sobre aqueles pergaminhos bem conservados. Pediu licença. Retirou-se para comunicar ao Capitão Alvaro Damas, conforme nos relata Colombo no seu Diário de Navegação. Este não demorou em chegar, indo ao encontro do Almirante de Castela. Não trazia armas. Apenas tambôres e cornêtas.

Não demoraram os nobres da Côrte de D. João a chegar a nau Santa Maria.

A 8 de Março de 1493 D. João II.º mandava por intermédio de D. Martinho de Noronha, uma carta ao descobridor do Novo Mundo, para que viesse ao Mosteiro de N. S. das Virtudes, em Val Paraíso, na Comarca de Santarém. Nessa missiva vinha uma ordem real para que fosse hospedada sem pagamento a gente da nau Santa Maria.

No outro dia Colombo foi dormir na primeira localidade proxima. Depois se dirigiu a



Val Paraíso, a nove leguas de distância, montado numa mula, para avistar-se com o rei de Portugal.

D. João II.º o recebeu com grandes honras. Fez o Almirante sentar-se a seu lado. Disse-lhe em palavras repassadas de satisfação que folgava do bom termo da viagem mas... segundo um tratado entre Portugal e Espanha, aquela conquista pertencia a êle, rei de Portugal.

Cristovão Colombo, dono de si mesmo, como sempre se portava, ora com sotaque italiano, ora espanhol, redarguiu:

— **Altezza! Yo no sé de nessúno tratato! El ré di Espanha intutta la Andaluzia aveva fato una publicazzione, piú conos ciuta: nessuno naviganti al suo serviço dovera permittire di tocara na la la Guinéa y S. Giorgi, Altezza!**

Ao pronunciar aquela palavra altezza Cristovão Colombo ainda que quizesse não podia deixar de trair a sua nacionalidade. Dizia, **Altedza!**

Terminada a palestra D. João II.º mandou que o Prior de Crato, a pessoa de maior nobresa que havia no momento, hospedasse o Almirante.

Essa visita ao rei, mesmo que os historiadores quizessem desmentir o Diário de Colombo, conforme relatamos, foi exata, tanto que João de Barros, cronista, das Décadas, nascido quatro anos depois, assim a descreve:

— **Estava El rei o ano de 1493, a 6 de Março, Val Paraíso, junto ao Mosteiro de N. S. das Virtudes, termo de Santarém, por razão da peste que assolava aquela Comarca, quando foi-lhe dito que ao porto era chegado um Cristovão Cólón, que dizia que vinha da Ilha**

de Cipango e trazia muito ouro e riqueza. El rei, que conhecia este Cólón, e sabia por el rei D. Fernando de Castela, foi enviado a este descobrimento, mandou-lhe rogar que quizesse vir a êle para saber o que achara naquela viagem.

Chegou ante el rei, que o recebeu com gasalhado (deu-lhe hospedagem) e ficou triste com a gente da terra que com êle vinha, não ser negra de cabelo revólto, mas conforme em aspeto lhe diziam ser da Índia, sobre o que êle tanto trabalhava .....

O cardador de lã já cansado de tanta honra, se despediu do rei D. João II.º em 11 de Março de 1493.

Depois do almoço o Almirante maior da Índias partiu da nau Santa Maria, acompanhado de D. Martinho de Noronha, para beijar as mãos da rainha, consorte de D. João, que lhe mandou dizer que não fosse embora sem vê-la em Vilafranca, no Mosteiro de S. Antonio, no qual estava também o Duque, futuro rei D. Manoel, e o marquez, conforme Diário de Colombo. Feita esta última visita regressou a bordo.

Já no dia 12 chegou um escudeiro para lhe propôr um convite de amigo da onça: ir por terra para a Espanha. Mandaria preparar as bestas. Colombo não foi tólo.

Agradeceu com todo o requinte.

Já a 13 de Março de 1493 o Almirante tomava a derróta de Sevilha.

A 15 estava na barra de Saltes.

Daí foi a Barcelona levar as notícias ao rei D. Fernando de Espanha e à rainha d. Isabel, embora o proprio Martin Alonso Pinzon houvesse tentado se adeantar, porém foi repellido.



# A EXPRESSÃO INFINITA DAS PALETAS

Por LONGSTON HARLEN

A companheira mais fiel do pintor, em tôdas as horas, é a paleta. A paleta se estende sôbre o braço do artista como uma grande asa. Uma asa aberta, que lhe traz do céu tôdas as suas côres.

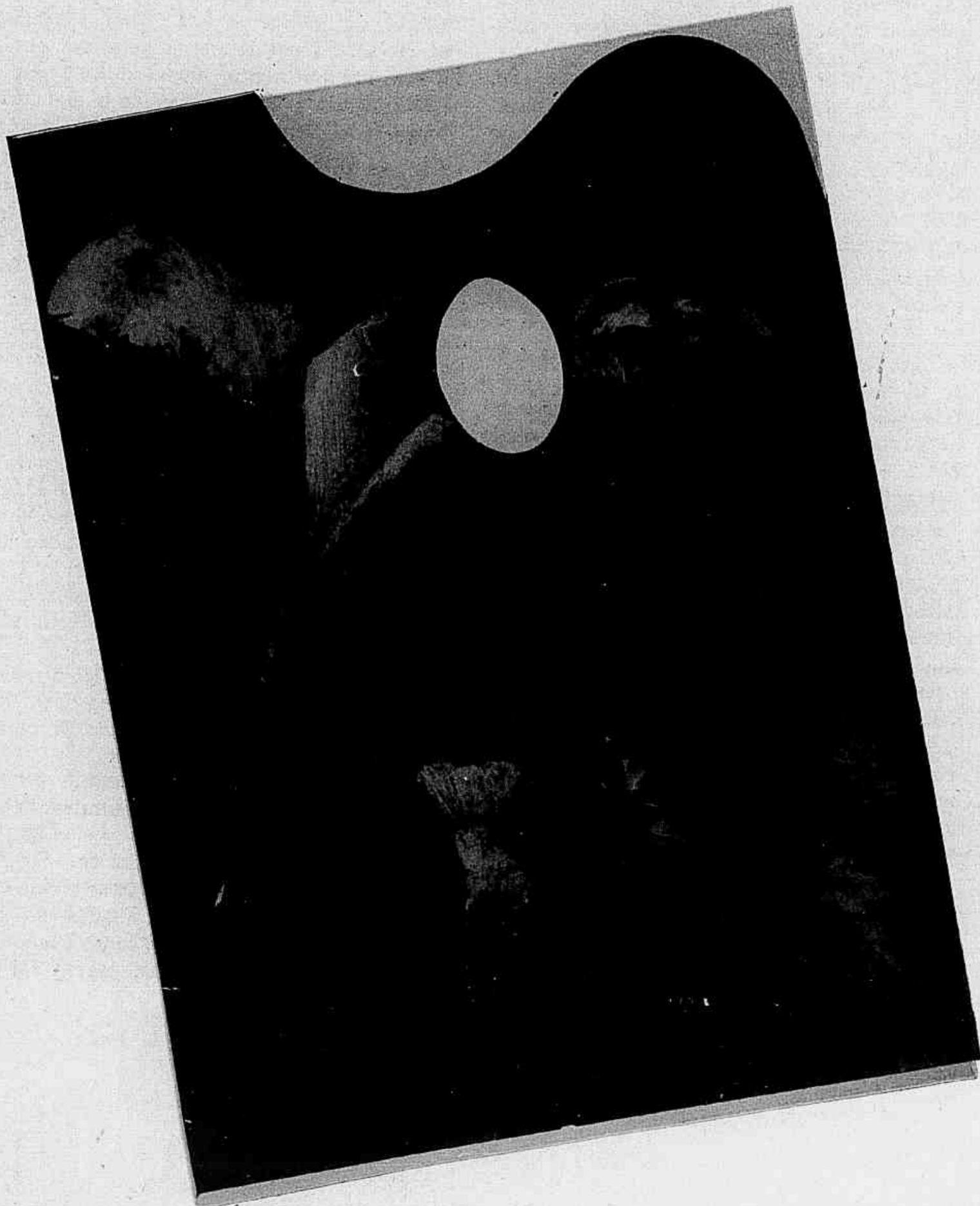
O pintor usa a paleta como se ela fizesse parte de seu corpo. O bater de seu coração parece dar vida àquele pedaço de madeira que o acompanha noite e dia.

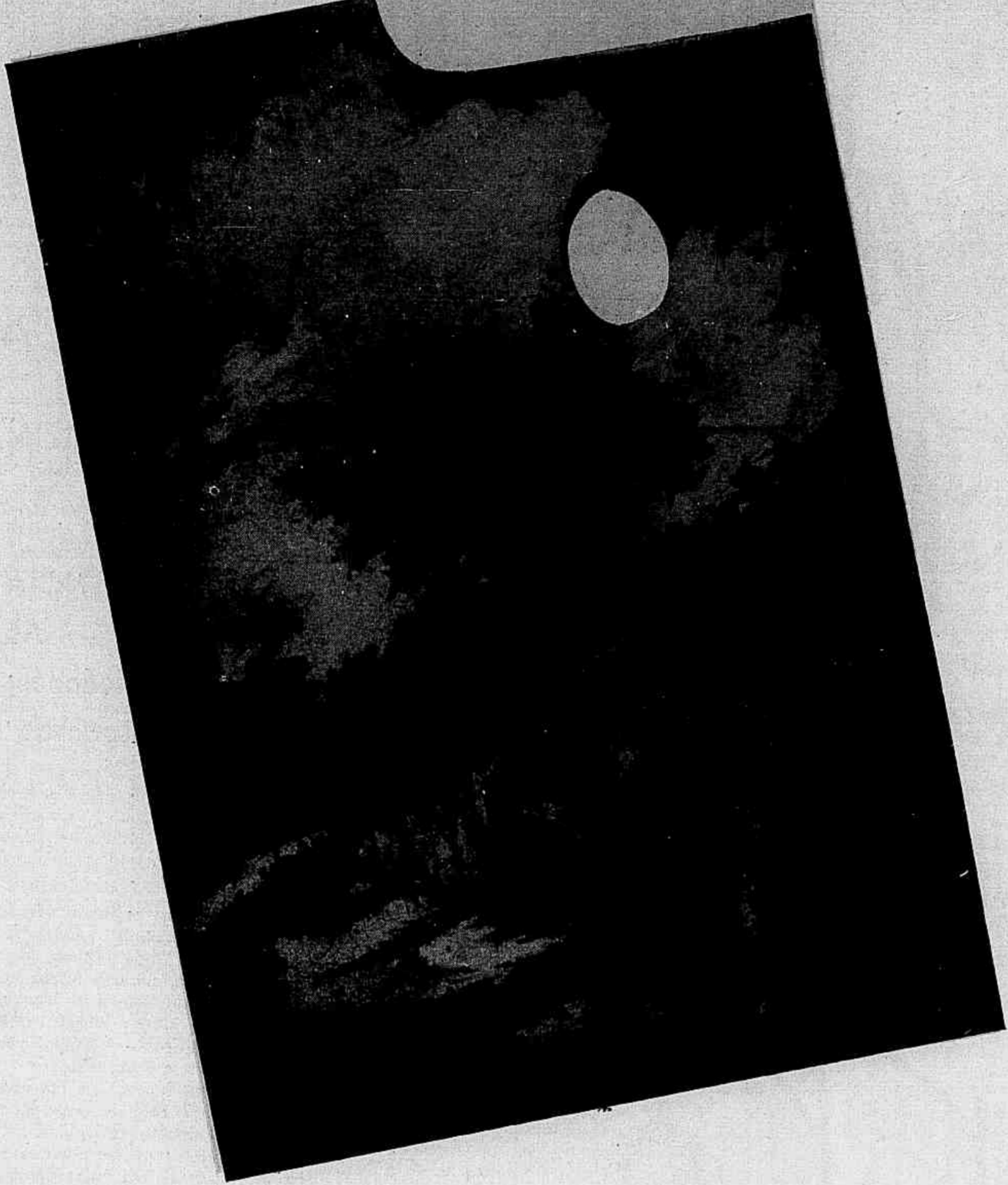
É certo que, antes de se formarem as côres sôbre a paleta, se esboçam os sentimentos íntimos de quem as foi retirar dos segredos da luz e da massa, e que êsses sentimentos íntimos é que dão o verdadeiro impulso à criação artística, mas é indiscutível que, sem a paleta, o milagre pictural não se realizaria.

As paletas, cuja conformação tradicional é a de uma elipse, com um orifício para a passagem do dedo polegar do artista, têm sido feitas, através dos tempos, de materiais diversos, entretanto, a madeira de lei, a porcelana e o marfim são, sem d'úvida, os meios escolhidos pelos pintores.

Todos sabem que a gênese dos trabalhos a óleo está nas paletas. As vezes, contudo, o artista, por um capricho, resolve transformar a *causa* em *efeito*. E, assim, junta na própria paleta. Retratos, "naturezas mortas" e paisagens iluminam aquêle pitoresco e misterioso utensílio com as suas côres e formas imprevistas.

Creemos que nenhum grande pintor deixará de ter uma das suas paletas cuidadosamente pintada, com a maior ternura, a um dos cantos de seu "atelier". É isso uma espécie de requinte profissional a que não se furtam os mais hábeis e famosos artistas do pincel.



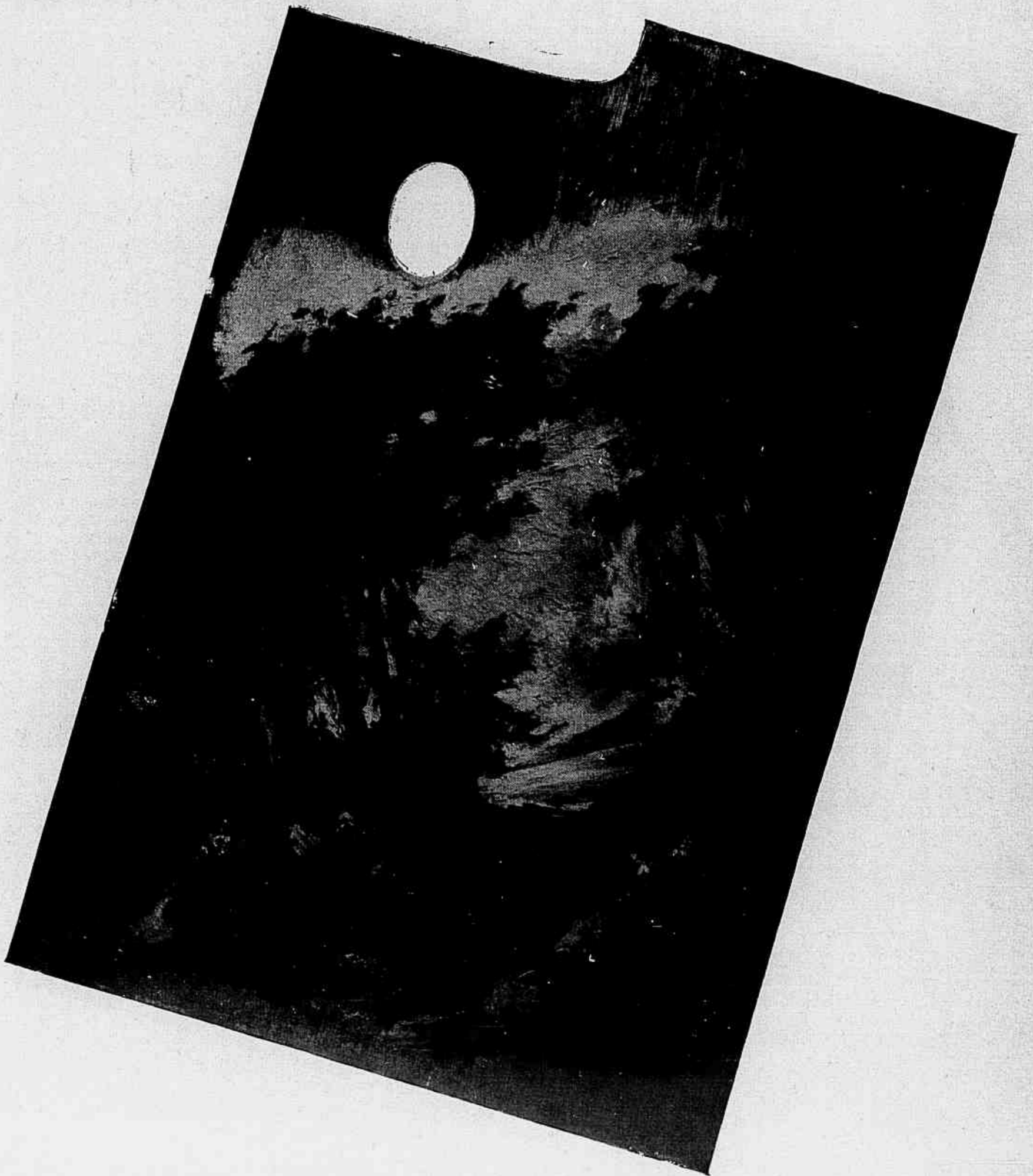


Mas, o que achamos, sinceramente, mais digno da nossa afetuosa admiração é a simples paleta com os vestígios das experiências cromáticas ansiosamente objetivadas pelos pintores durante toda a sua vida. Aquêlo amontoado de cores que ali estão dormindo, que tomam o aspecto de nuvens indecisas, que lembram ora flamas errantes, ora pensamentos que não chegaram a se definir, é a própria alma do artista. Olhando-o, vemos toda uma existência expressa, subconscientemente, em tons longínquos ou próximos. É um mundo que se acha diante de nós com um estranho véu de tintas indecifráveis no meio. Cada uma daquelas pinceladas obscuras representa um desejo ignorado, uma angústia que ninguém veio a conhecer, uma alegria ou uma paixão inconfessada.

Oh! a expressão infinita das paletas! Se os sonhos pudessem se condensar numa forma visível, seriam como elas são.

Porque elas são, realmente, como sonhos. Têm a imprecisão das névoas e ninguém compreende o mistério silencioso das suas manchas.

Elas são os sonhos com que os artistas procuram captar os reflexos inatingíveis da Perfeição através da harmonia das cores.





# O CARNAVAL CARIOCA DE OUTROS TEMPOS

SUA IMPORTÂNCIA: A Maior  
Festa Popular. — As Grandes e  
Pequenas Sociedades; Cordões e  
Ranchos

ADOLFO MORALES DE LOS RIOS FILHO

## SUA IMPORTÂNCIA

A MAIOR FESTA POPULAR — Não havia festa de caráter popular que excedesse, em importância, ao Carnaval. Pode-se dizer que a população, quase que em péso, participava do mesmo. Desde sábado à noite até a madrugada de quarta-feira de Cinzas, a cidade ficava dominada pelos mascarados e pelos foliões carnavalescos.

Os bondes, superlotados, desde cedo transportavam milhares de mascarados e de carnavalescos para o centro da cidade. À noite, bem adiantadas as horas, tinha lugar o retorno. Mas tanto na vinda como na volta para os bairros, ninguém ficava silencioso nos bondes, pois cantorias, assobios, businas, pandeiros e réco-récos animavam as viagens. Os motorneiros e condutores passavam máus momentos. Certos bairros ficavam tão sem gente, que pareciam abandonados. Lá só permaneciam os velhinhos e as velhinhas.

No centro urbano o borborinho era tremendo. Passava-se, cantava-se afinada ou desafinadamente, corria-se, pulava-se... O dia mais fraco era o de segunda-feira, quando tinham lugar nos bairros as batalhas de *confeitis*. E o dia maior era a terça-feira, quando desfiliavam as grandes sociedades.

Dos mascarados, vistos nas ruas e nos bailes, uns estavam ataviados com riquezas; outros grotêscamente e, alguns, de maneira original. Assim, podiam ser observados: uma discreta *Colombina*; o *Pierrot* enamorado; um *Toureiro* demasiadamente pacato; não poucos graciosos *Palhaços*; misteriosos *Dominós*, de tôdas as côres e com máscara inteira ou meia máscara (*Loup*), de cetim; o encasacado e encartolado *Burro-Doutor*; o vermelhíssimo *Diabinho* e o seu incomensurável rabo; o *Diabão*, com espantosa e enorme carantonha, e de tridente na mão; o *Sujo*, verdadeira-

mente imundo; um impertigado *Rei* ou uma convencida *Princesa*; o asqueroso *Morcêgo*; o coitadinho do surumbático *Urso*; o *Clown*, cheio de babados e não poucas vezes sem espírito ou com o espírito engarrafado, como se dizia então; a terrível *Caveira*; a esgançada *Pastorinha*; o convencido *Príncipe do Cordão*; o *Índio*, sobrecarregado de penas e de bicharocos em balsamados, sempre gingando, ao imitar ataques e defesas; o esfrangalhado *Pai João*; os enfatuados *Pagem e Marquês*; os nada temíveis *General e Guerreiro*; o enigmático *Chinês*; uma delicada *Vivandeira*; um pretencioso *Fidalgo*; ou um ridículo *Polichinelo*.

As *Grandes e Pequenas Sociedades* — Mas o prenúncio do Carnaval sempre vinha de dois meses antes, pois os grandes clubes *Tenentes do Diabo*, *Democráticos* e *Fenianos*, realizavam todos os sábados estrondosos bailes carnavalescos. O *Clube dos Tenentes* surgiu de uma transformação do *Clube dos Zuavos*, fundado em 1855. Depois deste nome foi chamado *Euterpe Comercial Tenentes do Diabo*. *Euterpe* em virtude de possuir uma bôa e vistosa banda de música; e *Comercial* por ser constituído de elementos do comércio. Por sua vez, a denominação de *Tenentes do Diabo* proveio da frase de um presidente de assembleia, que diante de um tumulto exclamou: *Querem saber de uma coisa? ! Não sêr todos tenentes do diabo! O Clube dos Democráticos foi fundado em 1867; e o dos Fenianos, dois anos após. O povo crismou os Tenentes, de Baêtas; os Democráticos, de Carapicús; e os Fenianos, de Gatos. Outros clubes menos importantes foram os chamados Congresso dos Fenianos, Zuavos e Pierrots da Caverna, surgidos das dissensões havidas nos Fenianos e nos Tenentes. Tanto os grandes como os pequenos clubes carnavalescos eram sociedades civis, devidamente organizadas, que tinham como principal objetivo a celebração do Carnaval. Essa atingia o seu ponto mais alto com a organização de *préstitos* que saíam, a percorrer a cidade, na terça-feira de Carnaval. Tais *préstitos* —*

organizados pelos melhores cenógrafos da cidade, como Publico Marroig, Jaime Silva, Angelo Lazary, Alfredo Brêda, Miguel Bilota, Miguel Moura, ou por artistas pintores, de que foram exemplos Fiuza Guimarães, Hipólito Colomb e Manuel Faria — estavam constituídos de *Carros Alegóricos* e de *Carros de Crítica*. Os *Alegóricos* — puxados por dezenas de mulas eram verdadeiras maravilhas de concepção e de maquinaria, e se impunham também pela sua enorme extensão. Para isso, as suas partes componentes estavam devidamente articuladas. Representavam animais fantásticos; grutas miríficas; *pagodes* chineses; árvores frondosas, em cujas balouçantes ramarias, belas ou feias raparigas jogavam beijos ao povo com uma monotonia de fazer dó; templos de belas colunas giratórias; caramanchões floridos; caravelas de velas pandas; navas repletas de canhões! Mulheres ao vento, balouçantes em trapézios, reclinadas docemente, encarapitadas em lugares incríveis... E, por certo, bastantes nuas. Delas, a mais importante, procedendo o *préstito*, era a *porta-estandarte*. Tudo isso brilhando por meio de lantejoulas e de côres as mais variadas, de dourados e pratas; com iluminação de archotes ou fogos de Bengala, feitos em Madureira ou em Caxias...

Os *Carros de Críticas* contrastavam com os outros pela pobreza. Em caminhões disfarçados, comparsas cheios de ironia criticavam as coisas, os homens, os fatos de maior importância, os acontecimentos políticos. Uma tribuna, um xadrez policial, uma gaiola, uma casinha, constituíam o ambiente necessário ao fato criticado.

Mas os *préstitos* não eram somente isso. Havia as bandas marciais, devidamente fantasiadas, as bandas de clarins, a comissão de frente, ou *Guarda de Honra*. Tôda montada em belos cavalos; com os seus numerosos componentes elegante e uniformemente trajados, mas não à fantasia. Garbosos desfiliavam, com os chapéus ou as cartolas nas mãos, agradecendo o aplauso do povo. Este tomava, dessa sorte, partido na disputa dos clubes para, através os *préstitos*, alcançar a vitória. Deve-se dizer, também, que além de sua finalidade carnavalesca, os clubes eram recreativos, organizando periodicamente, bailes e jogos de salão. Suas sedes, como a dos *Fenianos*, na Travessa de São Francisco, e as dos *Democráticos* e *Tenentes do Diabo*, na Rua do Passeio, eram importantes, como instaladas em antigos palacêtes, dotados de amplos salões. Ao grito de *Carnaval na Rua!*, a rapaziada, que fazia parte desses clubes, participava dos bailes que precediam o tríduo carnavalesco.

Outras pequenas sociedades carnavalescas alegravam, com os seus desfiles e festas, diversas zonas urbanas e suburbanas. As mais importantes chamavam-se *Paladinas da Cidade Nova*, *Flôr do Andaraí*, *Pepinos Carnavalescos* (no Engenho de Dentro), *Endiabrados de Ramos*, *Clube dos Aliados* (em Campo Grande), *Progressistas* e *Furrecos* (ambas em Santa Cruz).

*Cordões e Ranchos* — Agrupamentos carnavalescos de feição nitidamente popular, assim denominados, contribuíam com os seus bem organizados cortejo a pé para o sucesso do Carnaval do Carioca.

Pode-se afirmar que tais agremiações enchiam a cidade com a variedade e brilho das fantasias de seus componentes, originalidade das canções, suavidade dos melodiosos ritmos musicais e sincrônicos acompanhamentos de pandeiros, réco-récos, xequerês, chocalhos e cavaquinhos.

O *cordão* era um agrupamento de cinquenta ou cem pessoas do povo, de ambos os sexos, negras ou mulatas — o que não impedia a presença de alguns brancos — que marchava, encabeçado pelo porta-estandarte com trejeitos de dança, cantando canções pouco gramaticais, ao som de instrumentos de percussão, tocados com excelente ritmo musical. Outras vezes, alguns dos figurantes batiam palmas, como acompanhamento das canções. De começo não houve organização. Todos cantavam e dançavam fantasiados à sua maneira. Uns de índios; outros de príncipes e de reis. Outras de princesas e de rainhas. E havia o *velho*, o *diabinho*, o *morcêgo*. E *ciganos* e *ciganas*. O próprio estandarte era um *manto da Costa*, pois dominavam os *cordões* de baianas. Depois, o *cordão* organizou-se. Os figurantes passaram a exibir fantasias condizentes com a *idéia* que o desfile devia apresentar: luta contra os mouros, marujada, guerra do Paraguai. E para que o desfile do *cordão* se processasse na devida ordem, evitando a intromissão de estranhos, seus componentes passaram a ser cercados por um *cordão* — ou fôsse um quadrângulo de forte corda — sustentado por simpatizantes, simplesmente vestidos. Talvez daí lhe provenha o nome.

Um dos *cordões* mais famosos foi o da *Rosa de Ouro*, do Andaraí, para o qual a maestrina e compositora brasileira Chiquinha Gonzaga — cujo verdadeiro nome era Francisca Hedwiges Gonzaga — compusera em 1899 a marchinha chamada “*O abra alas!*”

“*O abre alas*

*Que eu quero passar,  
Rosa de Ouro  
É que vai ganhar.*

Ainda recordamos uma variante desses versos, mas não sabemos se eram do original de Chiquinha Gonzaga ou se foi adaptação alheia, como era frequente acontecer quando uma *canção*, um *samba* ou uma *marcha* obtinham sucesso. A variante que guardamos em nossa recordação é a seguinte:

“*O abre alas  
Que eu quero passar,  
Que eu sou da lira  
Não posso ficar.*” (\*)

Outro famosíssimo *cordão* era o *Mimoso Bogari*, que cantava lembrando, talvez, o inesquecível ouro das Minas Gerais:

“*Sou eu! sou eu!  
Sou eu que cheguei aqui!  
Sou eu Mina de Ouro  
Trazendo o nosso Bogari.*”

Depois, o *cordão* evoluiu, passando a apresentar-se cada vez mais ricamente fantasiado. Foi o prenúncio do aparecimento do *rancho*; ou seja um *cordão* melhorado, apresentando, como insignia, o verdadeiro *estandarte*. Isso ocorreu em 1911, cabendo a *idéia* da criação ao cronista carnavalesco João Guimarães (Vagalume), do *Jornal do Brasil*. Cada *rancho* se apresentava com indumentária condizente com o *enredo*, ou assunto adotado para a exibição pública. E assim havia *enredos* que diziam respeito ao *Egito*, ao *Japão* ou à *China*, da mesma forma que ao *Tempo do Império*, à *Náu Catarineta*, à *Guerra contra os Holandeses*, ao *Descobrimento do Brasil* ou à *Côrte de Luiz XV*. Eram figuras principais nos desfiles: a *porta-estandarte*, com os seus requebrados e volteios; o *baliza*, que gingava todo enquanto balouçava no ar o comprido bastão; os *mestres-salas*, disciplinando as evoluções dos grupos de comparsas; e os *mestres de canto*, ritmando as vozes.

Os primeiros grandes ranchos foram *Flôr do Abacate* e *Ameno Resedá*, ambos com sede na Rua Correia Dutra, no bairro do Catete. Neste último *rancho* se destacaram o compositor Américo dos Santos (vulgo *Faixa*) e o conhecido folião e jornalista Everardo Lopes. Outro *rancho* que alcançou renome foi o *Miséria e Fome*, constituído de sócios dos Clubes de Regatas sediados na Praia de Santa Luzia. Não menor destaque teve o *rancho Rosa Branca*, do Estácio de Sá, cujos componentes eram todos pretos. E fazendo fosquinhas se exibia por tôda a parte o *rancho Rosa de Diamantes*.

Durante o Carnaval também apareciam pelas ruas outros *ranchos* baseados nos cultos africanos. Assim acontecia porque os devotos de tais cultos, principalmente do culto omolocô, fechavam os seus *terreiros* e vinham participar da mais renomada festa pagã. Tais *ranchos* traziam como figuras principais as *sambas*, ou dançarinas dos terreiros afro-brasileiros, criadoras dos *sambas*.

Foi, segundo ensinam Tancredo da Silva Pinto e Byron Torres de Freitas (\*), naqueles *terreiros* que o ritmo do *samba* surgiu e se desenvolveu, criando essa música-dança, que já tem fóros de senhoria nos salões brasileiros e estrangeiros. Dentre os *ranchos* ligados a êsses cultos podiam ser apontados *Os Africanos* de Vila Isabel, o da *Velha Inhá* do Estácio de Sá, e o de *Tia Benedita*, no Rio Comprido. Dançando, cantando e rebolando-se “*as sambas eram* — segundo os referidos autores — *figuras de destaque nos festejos de Momo, pelo seu pé de dança e molêjo das cadeiras. Muitos curiosos ofereciam dinheiro para que o bloco parasse. Parado o bloco, formava-se uma roda, saindo a chefe para o centro e colocando-se em frente da samba escolhida para sambar, por meio de palmas. A samba, então, fazia o sinal da Cruz, sacudindo-se tôda ao som dos ganzás, adufos (pandeiros) e outros instrumentos, e, a certa altura ia se agachando com as mãos nas cadeiras e se levantando, num rebolear originalíssimo, de cima para baixo e de baixo para cima, fazendo com que os assistentes jogassem chapéus, dinheiro e outros objetos, aos pés da samba gritando ao mesmo tempo: “ecô... ecô... ecô (chega, está bom), ocasião em que a samba ia tirar outra, batendo palmas em frente da colega e pedindo licença à chefe para voltar à roda.*”

Quando iam tirar as mulheres para as danças, os homens diziam: “*Agô, iáia*” (a senhora dá licença?) e as mulheres respondiam: “*Agô iá, iôio*” (licença tem o senhor). E, assim, o pessoal dos terreiros brincava o Carnaval, deixando como tradição as ricas baianas de hoje e as escolas de samba”.

Discorrendo sobre o assunto, os referidos e curiosos autores, estabeleceram a diferença entre *samba* e *batucada*, uma vez que a confusão entre ambas não poucas vezes tem lugar. A “*batucada*”, ou melhor “*batucada*”, proveio dos Angolistas, negros Bantús, que constituíam uma raça valente, alegre e livre. Brincavam êles a “*capoeira*”, divertimento somente para homens, onde mostravam grande agilidade e segurança nos golpes aplicados. O ritmo dos batuqueiros era forte, atrativo e diferente de qualquer outro, sempre acompanhado por grandes adufos. O ritmo dos pandeiros comandava os golpes de *capoeira*. Eram muitos tais *golpes* ou *pegadas*. Assim, a batucada leve chamada “*baú*” não servia para derrubar o contendor. A batucada pesada conhecida como “*banda cruzada*”, aplicada com as duas pernas, fazia cair o contendor com a perna esquerda ou a direita. Era tão violento que não dava tempo para a defesa. Com o golpe “*banda de frente*”, o batuqueiro caía em cima do adversário, mas sem se machucar. Por sua vez, na “*banda jogada*” o batuqueiro vinha gingando o corpo e no momento em que se aproximava do contendor batia palmas perto do rosto do mesmo para distraí-lo. Feito isso, passava rápido a perna e o derrubava perigosamente. Por sua vez, a “*tesoura*” constituía um golpe

“*Cordão*” — *Têla de Olga Mary*

dado com as duas pernas trançadas nas pernas do contendor. A “*tirica*”, ou “*rabo de arraia*”, era uma pegada exigindo muita agilidade, pois consistia em colocar uma das mãos no chão e levantar uma das pernas até que o rosto do contendor fôsse atingido com o pé. Outras batucadas tinham denominação não menos curiosas. Tais foram as batucadas pesadas. “*É ordem do rei matar*”, “*O rei mandou castigar*”, “*O navio apitou*”, “*Chegou Minas Gerais*”. Inúmeros foram os adeptos da *batucada*, tornando-se assim, *batuqueiros* de renome: “*Eduardinho, da Piedade; Valdemar, da Babilônia; Inácio, do Catete; Abel e Melado, de Catumbi; Caneta, Nino e outros, do Estácio; Geraldo, da Fundição (Cidade Nova); Bernardo Sapateiro, valente tirador da batucada, do Bêco do Espinheiro. E, ainda, o grande João Minas, introdutor da cuica no samba (um parêntese: a palavra cuica é uma forma aportuguêsada da palavra angolense “Puita”, que é um instrumento do culto, especialmente entre os “lundas”).*”

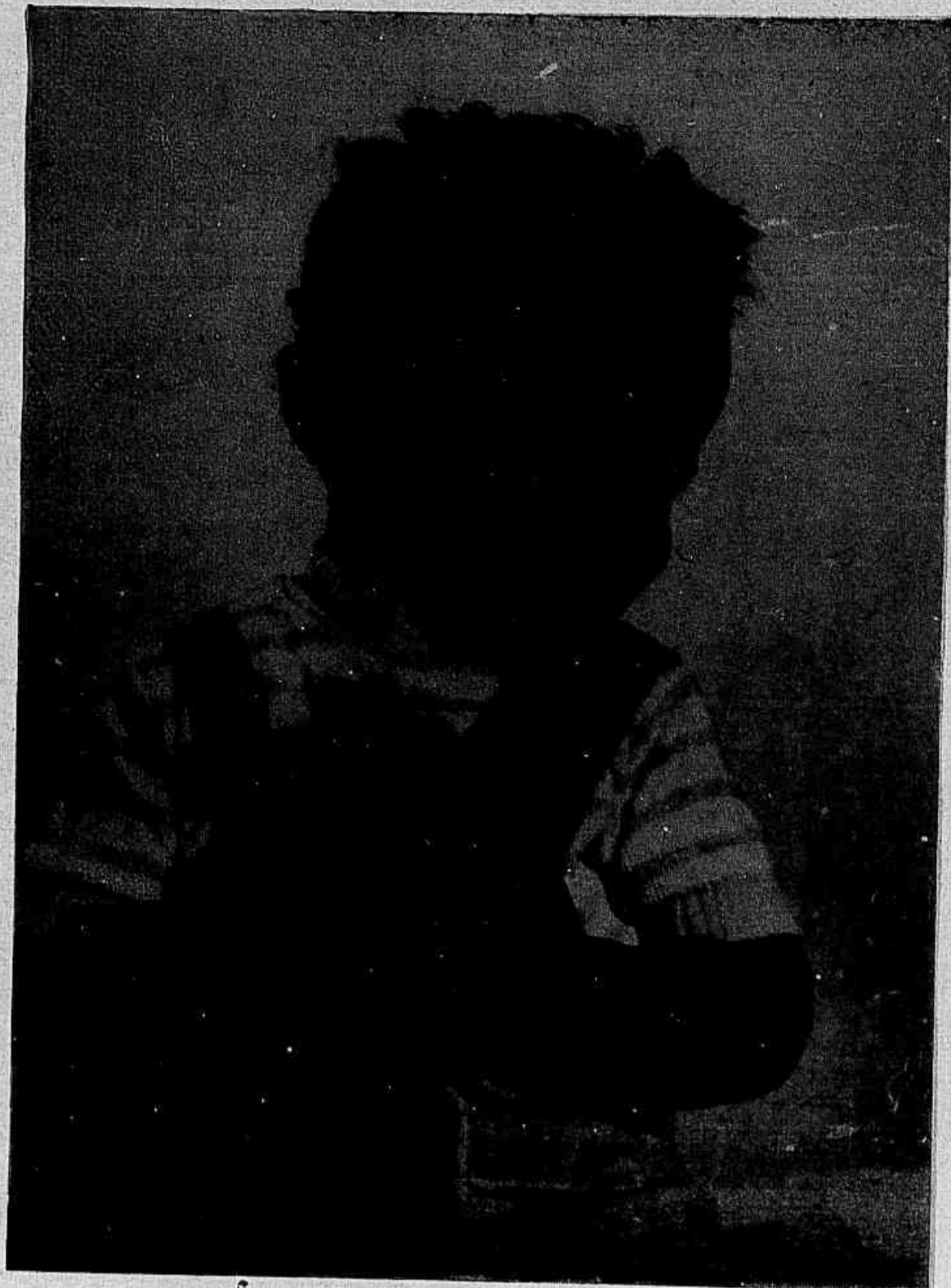
Por sua vez, a “*estilização do samba, como sambacção, samba de brêque, samba-batucada, foi obra dos compositores populares modernos. Os sambas antigos possuíam letras curtas, tais como: “Olha o rema no mar...”, “Sáia de babado, babadão...”, “Iáia não vai no coqueiro, não...”, etc. Surgiram, porém, compositores como Rubens, Baiaco, Milton, Ismael, Tibelo, Francelino e outros, que frequentavam o terreiro da Tia Benedita, no Rio Comprido, e, com êles, o samba estilizado, em sua forma contemporânea. Daquele povo do santê, surgiu também a primeira escola de samba no Rio de Janeiro, onde brilhou o grande tocador de cuica Oliveira, já falecido, e que representou o nosso samba no estrangeiro.*”

Com o passar do tempo, a *batucada* modificou-se, deixando de parte a *capoeiragem*, passando, assim, a ser, no Carnaval, um grupo de quinze ou vinte rapazes ou homens, geralmente pretos ou mulatos, que percorria as ruas ao som de cantorias, com acompanhamento de cuicas, réco-récos, xaque-xaques, pandeiros e pequenos tambores.

Segundo Lúcio Rangel (\*), o *samba* começou a ser cultivado por volta de 1922 pelas *Escolas de Samba*. Informa, mais, que a primeira desse gênero surgiu no Estácio de Sá. Entretanto, não falta quem diga que as escolas de samba surgiram em 1927 na casa do macumbeiro José Espinguelo, no Engenho de Dento. Deve-se deixar assinalado que as atuais e famosas escolas de samba *Mangueira* e *Portela*, foram fundadas em 192 como blocos, sob os nomes de *Arengueiros* e *Vai como pode*. A primeira passou, em 1929, a chamar-se *Estação Primeira*; e, em 1931, a segunda recebeu o nome de *Portela*. O referido autor esclarece, que não há diferenciação entre o *samba* do morro e o *samba* da cidade. Sendo suas características as mesmas, não há, pois, duas modalidades de (Continua na pag. 42)



# IMAGENS DO FUTURO



*Arthur, com dezoito meses, filho do casal Roberto Tompson Motta.*



*Maria Alice, com dezesseis meses, filha do casal Wilson Nassif.*



*Luiz Octavio, com treze meses, filho do casal João Afonso Rezende.*



*Sima, com dois e meio anos, filha do casal Estael Quaresma.*

FOTOGRAFIAS TIRADAS  
NOS STUDIOS DE  
**FOTO PREUSS**

(SÓ CRIANÇAS)  
RIO — NITERÓI



A propósito de acordos ortográficos entre Portugal e Brasil, tínhamos ultimamente a impressão de que o assunto estava como que temporariamente esquecido. Pelo menos, de nada sabíamos nem havíamos deparado com qualquer referência da imprensa ao mesmo assunto. A não ser que as renovadas comissões interacadêmicas dos dois citados países para tratar da unificação ortográfica, — se é que elas subsistiram — não quisessem revelar o que pretendiam fazer.

Sabemos agora, porém, que o Ministro da Educação e Cultura nomeou, há poucos dias, uma comissão, a fim de proceder à revisão do ensino da língua portuguesa nas escolas brasileiras.

Julgamos a ocorrência auspiciosa; não só pela exigência dos reparos que devem ser feitos no subvertido regime da ortografia, como também porque, segundo o noticiário da imprensa, a dita comissão foi constituída por elementos capazes de levar a bom termo tão difícil incumbência.

E se antes nada havia surgido ao conhecimento público no que se relaciona à debatida e ainda não terminada questão ortográfica, foi porque, — como naturalmente supomos — os sucessivos e recentes acontecimentos políticos no ambiente nacional e a intranquilidade provocada pela assustadora carestia da vida em nosso país, não mais permitam a ninguém pensar em acordos ortográficos.

A sabedoria popular, em seu apurado raciocínio, terá por certo considerado que, se tudo no Brasil está subvertido, porque não estará também a ortografia? O raciocínio parece-nos coerente.

E realmente há vários anos assim temos andado; isto é: aos tropeços, escrevendo mal ou mesmo não sabendo como escrever. Esta é que é a verdade.

Desde 1911 que a língua portuguesa tem sofrido repetidas reformas.

E desde 1930 que nada menos de seis a oito sistemas ortográficos têm obrigado o brasileiro a mudar de rumo quanto à maneira de escrever.

Nada menos de seis a oito decretos governamentais de uso compulsório têm imposto ao paciente povo brasileiro um vocabulário novo e divergente, como se a esse povo, pouco alfabetizado e que ignora particularidades ortográficas ou mesmo, a uma grande parte dos mais letrados, fosse possível aprender a escrever por decretos.

E daí a profusão de leis, circulares, portarias, regras e convenções que obrigaram o brasileiro a escrever por normas oficiais e regulamentares, o que deu motivo a um verdadeiro problema ortográfico, gerando ainda a maior confusão entre todos os que escrevem por dever de ofício ou pretendam acaso redigir alguma coisa.

A nossa suposição, pois como simples observadores do assunto, é a de que, não obstante os sucessivos acordos entre a Academia de Ciências de Lisboa e a do Rio de Janeiro; apesar dos vários e divergentes decretos governamentais impondo decisões interacadêmicas, além dos bem intencionados projetos que acaso venham a ser feitos no sentido da unificação ortográfica luso-brasileira, jamais se poderá ajustar ou subordinar a língua portuguesa falada e escrita no Brasil, no estado em que a mesma se encontra atualmente, à língua portuguesa falada e escrita em Portugal.

Porquanto, — assim presumimos — essa irreparável divergência, parte de um princípio fundamental: o acentuado antagonis-



## SUBVERSÕES E CONFUSÕES ORTOGRAFICAS

ALBERTO RUIZ

mo no que se refere à fonologia, à lexicologia, à morfologia e à sintaxe das duas línguas, havendo ainda a formação da palavra escrita e da prosódia usada nas várias regiões dos dois países; característicos esses, que, em rigor e como se sabe, são completamente diferentes.

Ha também outra particularidade igualmente importante que devemos levar em conta: Em Portugal, a tendência é para alongar a terminologia da palavra; como, por exemplo: "estare" em vez de estar (verbo); "cantare", "vivere", "ouviere", etc, em vez de cantar, viver, ouvir e assim sucessivamente.

Ao passo que no Brasil a tendência é para encurtar a palavra, como, por exemplo: "está" e "tá", em vez de estar; "cantá", "vivê" e "ouvi", em vez de cantar, viver e ouvir, etc., afóra os vícios de linguagem tão comuns e tão divergentes nos dois países. E além do que foi mencionado, ocorrem ainda a troca dos *h* por *v* em Portugal e dos *r* por *ll* no Brasil, sem aludir aos diferentes termos usados nos dois países e que impossibilitam a pretendida identidade de linguagem. Poderá, portanto, ser unificada uma ortografia de tão profundos e divergentes característicos, embora provenientes da mesma origem?

Escrevendo esta crônica ligeira com as devidas reservas, é oportuno esclarecer a quem acaso a leia, que não pretendemos ensinar a ninguém as regras da ortografia simplificada nem fazer a análise dos vários e divergentes decretos ortográficos que entre nós, brasileiros, tanto têm subvertido a grafia da língua portuguesa e afligido a paciência dos que são obrigados a escrever pelos métodos oficiais.

Aliás, não ensinamos coisa nenhuma. O que apenas, como simples observadores da subversão existente em nosso país, — já o afirmamos — é tão somente assinalar a impossibilidade de uma unificação ortográfica entre o Brasil e Portugal.

Nesse sentido, pois, expomos a seguir, — sem murridos eruditos — algumas ligeiras reflexões quanto ao confusionismo da atual grafia. Nos limites restritos de uma crônica ligeira, nos moldes simplifica-

dos da que fazemos agora, é evidente que não nos será possível citar variados exemplos referentes à subversão ocorrida no Brasil e mesmo em Portugal.

Seriam interm'navéis. Entretanto, apontaremos apenas alguns dos que denominamos "exemplos típicos" e que muito claramente evidenciam que não estamos longe de acertar.

E, assim, eis o primeiro: é a grafia e a pronúncia da palavra "recepção".

Escolhemos propositalmente esta palavra por ser uma das mais apropriadas ao caso que citamos.

No Brasil, mesmo com todas as convenções interacadêmicas e decretos impondo normas oficiais, toda a gente escreve e pronuncia "recepção" com *p*; sendo que muitas pessoas, exagerando a pronúncia, principalmente nordestina, a pronunciam "recepeção".

Ora, em Portugal, ninguém escreve ou pronuncia a palavra "recepção" como no Brasil. Em território lusitano toda a gente escreve e diz "recessão", com a acentuação tônica bem aberta: re-cé-ssão.

Lembro aqui, a título de curiosidade, o conhecido e gordíssimo Chaby Pinheiro, ótimo ator português, com acentuada e nunca perdida pronúncia lusitana da província, a recitar uns versos

de Macedo Papança, o Conde de Monsaraz:  
Na recessão da envaixada,  
a varoneza sorria...

Lembramos também o termo "vossa excelência" usado no Brasil como tratamento cerimonioso ou meramente cortês.

Alguns oficiais de gabinete ministeriais, dirigindo-se aos respectivos ministros, costumam adotar uma variante do citado termo, empregando "vocelência". Em Portugal, porém, o termo usado é "vocencia", adotado também como tratamento às pessoas de categoria social.

E assim, é costume ouvir-se: Ora pois. Por quem és... Vocencia não entra? Temos ainda como exemplo a palavra Antonio, que aqui no Brasil é dita com a tonalidade fechada e — sem que saibamos porque — recebeu o inexplicável estigma de um acento circunflexo na sílaba *tô*.

Ouvimos dizer que assim deverá ser, por causa da obrigatoriedade da acentuação dessa palavra, na ante-penúltima sílaba.

Em Portugal, porém, toda a gente chama Antonio (ou António) com a acentuação tônica bem aberta. E assim Odete, Adlaide, Ablardo, dezasete, redacção, e tantos outros variadíssimos termos discordantes dos denticos e usados no Brasil.

Ha também que reparar na construção da frase. O povo português, mesmo da gente considerada rude, fala gramaticalmente bem a língua portuguesa, empregando com acerto, o modo e o tempo dos verbos, assim como a colocação dos pronomes.

Emquanto que os brasileiros, mesmo os mais letrados, — salvo exceções, naturalmente — em geral não sabem gramática e empregam pessimamente mal os verbos e os pronomes, estroniando, quanto possível, o chamado vernáculo, que é a pureza da língua. O outro exemplo típico o qual não podemos deixar de citar, é o da supressão ou presença de certas consoantes intercaladas mudas e inuteis, conforme as antagonicas e opostas determinações dos diversos decretos ortográficos que assim impuseram, para agrado ou ou desespero dos que adotaram um ou outro regime.

Excusado será dizer que aplaudimos a simplificação ortográfica; pois em verdade, existiam na língua portuguesa, palavras de



## NA RESIDÊNCIA DO CASAL IVO ARRUDA

Nosso colega Ivo Arruda, diretor do BUREAU INTERNACIONAL DE IMPRENSA e a sra. Maria Amorim Arruda, na sua elegante residência de Ipanema, ofereceram um jantar aos drs. Roberto Barroso Filho, vice-presidente da Associação Brasileira de Municípios e Joaquim Peixoto, Secretário das Finanças do Paraná. O "jantar americano" foi servido em diversas mesas, armadas no jardim tropical da casa da rua Barão da Torre, prolongando-se a reunião (houve danças) até três horas da madrugada seguinte. Nas fotos vêm-se, ao alto, grupo de convidados ladeando os homenageados, entre os quais o Deputado Carvalho Sobrinho, coronel Frederico Mindelo, Saul Valente, dr. Osorio Nunes, sr. Robert Lobel e Comendador Luiz De Tulio.

Ao centro e em baixo aparecem as sras. Hayde Barroso e Lenora Peixoto, Sali Fishman (Chefe do Departamento de Relações Públicas da "Delta Lino") Lelita De Tullio e a sra. Maria Amorim Arruda num grupo que ouvia o Deputado Carvalho Sobrinho declamar um poema de Frei Gregorio, pseudônimo de brilhante poeta humorístico de São Paulo.



origem e etimologia latina em que determinadas consoantes eram perfeitamente dispensáveis e que serviam tão somente para dificultar a falta de conhecimento dos que não sabiam escrever por esse antigo e complicado regime etimológico. Por conseguinte, foi conveniente a sua eliminação.

Dai, porém, à supressão total de tôdas as consoantes julgadas mudas e inúteis, há uma grande distancia e consideramos um erro grave o banimento decretado. Que nos perdõem os mestres da simplificação ortografica.

Todavia, o que um dos decretos ortograficos preconiza para uso da escrita da lingua portuguesa no Brasil, quanto ao regime das consoantes mudas, é que se pronunciem e se escrevam as palavras em que elas figurem, conforme soem ou sejam escritas em Portugal. (Base VI, do Decreto-lei n.º 8.286 de 5/12/45).

Consideramos tão falho e tão pueril este preceito, que nem vale a pena levá-lo a sério.

Como é que, de momento, se poderá saber quando determinada palavra se pronuncia ou se escreve de um modo ou de outro em Portugal?

Ha também outro exemplo tipico: existem na lingua portuguesa palavras de grafia identica e de significação diversa, conforme a presença ou a ausencia de uma simples consoante, das julgadas mudas e inúteis.

São assim as palavras "facto" (ou fato) "pacto" (ou pato) e "ato" (ou ato). Temos notado que alguns professores e entendidos em ortografia simplificada, não toleram a presença da consoante c em palavras de significação diferente, embora sejam escritas como eles entendem, isto é: sem a mencionada letra. Os que, — como nós — andam apenas mariscando umas tantas incongruencias no terreno ortográfico no interesse natural de aprender mais alguma coisa de pouco que sabem, não concordam, porém, com essa exigência absurda e inconveniente da supressão dessa e de outras consoantes consideradas sem valor, quando a sua presença ou ausencia é que exprime e significação das palavras em que elas se encontram.

E assim vejamos "Com a supressão da letra c na palavra "facto" (resultando fato) quando é que o iletrado vai saber se essa palavra exprime um acontecimento, uma coisa existente ou significa uma roupa de

homem, como se diz no norte do país? Gera sempre confusão.

E foi por isso que um funcionário publico, fazendo uma requisição de material de expediente para o seu Departamento, pediu uma escova de "facto", com c. De facto pedira uma escova de fato para roupa de homem.

Com a supressão da letra c na palavra "pacto", como é que o mesmo iletrado irá distinguir se a palavra pato, sem a consoante c, exprime uma convenção, um contrato ou simplesmente um plumitivo?

Será correto dizer-se: — "os namorados fizeram um pato de morte?"

E ainda, com a supressão da letra c na palavra "acto", como é que o ignorante de transcendencias ortograficas irá também adivinhar se a palavra ato significa uma ação, a divisão de uma peça de teatro ou o presente do indicativo do verbo atar? Será possivel que se adotem semelhantes absurdos ortograficos? Felizes dos que se insurgem contra as anomalias ortograficas. Referindo-nos ainda às supressões e mudanças de consoantes tão do agrado de certos mestres da simplificação ortografica, aludiremos agora à ostensiva ojeriza votada a letra z.

Esta inofensiva letra foi tão útil por tão longo tempo, atravessando incólume, por dilatados decênios. Serviu como complemento regular de tantas palavras que o tradicional bom senso mandava escrever com a dita letra, tais como: Brazil, paiz, mez, Ignez, portuguez, e tantas outras.

De repente, porém, sem argumentos justificáveis, como se fôra apenas por mera fantasia ou brincadeira, baniram o pobre z da grafia de certas palavras. E assim passaram a impor Brazil com s, paiz também com s (com acento agudo no i) e ainda mez, igualmente com s (e mais um acento circunflexo) como se não fôra bastante a mudança do z por s, provocando com essas mudanças uma das maiores confusões ortograficas; principalmente na palavra "paiz", que sem o z, tem a grafia de país (com acento agudo no i) dando à primeira vista a quem ignore essa minucia ortografica, a impressão de que se trata de ascendentes paternos e não de um território.

E' o caso de perguntar: Que vantagem teria trazido essa inexplicável mudança do z por s ao grande publico iletrado? Que beneficios teriam tido com essa troca de letras os que mal sabem ler e escrever? Que perigo teria também havido para as insti-

tuições da Republica com a permanencia da letra z nas palavras Brazil, paiz, mez, etc.?

Realmente não sabemos.

Outro exemplo das fantasias ortograficas, é profusão de acentos graves, agudos, circunflexos e tremas, com que os organizadores da unificação em Portugal marcam inutilmente muitas palavras que por mais de seculo jamais fizeram semelhantes estigmas: Assim, é que, as palavras "outro", "esse", "aquele", "ha" (verbo haver) "lapis", "amavel", "imovel", "Antonio" e inumeras outras aparecem assinaladas por esses inexpressivos acentos, como se fôsem eles indispensáveis à sua pronuncia.

Ora, — como julgamos — o regime da acentuação deverá ser feito unicamente em acordo com as exigencias da pronuncia das palavras, a fim de que denunciem a sua significação, tais como os termos "sábua", "sabão" e "sabão".

Em relação a acentos, é oportuno apontarmos também a maneira pela qual um dos tais decretos determinou a grafia da palavra "frequencia".

Como os autores da nova grafia dessa palavra achassem que não lhe bastaria apenas um acento circunflexo, ainda a mimosearam com um trema, de autentica origem alemã, para confusão dos que ignoram essas transcendentes particularidades da chamada simplificação da lingua portuguesa.

E convem refletir que toda essa confusão tem sido imposta como ortografia oficial. Dizia-nos o nosso amigo Humberto de Campos que a imposição de todos os acordos ou vocabulários ortograficos ao uso oficial da escrita no Brasil, nada mais traduzia do que o interesse comercial dos editores lusitanos, para que os seus livros, não muito divulgados em Portugal, fôsem lidos também aqui no Brasil. E dai o empenho pela unificação ortografica, — dizia o nosso informante.

Podemos afirmar agora, porém, que, de nossa parte, transmitindo o que nos foi revelado, não há nenhum despreço aos editores ou literatos academicos portugueses, pelos quais mantemos a nossa justa admiração.

Entretanto, sem que os nossos reparos traduzam censuras ou ironias, continuamos certos de que será impraticável qualquer tentativa de unificação ortografica entre Portugal e Braasil. Não era preciso esclarecer que o povo de um país é que faz e

(Continua na página 42).

## M ã E

Minha Mãe ! Como faz falta  
Tua vida em meu viver !  
Tudo em minha'alma se exalta,  
Na face a angústia ressalta,  
Quando penso em meu sofrer !  
Como é triste, é árduo e atroz  
Alguém ainda pequenino,  
Deixar de ouvir, cedo, a voz  
De sua Mãe ! É o Destino !  
Não há na vida um obstáculo  
De intensidade tão vasta,  
Como o que traz o espetáculo  
De uma Sorte assim madrasta !  
Sob o signo do tormento  
De uma cruel adversidade,  
A vida é um só sofrimento,  
Um só drama de saudade !  
Podes crer que hoje o meu sonho,  
É poder, — ó Mãe querida ! —  
Prestar com todo o carinho  
— Ritual místico e tristonho —  
A homenagem comovida  
Que o mesmo terno filhinho  
Te deve por tôda a vida !

PETRARCA MARANHÃO

## TORMENTOS DO ESPÍRITO

Quem sente alma descrente da ventura  
e o coração unguido da saudade,  
vivendo vida de íntima tortura  
e vendo a vida sem serenidade;

Quem sente alma sofrendo a desventura  
de sonho bom que o coração invade,  
sem a esperança, na ilusão mais pura,  
de fugitiva e vã felicidade;

Quem alma prêsa de um afeto sente  
e muito perto se lhe vê dos olhos,  
mas se lhe vê do coração ausente;

Quem somente por um amor existe,  
e dêste amor emergem os escolhos;  
aos tormentos do espírito resiste.

HORMINO LYRA

## A M O R,

### ATRIBUTO

Convencendo-me assim de que a poesia  
é que serena o coração palpita,  
nada como êsse ardor que exalta e incita  
o que o sonho me enleva todo dia !

Nada como a tranquila simpatia  
que recônditamente a alma recita,  
em meio à luz que sempre assim bendita,  
tão suavemente o íntimo extasia !

Nasceu há muito da simplicidade  
dos atributos próprios de bondade  
que a grandeza divina em tudo inspira !

E que toda alma apenas sublimada  
pôde bem pressentir nessa escalada  
por onde se harmoniza a própria lira !

JOÃO DANIEL DE CASTRO

## O NORDESTINO E A SÊCA

HEITOR BERREDO

Deixando para trás, a roça e a casa,  
fugindo à sêca numa luta imensa,  
o nordestino, sob um sol qu abrasa,  
guarda no olhar a luz de eterna crença.

Da antiga mata verde, exuberante,  
uma visão dantesca se oferece;  
sòmente galhos sêcos, nêsse instante,  
como se fôssem mãos, postas em prece...

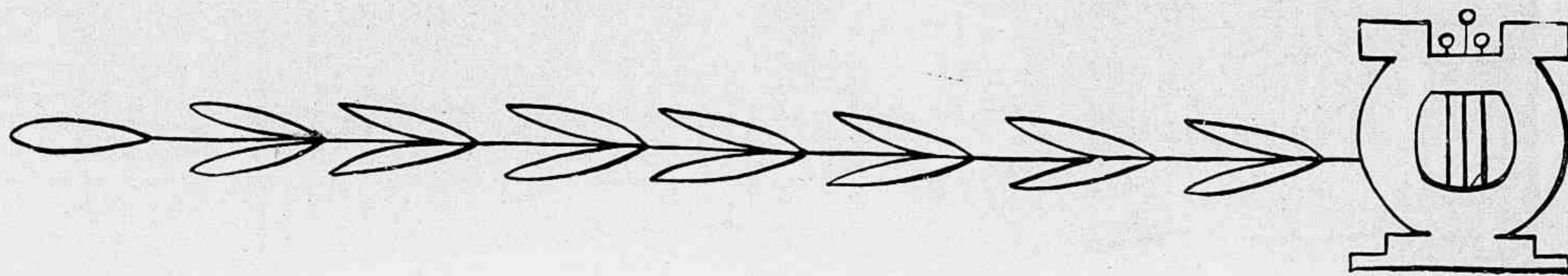
A mansa vóz dos córregos calou;  
a passarada já não canta em festa;  
de tudo enfim, de tudo, que êle amou,  
uma saudade amarga apenas resta.

Lembrando a doce Virgem do Calvário,  
tendo na face a mágua que a consome,  
quanta mãe reza, triste, o seu rosário,  
chorando o filho morto a sêde e a fome.

E, em procissão de dor e de amargura,  
em busca d'água pela estrada em fóra,  
êle ainda crê, na sêde que o tortura,  
no milagre da chuva que demora.

Faminto, em trapos, bôca ressequida,  
do nordestino a crença em Deus é tanta,  
que embora sinta já fugir-lhe a vida,  
contrito os olhos para os céus levanta...

E quando finda tôda essa tormenta,  
e a chuva cai num hino de esperança,  
na fé sublime e forte que o sustenta,  
êle retorna certo da bonança.





*Maria Lídia — filha da Sra. Lídia Gomes de Mattos e Dr. Augusto Gomes de Mattos, da nossa sociedade.*



*LANA ALBA é, mesmo, um pecado moreno. É o amor em cena, com seus cabelos pretos, seu sorriso espontâneo e suas qualidades de atriz de comédia. Consagrada no mundo teatral do Rio, de São Paulo, Santos e Campinas, é já um nome consagrado.*

#### ENLACE — MONTANARI DI CNIDO — DERDERIAN



Constituiu um verdadeiro acontecimento mundano na sociedade paulista, os esponsais da Srta. Delfina Montanári com o Sr. Mário Philip Derderian, filhos do Comendador Ugo Montanári di Cnido e da Snra. Carmella Montanári, e do Comendador Dr. Philip M. Derderian e da Snra. Ana Derderian. A benção nupcial foi dada na vetusta Igreja Santa Terezinha, em Higienópolis, com a presença de figuras exponenciais da sociedade bandeirante. Após a solenidade foi oferecida elegantíssima recepção no Salão Nobre da Lugartenência Magistral da "Ordem Sácrá Imperial Angélica, de Constantino, O Grande", à Rua São Luiz, 258, na cidade de São Paulo. Os nubentes receberam a honrosa Mensagem do Príncipe Miguel III e outra do Embaixador José Carlos Macedo Soares, Ministro das Relações Exteriores.



**Senhorita**  
**CARMEN AMELIA VÊGA PEREIRA D'ALMEIDA**

**F**azendo o seu "debut" social, quando completava quinze anos de idade, a 21 de Abril passado, a senhorita Carmen Amelia ofereceu, na residência dos seus pais, o industrial João Rosa Pereira d'Almeida, diretor da "União Fabril Exportadora" e D. Maria Diaz de la Vêga Almeida, uma elegante recepção, a qual compareceram figuras as mais destacadas da sociedade carioca.

Aqui vemos a jovem debutante na noite da sua grande festa e num flagrante com os inúmeros presentes que recebeu.



## O PAI DA NOSSA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

De CARLOS MAUL

(Carta aberta a Mario Portugal Fernandes Pinheiro)

**L**i com muita satisfação os originais de seu trabalho CÔNEGO FERNANDES PINHEIRO (Vida e obra). O copioso material que V. acumulou para a demonstração de seu ponto de vista — que é, aliás, o de quantos estudam o nosso passado — de que ao Cônego cabe a primazia da historiografia literária do Brasil, não deixará no espírito dos leitores nenhuma dúvida a respeito dessa prioridade. Ao ilustre clérigo e professor, seu eminente antepassado, tocou o que tem tocado a muitos dos que escrevem em nossa terra: a omissão de seu nome exatamente pelos que lhe aproveitaram as lições e as pesquisas. Não se negará a alguns dos que versaram o mesmo assunto, posteriormente, mérito ou talento. São evidentes os esforços dos continuadores, mas o que não se tolera é a injustiça para com quem proferiu a primeira palavra e coordenou os primeiros elementos necessários a tudo o que se produziria mais tarde com base nas suas investigações. As várias histórias da literatura aparecidas no Brasil, de brasileiros e de estrangeiros que por aqui andaram serviram para a repetição de numerosos erros e equívocos, porque tôdas traziam a eiva da carência de um exame das obras referidas, e no que estavam certas reproduziam o texto do Cônego Fernandes Pinheiro.

Nada perderiam os autores desses livros se houvessem prestado ao antecessor a devida reverência pelo que lhes deixou de caminho percorrido e de colheita abundante. Poderiam ter feito o que V. acabou fazendo com energia, brilho e brobidade. Agora, ao ler-se o que V. reuniu em suas páginas, verificar-se-á, à luz de um riquíssimo documentário da melhor autoridade, que ninguém mais ousará tirar ao Cônego Fernandes Pinheiro o título que lhe pertence por direito de conquista. Discutir, nos moldes de determinados escribas, se era ou não brilhante a prosa de velho mestre, não lhe tira o valor, nem ao esforço nem à vastidão de conhecimentos. Lá está no Píndaro que o "mérito pertence a quem teve a primeira idéia".

No caso em aprêço, teve-a, indiscutivelmente, o Cônego Fernandes Pinheiro que V. indica como o pai de nossa historiografia e crítica literárias. Tudo o que possuímos nesse sentido é posterior ao seu advento. A êle, portanto, o que se lhe reconhece como de sua iniciativa.

## UM CONCURSO LITERÁRIO EM PETRÓPOLIS

**E**m colaboração com a Prefeitura de Petrópolis a Academia Petropolitana de Letras promoveu recentemente um concurso, parte do programa de comemorações do primeiro centenário da elevação de Petrópolis à categoria de cidade. No ato inaugural dessas solenidades realizadas no salão do Museu Imperial, procedeu-se à entrega dos prêmios e diplomas conferidos aos vencedores do torneio. Foi este o resultado do concurso:

Sonetos premiados: "Petrópolis" de Edmundo Manoel de Melo Costa, com Cr\$ 2.000,00; "Petrópolis" (dois trabalhos) de Manoel Bragança Santos, respectivamente com Cr\$ 500,00 e Cr\$ 1.000,00. As menções honrosas couberam a Herauto de Oliveira, Jansen Filho, Tobias Pinheiro, Alcides H. de Oliveira, Nancy Figueiredo e José Flavio de Camargo Lima. Houve uma especial a Vilma Olinto Bahiana. Foram julgadores os academicos Mario Cruz, Carlos Cavaco e Carauta de Souza. Contos premiados: "Canção na serra", de Eduardo de Castro, com Cr\$ 2.000,00; "O velho e o menino" de Moysés Duek, Cr\$ 1.000,00 e o "Menino da carrocinha" de Walter J. Farah com Cr\$ 500,00. As menções honrosas tocaram a Maria Tereza Melo Soares, Alberto Montalvão, Anesia de Souza Ramos, José Jambo da Costa, Yolanda Heloisa de Souza, Joffre Martins Veiga e Vilma Olinto Bahiana. Foram juizes os academicos Plínio Olinto, Flavio Maciel e Eugenio Lopes Barcelos.

## GUSTAVO BARROSO XILÓGRAFO

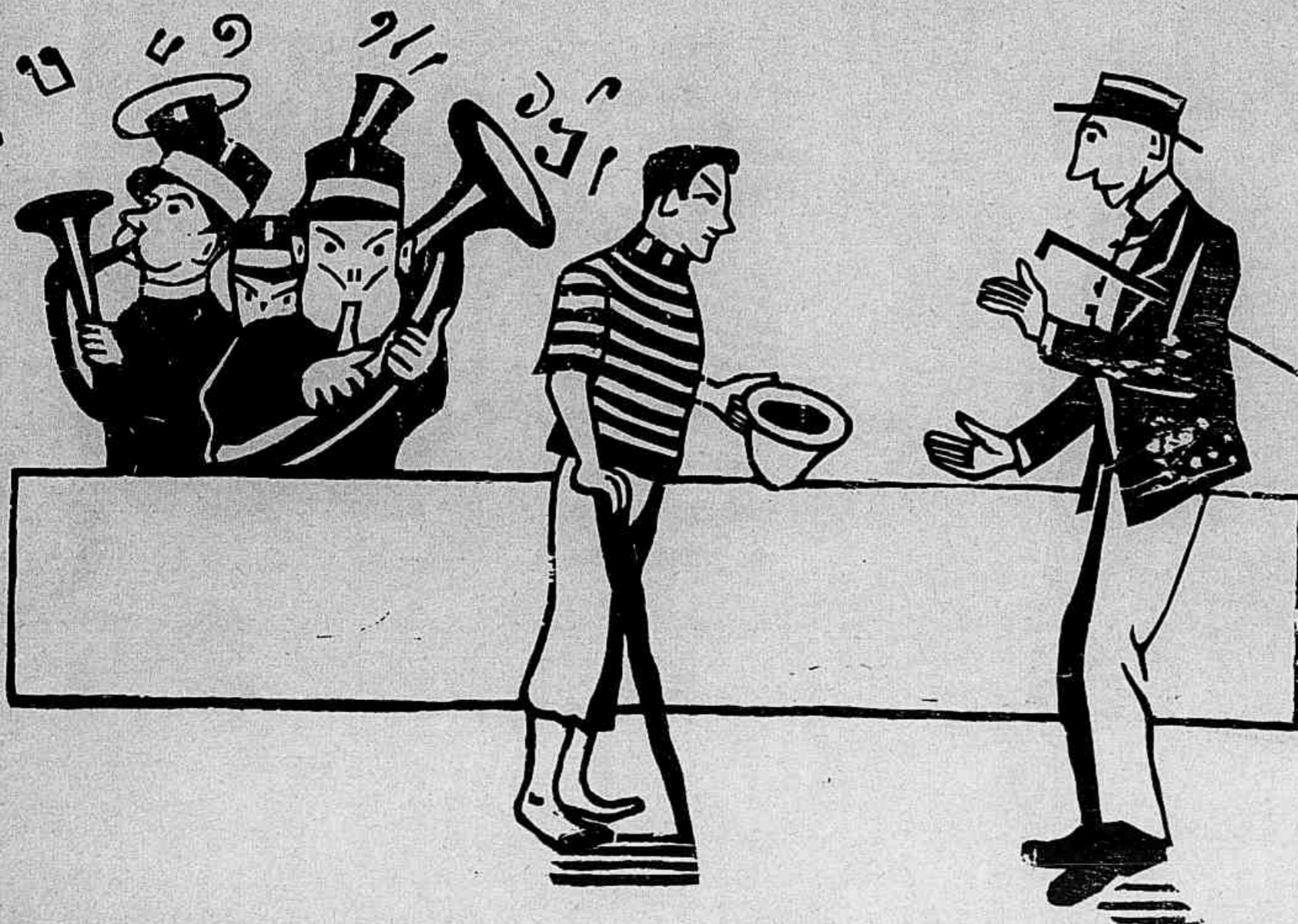
**N**o primeiro almoço da Ordem dos Velhos Jornalistas cada qual teve oportunidade de contar algo dos seus primeiros passos na profissão. Quase todos tiveram o seu jornalzinho manuscrito de colégio, como indício da vocação. Gustavo Barroso contou a história do "O Garoto", periodico de que foi fundador, diretor, redator e até gravador. Era uma folha irreverente que se publicou

em Fortaleza em 1907. O ilustre escritor dava-lhe o máximo das suas energias espirituais e aproveitava a sua queda para o desenho esboçando caricaturas. Naquele tempo, entretanto, ainda não havia, e muito menos nos Estados, as facilidades de hoje em matéria de fotogravura ou zincogravura. A xilogravura resolvia o problema, embora fossem raríssimos os artistas do genero entre nós. Aqui

era um italiano de nome Cattaneo que fornecia aos jornais os retratos de homens importantes. Quanto ao mais, as revistas ilustradas se arranjavam com a litografia.

Gustavo Barroso exibiu aos confrades o cliché em madeira de cajazeira — a mais adequada, além do buxo e do piquiá marfim — e no qual aparece o "Garoto" entrevistando um figurão político que era recebido em Fortaleza ao som de uma filarmônica. Nem as notas de música deixaram de ser fixadas pelo gravador incipiente e improvisado.

E' esse documento interessante que aqui publicamos, a demonstrar que um verdadeiro jornalista nunca se aperta, nem mesmo quando tem de enfeitar a sua prosa com algum boneco.



## PARA ADELMAR TAVARES

*Bittencourt de Sá recebeu de Adelmãr Tãvares o precioso presente "Um ramo de cantigas". E como excelente poeta que é, assim agradeceu num belo soneto:*

"Meu querido Adelmãr: hoje me veio,  
de suas generosas mãõs amigas,  
cheirando ao longe, "UM RAMO DE CANTIGAS",  
que vocẽ me mandou pelo Correio.

Moro num largo velho, velho e feio,  
mas ensombrado de árvores antigas,  
nas quais, zombando de armas inimigas,  
os passarinhos cantam, sem receio.

Tomando assento ao lado da janela,  
abro o livro e, em voz alta, os versos leio,  
enquanto um sol gostoso entre por ela.

Em redor, todos ouvem; ninguém fala;  
fora, os pássaros cessam seu gorjeio,  
e o gorjeio dos versos enche a sala!...

## OS LIVROS DO DIA

EDGAR PROENÇA

### "Direito e Aveso"

Editora Pongetti

"Direito e Aveso", de Henrique Pongetti, é o magnífico livro de crônicas que acabo de ler com o maior interesse e a mais viva emoção.

O autor é um mestre consagrado nesse gênero literário que, na aparência, dos mais fáceis, é, contudo, dos mais difíceis.

Pongetti sabe tratar os assuntos com dextresa, leveza, sutileza, ao mesmo tempo em que desfilam as "boutades" e os paradoxos no que ninguém é capaz de imitá-lo.

Outras vezes ele é profundamente, sentidamente humano, como na crônica "Minha Mãe", cuja leitura nos comove o coração e mareja os olhos de lágrimas.

### "As tres Marias"

Editora José Olímpio

"As tres Marias", de Rachel de Queiroz, atinge, agora, a terceira edição, o que vale pela consagração desse romance.

Em que consiste, porém, o segredo de Rachel? No seu estilo simples, nos seus dons de observação, na sua capacidade de retratar caracteres, de pintar cenas e quadros.

Ora, essas qualidades nem se pode dizer que sejam uma conquista da escritora, pois Ra-

chel surgiu com elas, ao crescer a seca no "Quinze", seu livro de estreia, e o cangaceirismo no "João Miguel".

Apuradas, depuradas, elas aparecem em "As tres Marias", o romance das tres irmãs, das tres estrelas...

### "3 Máscaras"

Editora "O Cruzeiro"

O velho, o novo, o teatro simplesmente, tem o seu símbolo em duas máscaras, uma que ri, outra que chora — a comédia e a tragédia — nesse desgraçado binário da existência humana.

Accioly Netto juntou-lhe mais uma, não no palco mas no livro, e fez a sua obra — 3 Máscaras — que são tres peças de gêneros diferentes, porém com um traço comum — o talento do autor.

"3 Máscaras" enfeixam uma sátira, "Helena Fechou a Porta"; um drama, "A Vida não é nossa"; e uma comédia, "A mentira de Cada Dia".

Se nos fosse dado, no livro, o direito de escolha, preferiríamos "Helena fechou a Porta", mas esse gesto pessoal talvez fosse modificado ao vermos a exibição das outras peças.

Em autores como Accioly Netto o difícil é saber quando são maiores ou menores do que si próprios.

## RAUL DE AZEVEDO

Com o falecimento de Raul de Azevedo perdemos as letras do Brasil uma de suas figuras mais expressivas e operosas e a sociedade um de seus elementos mais brilhantes. Escritor de boa prosa deixou cerca de quarenta volumes de ensaios, novelas, romances, conferências, crônicas, viagens, contos, crítica e em todos eles a sua personalidade se afirma com originalidade, vigor e independência de conceitos. Convivendo conosco nesta revista durante mais de vinte anos, Raul de Azevedo foi um colaborador sempre interessante. Membro da Federação das Academias de Letras do Brasil como delegado da Academia Amazonense, nesse ilustre sodalício onde se reúnem valores de todos os Estados, a sua passagem pelo mesmo se assinalou por uma atividade fecunda. Escritor no melhor sentido do termo, apaixonado pela sua arte, podem ser destacados da sua rica e numerosa bibliografia alguns tomos que o colocam na primeira linha dos nossos romancistas: "Doutor Renato", "Onde está a felicidade", "Branços e pretos", "Aquela mulher", são romances que alcançaram êxito na sua época e asseguraram ao autor uma posição altamente honrosa na literatura nacional nossa contemporânea. Neste ano de 1957 saiu a sua coleção de crônicas "Dona Beija", e anunciava êle um volume de episódios a que deu o título de "A minha vida sem fim". Estava o volume em impressão quando a morte o surpreendeu. Mas não se iludiu Raul de Azevedo na escolha do título das suas últimas páginas. Realmente a sua vida não teve fim. Desaparecido materialmente, o prosador esplêndido, o homem de coração aberto, o cavalheiro de maneiras distintas e requintadas, o representativo de uma época, nenhum desses desaparecerá da memória de seus compatriotas, daqueles que com êle privaram e daqueles que apenas puderam admirar o fulgor das centelhas de seu grande e nobre espírito.

### NA ACADEMIA BRASILEIRA

Pela morte do nosso saudoso colaborador Raul de Azevedo pedindo, em sessão na Academia Brasileira de Letras, um voto de pesar, Adelmãr Tãvares disse que o fazia com a maior emoção, pois que nêle contava, já por mais de vinte anos, um de seus mais devotados e leais amigos, bem como as letras no Brasil não contaram servidor mais devotado e fiel. Fechando os olhos aos oitenta e dois anos de idade, pois que nasceu em S. Luiz do Maranhão em 1875, seu espírito

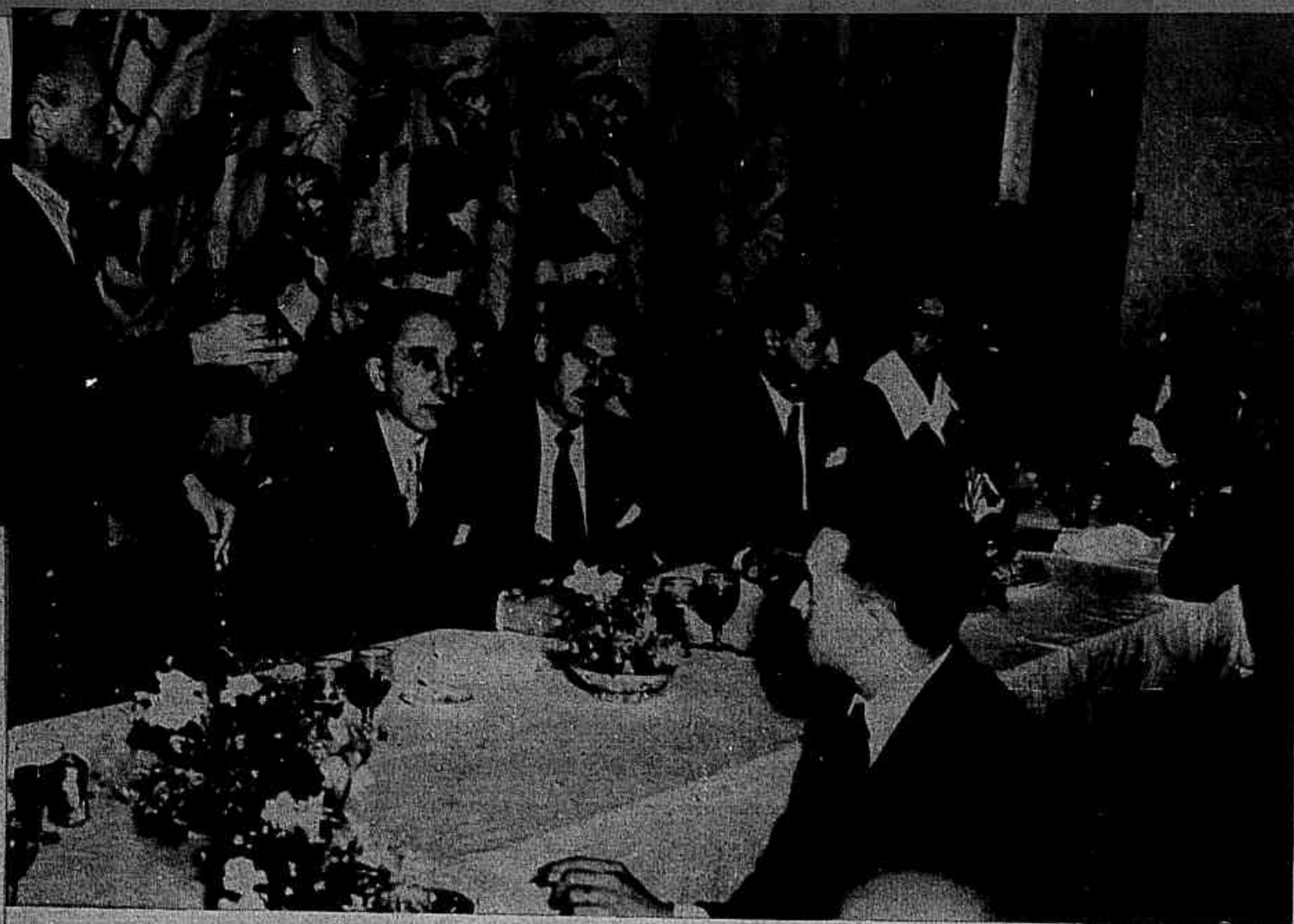


esteve sempre voltado com amor e devoção para as cousas literárias. A princípio ele fazia do Amazonas pois nesse Estado muito tempo vivera, tendo sido deputado e diretor da Biblioteca Pública, agitando sempre os meios intelectuais e escrevendo na imprensa artigos e crônicas que atraíam para o seu nome a mais viva simpatia e interesse. A política, porém, não era o seu "beguin". Este estava com os homens de letras e os livros de literatura, principalmente poetas e os críticos. E com esse amor passou a sua longa vida. Não se agitava um problema de letras que êle não agitasse dentro dêle. Não havia conferência literária em que não estivesse na primeira fila, e esta Acadêmia o teve sempre como dos seus mais constantes amigos. Nunca a tinta do jornal saiu de suas narinas, e eram as redações o ponto predileto das suas palestras, homem afável, elegante, enleante mesmo, e sobretudo bom, de comovedora bondade. Amigo, tendo da amizade um conceito quase religioso, era o primeiro a trazer a seu amigo o conforto nas horas tristes e o aplauso sincero nos triunfos. Homem sem invejas nem perfídias, sua pena só se movia para aplaudir e animar — que o digam os seus fiéis como esse nosso grande amigo Osvaldo de Souza e Silva, diretor da "Ilustração Brasileira" e outras revistas desta cidade, a quem êle vivia a solicitar a publicação de fotografias e trabalhos de iniciantes. Membro da Federação das Academias de Letras do Brasil, da Acadêmia Amazonense, da Maranhense, e outras, Raul de Azevedo interessava-se por tudo quanto fosse literário, andando de sol nado a sol posto com os bolsos cheios de cartas a expedir para uma infinidade de intelectuais espalhados por esse Brasil a fóra, agradecendo livros, trocando livros, dando contas de incumbências recebidas. Nunca vi devotamento igual, nem mais desinteressado. Ainda há poucos dias êle juntava à sua bagagem mais um livro de ensaios, "Dona Beija", cuja remessa aos amigos foi a preocupação constante de suas últimas horas. Nos tempos rudes de tão agressivo materialismo, consolava vermos ainda homens como esse que vêm ao mundo para terem sempre uma flôr na mão... E por isso a multidão que por êle chorou floriu o seu esquife.

A essas palavras do ilustre Acadêmico Adelmãr Tãvares, associaram-se os acadêmicos Peregrino Junior, presidente da Casa de Machado de Assis e Rodrigo Otávio Filho.

## HOMENAGEADO PELA IMPRENSA MINEIRA O DIRETOR DA E. F. C. B.

A imprensa de Minas prestou, num domingo de Maio último, expressiva homenagem ao Eng.º Jair Régo de Oliveira, diretor da E. F. C. B. O almoço realizou-se no aristocrático Minas Tennis Clube e foi iniciativa da Associação Mineira de Imprensa e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. O nosso flagrante focaliza o instante em que o jornalista Nel Otaviani Bernis saudavam o homenageado, ressaltando o seu magnífico esforço e equibrada gestão à frente da grande ferrovia, vendo-se a seguir, atentos, o Eng.º Jair de Oliveira, o dr. Helió Adami de Carvalho, presidente da Associação Mineira de Imprensa, o dr. Braz Giacomo, vice-diretor da E. F. C. B., a jornalista Cora Lopes, chefe da Seção da Divulgação e o dr. José Moacyr Lamarca, Tesoureiro da grande ferrovia. Antes do agradecimento do homenageado, que se caracterizou pela costumeira elegância e modestia, falou, em nome dos engenheiros da Central, solidários naquela justa homenagem, o Dr. J. M. de Andrade Sobrinho, chefe do Departamento de Relações Públicas da E. F. C. B.



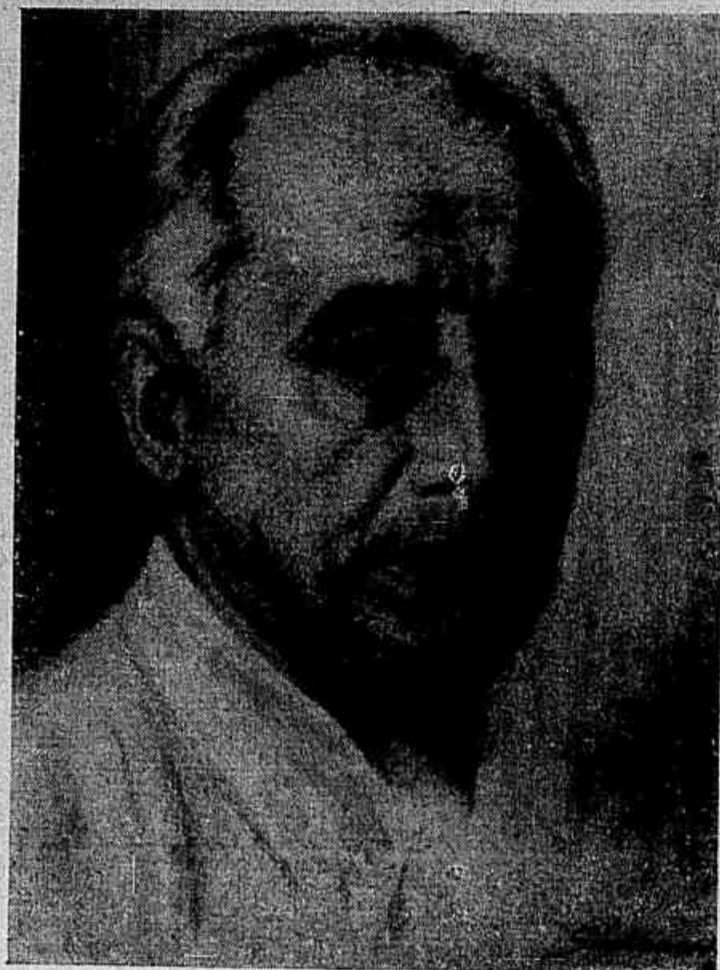
## INAUGURADA A "SEÇÃO GUATEMALA" NA BIBLIOTECA NACIONAL

a Guatemala, a cuja visão e grande amizade ao Brasil devemos este auspicioso acontecimento.

Entre os numerosos volumes constantes desta nova seção encontramos obras de J. Adrián Coronado P. Pablo Garzona Nápoles, Mario Efraim Najera Farfan, David Vela, Rafael Girard e outros expoentes da literatura Guatemalteca.

A nota simpática e graciosa constituiu o grupo orfeônico da escola Guatemala, presente à so-

lenidade, que cantou os Hinos Nacionais do Brasil e da Guatemala, e mais, mantendo durante o ato um delicioso "bak ground" musical, de canções folclóricas Guatemaltecas.



## SIDRANSKY, MESTRE DO LAPIS

O Rio assistiu a exposição de retratos de um autêntico mestre do lápis: Joseph Sidransky.

Nome já famoso no velho continente, Oficial da Academia de Belas Artes, continua a sua gloriosa carreira, colhendo novos louros na América do Sul.

Artista de grande sensibilidade, dono de uma técnica pujante, seus retratos vibram e nos apresentam instantâneos da vida real. Por isso, a exposição Sidransky logrou entre nós um grande êxito, alinhando-se entre os acontecimentos artísticos do ano.

Grupo de pessoas presentes ao ato inaugural da Seção Guatemala, vendo-se a encarregada de negócios da Guatemala Sra. Francisca Fernandes Hall, Sra. Anna Amélia Queiroz de Mendonça, Sra. Gabrielle Mineur, Ministro Clovis Salgado, Dr. Celso Cunha e Professor Anísio Teixeira.

Com a presença do Ministro da Educação e Cultura, altas autoridades, Embaixadores e Adidos Culturais, figuras do nosso meio cultural e social, do secretário geral e membros do Instituto de Cultura Brasil-Guatemala, realizou-se, na Biblioteca Nacional, a solene instalação da "Seção Guatemala". Iniciativa de alto valor cultural, éio de aproximação e fraternidade Pan-Americana, podemos nos congratular com a ilustre diplomata Francisca Fernandes Hall, encarregada de negócios da nobre nação amiga,

O grupo orfeônico da escola Guatemala

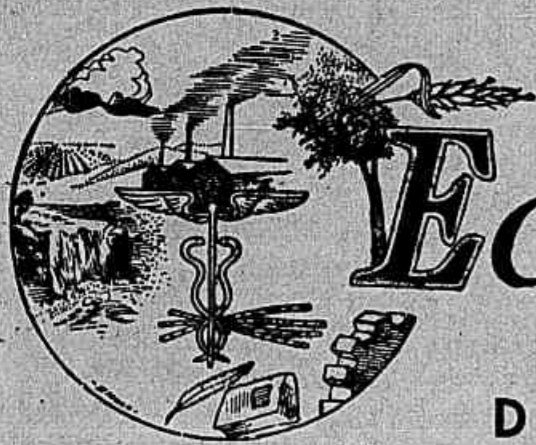


## RECEPÇÕES

Flagrante da recepção oferecida por D. Antônio Pedro, São Payo e Sra. Georgina Dart São Payo, comemorando a data do seu natalício, em sua residência, vendo-se o Embaixador Yoshiro Ando, do Japão e Sra. Embaixatriz, o Juiz Cristovão Breiner, o Embaixador Paulo Hasslocher, Consul Mello Barreto e o Jornalista Candido de Oliveira, além de inúmeras pessoas das suas relações.







# Economia e Finanças

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NUM MUNDO  
CRESCENTE DE EXPANSÃO E NECESSIDADE

CARLOS MATHEUS

No mundo hodierno as relações econômicas ocupam um lugar de relevância indiscutível. Quando Malthus previu com o aumento demográfico do mundo, uma catástrofe antropofaga, baseado na teoria de que os meios de subsistência se desenvolviam num ritmo aritmético e o crescimento populacional num ritmo geométrico, desconhecia, talvez, a capacidade humana no terreno econômico.

Vivemos, é certo, numa época engenhosa e de lutas, sobretudo de lutas competitivas — índice da evolução a que atingimos através das guerras e dos estágios transitórios — porém, vislumbrando um panorama de incontestável grandeza e de progresso admirável, tanto técnico como científico.

O desenvolvimento das nações implicou, por seu turno, no desenvolvimento econômico, como imperativo de sobrevivência e de esperanças, num mundo crescente de expansão e de necessidade.

O velho continente com sua experimentação através dos séculos forçados na evolução de lutas expansionistas, separados por vadias na avalanche de fogo, miséria e fronteiras irremovíveis, que as guerras insangue unem-se agora num exemplo dignificador de ampla cooperação.

Pode-se afirmar que é o sinal dos tempos. O mundo cansado e amadurecido, embora ainda em discordância política e territorial entre o Oriente e o Ocidente, precisamente porque o desconhecimento de ambos no

que concerne crenças, princípios, aspirações e cultura, estabelece uma fronteira divisível que, o torna por isso mesmo, dois ao invés de um, onde prolifera a magoa, a desconfiança e o recalque dos orientais pela falta de aprêço, cortesia e afeição dos ocidentais, tantas vezes demonstrada através de ações e atos, deixaram de prevalecer seus melhores e mais construtivos predicados.

O recente acordo firmado entre os países da Comunidade Européia de Carvão e Aço, para a criação de um Mercado Comum Europeu, que outra coisa não é, senão o agrupamento econômico de grandes áreas de comércio livre, ultrapassa os limites do Velho Continente para alcançar os países

## A PETROBRÁS CONSOLIDOU SUA POSIÇÃO EM 1956

REVELAÇÕES DO BALANÇO GERAL DA EMPRESA — DOCUMENTO DA MAIOR  
IMPORTÂNCIA PARA A ECONOMIA NACIONAL

O balanço geral da PETROBRÁS relativo ao exercício de 1956 é um documento de alto interesse para os estudiosos da nossa realidade econômica. Os seus dados refletem a esplêndida posição dos negócios da empresa e os excepcionais resultados por ela obtidos na produção, refinação e transporte de petróleo. Ao mesmo tempo, testemunham o acerto da orientação dada à PETROBRÁS, que, em menos de três anos de funcionamento efetivo, conseguiu atingir um índice de organização técnica e administrativa que a tornou capaz de poder cumprir, com eficiência, o seu vasto e complexo programa de trabalho:

Os lucros da PETROBRÁS em 1956 — é o que revela o seu balanço geral — foram superiores a 1 bilhão e 850 milhões de cruzeiros e provieram da receita industrial da empresa, excluídas as contribuições compulsórias que lhe são proporcionadas por lei.

Entre os fatos que tornaram possíveis resultados tão auspiciosos, destaca-se a duplicação da produção de óleo bruto no Recôncavo Baiano, que saltou de . . . . . 2.021.900 barris, em 1955, para 4.058.704 barris, em 1956, permitindo que a Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão, passasse a processar, a partir de outubro, uma média de 10 mil barris diários de petróleo nacional.

Ao mesmo tempo, as duas refinarias da PETROBRÁS atingiram índices de operação e de rendimento econômico muito mais elevados que os dos anos anteriores. Assim a Refinaria Presidente

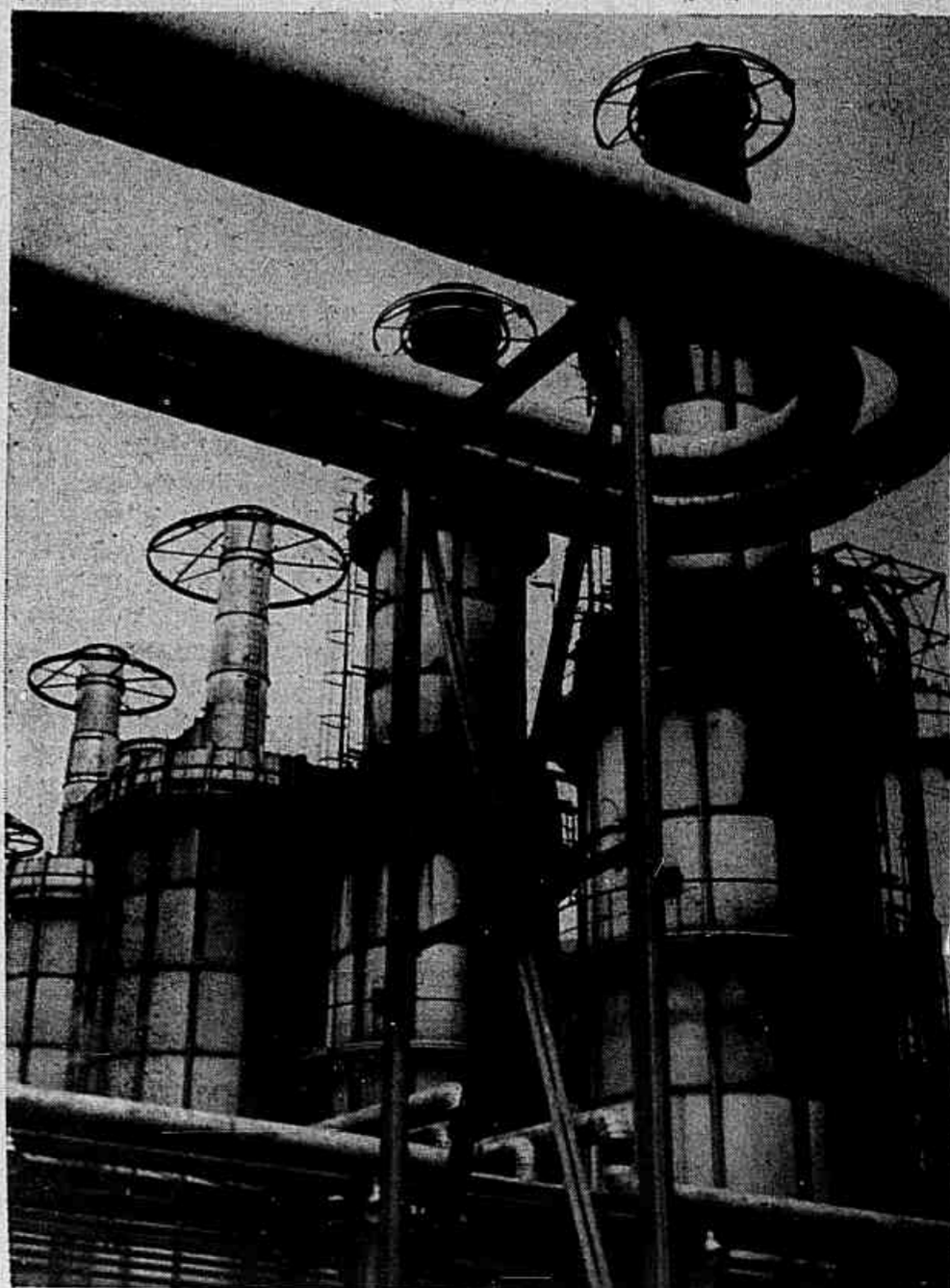
Bernardes processou, em 1956, uma carga 70 por cento superior à de 1955, oferecendo ainda ao mercado consumidor vários produtos novos, como o hexano, o solvente de borracha e a gasolina extra, esta última na base de 2.300 barris diários. O seu faturamento foi da ordem de 7 bilhões de cruzeiros, ou seja, mais do dobro do registrado em 1955. No que diz respeito à Refinaria de Mataripe, a carga de óleo cru por ela processada, em 1956, cresceu na base de 26 por cento em relação ao ano anterior, enquanto foi de cerca de 50 por cento o aumento verificado no valor das entregas dos seus produtos.

É oportuno mencionar também a entrada em funcionamento da fábrica de asfalto construída pela PETROBRÁS em Cubatão, que tem capacidade para atender a todo o consumo do país.

A leitura do balanço geral da PETROBRÁS evidencia ainda outro fator que muito contribuiu para os animadores resultados financeiros da empresa em 1956: o crescimento dos índices de rentabilidade da Frota Nacional de Petroleiros a que foram incorporadas três unidades, duas das quais especializadas no transportes de gás liquefeito e uma no carregamento de óleo lubrificante. Os petroleiros nacionais transportaram, no ano findo, 3.126.765 toneladas métricas de óleo bruto e derivados, poupando divisas para o país no valor de 12 milhões de dólares. Em exercícios anteriores, a situação da Frota Nacional de Petroleiros era de déficit. Em 1956, o seu lucro líquido foi da ordem de 200 mi-

lhões de cruzeiros, tendo sido suficiente para cobrir todos os prejuízos até então verificados.

Contando com o invariável apoio do governo e do povo, a PETROBRÁS conseguiu atingir, como o demonstra o seu balanço geral de 1956, resultados que lhe deram a condição de maior empresa industrial do Brasil. Para o corrente ano o seu programa será cerca de duas vezes maior que o do ano passado e, para enfrentá-lo, dispõe a empresa de organização, de recursos financeiros e técnicos e da solidariedade integral da opinião pública do país, interessada na crescente expansão da indústria petrolífera nacional.



# ÓLEO DE OVO

Marca Registrada

*Cabelos sedosos e ondulados*



Exija o legítimo de  
**CARLOS BARBOSA LEITE** que traz o nome  
de garantia

**PETROLOVO**

latino-americanos, na preocupação de se estabelecer um Mercado Comum da América Latina. Assim é que, esses países deram, ultimamente, os primeiros passos para a fundação de um Banco Interamericano. Os planos de desenvolvimento econômico e social das Américas foram apresentados numa reunião da Comissão Interina do Comitê Interamericano de Representantes Presidenciais. De acordo com o plano, cada país estudará suas necessidades de desenvolvimento econômico, e os relatórios seriam postos à disposição dos capitalistas particulares.

O tratado do Mercado Comum Europeu estipula a abolição gradual de tarifas e quotas comerciais, entre os seis países signatários, num prazo de 12 a 17 anos. Os seis Estados e seus 160.000.000 de habitantes poderão assim comerciar entre si, com a mesma liberdade em que o fazem as províncias ou regiões de uma nação.

O "pool" atômico, denominado "Eurátomo" destina-se a unir os recursos das nações acordantes, com a finalidade de produzir energia atômica para a indústria e a agricultura em grande escala. Seu advento prevê uma evolução industrial para a Europa, sem precedentes.

Porém, mais importante do que os evidentes resultados dos "pools", será a consequência esperada de abolir as remotas barreiras, que separam os países europeus. Sem dúvida, as futuras gerações europeias, terão o destino de devolver ao velho mundo

um estado social digno das esperanças daqueles que agora o estabeleceram.

Terá o Brasil, por imprativo de seu destino econômico de se unir como pedra angular da América Latina, a um movimento de fraternização econômica, não só no próprio continente, como também, com a Europa e o resto do mundo. Quando da sua visita à Europa, o Sr. Figueres, presidente da Costa Rica, declarou, em Londres, que a América Latina embora ligada aos Estados Unidos por princípios inalienáveis, não podia deixar de se unir a Europa, principalmente, no intercâmbio comercial.

O "Financial Times", de Londres, tentou através de uma análise recente, focalizar as dificuldades econômicas brasileiras, ao dizer que, há poucos motivos para se crer na firmeza do cruzeiro demonstrada no segundo semestre do ano passado, quando se refletiu indícios de que a situação econômica geral do país havia tomado uma tendência para a melhoria, mas a interrupção de seu avanço é atribuível aos sinais de que no ano em curso, talvez, se torne muito menos favorável que 1956 para o Brasil no terreno econômico.

Por outro lado, parece que existe pouca esperança de que a notável posição dos pagamentos exteriores, continui como no ano passado que, graças ao volume das vendas de café, o Brasil teve um "superavit" das exportações sobre as importações equivalente a 250 milhões de dólares, contra 116 milhões do ano de 1955 e, os cálculos par-

ticulares acusam uma renda líquida de 300 milhões de dólares, isto, 200 milhões a mais que no ano de 1956. Contudo, se prevê uma redução de 40% na produção do café exportável, portanto, queda das rendas de divisas, e agravo da situação econômica.

Dê há muito vive o fabuloso Brasil premido por uma irremediável conjuntura econômica, submergindo pouco a pouco, nas catadupas inflacionárias, prestes a sucumbir no terrível abismo que a desorganização financeira o encurralou por incapacidade ou, por iniciativas negativas de planos ineficazes e mirabolantes. Urge, pois, uma reedificação econômica para este "gigante da própria natureza" que é inadiável dever de todos e, de cada um em particular, dos brasileiros.

A tarefa é ardua e onerosa, já não depende do Governo, mas do conjunto harmônico da nação, num dever impostergável pela sobrevivência da nacionalidade. Que nos sirva de espelho o admirável exemplo europeu de união ante o espectro da ruína econômica de suas comunidades.

Devemos sim, através de um todo lutar pela soberania e emancipação econômica de uma terra rica, tanto nas entranhas como à flor de seu solo, dinamizando e desbravando outras tantas fontes de riqueza, para não pararmos e findarmos com o café.

○  
máximo de  
elegância  
e bom  
gosto em  
óculos.

OBERO



Cr\$ 475,00

MISS PRIM



Cr\$ 325,00

SOLERTE



Cr\$ 295,00

GILDA



Cr\$ 285,00

*Otica  
Continental*

Senador Dantas, 118 C

TELEFONE: 52-4326 — Rio  
Atende-se pelo reembolso  
postal

## USINA ATOMO-ELÉTRICA NO BRASIL

NO relatório anual da American & Foreign Power, empresa que no Brasil tem grandes investimentos realizados em usinas elétricas, e cuja última realização de vulto foi a Usina de Peixoto, vem uma revelação sensacional: a construção de três usinas átomo-elétricas no continente americano, uma das quais no Brasil.

As outras duas usinas serão instaladas em Cuba e no México, onde a American & Foreign Power tem interesses. Subsidiárias desta empresa se encontram na Argentina, Brasil, Cuba, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, México, Panamá e Venezuela, e o relatório diz que todos os esforços serão feitos para desenvolver as atividades nestes países.

Falando especificamente sobre o Brasil, o relatório diz que "do ponto de vista da balança de pagamentos, o ano de 1956 foi bom para o Brasil e o valor do cruzeiro se manteve estável até certo ponto. Contudo, continuaram os "deficits" fiscais, aumentou a quantidade de numerário em circulação e os preços continuaram subindo. A severa restrição às importações e o aumento das exportações, dada a maior procura de café, deram ao País um saldo favorável de 250 milhões de dólares em sua balança comercial".

Accrescenta o relatório que as reservas de ouro e divisas estrangeiras atingiam, em novembro passado, a 638 milhões de dólares, "o nível mais alto registrado desde 1950". Da usina átomo-elétrica, todavia, não foram fornecidos outros detalhes.

## AUMENTO DE PRODUÇÃO DE CIMENTO

NO obstante as dificuldades com que luta no que diz respeito ao encarecimento de fretes e de mão-de-obra, a indústria do cimento constitui um dos setores que apresentaram, no ano passado, maior desenvolvimento. A produção do cimento Portland comum foi da ordem de 3.249.603 toneladas, segundo estimativas procedentes, o que significa um acréscimo de 551.805 toneladas em relação ao volume produzido em 1955.

Enquanto isso, a importação de cimento comum, que havia sido de cerca de 242 mil toneladas em 1955, baixou, no ano passado, para 30.615 toneladas. Deve-se isto, em parte, à circunstância de haver diminuído de ritmo o movimento da construção civil, por força das restrições de crédito vigentes. Mas, em parte, a queda nas compras

tem explicação em face do acentuado aumento da produção interna.

Por outro lado vale assinalar que, em 1956, o Brasil exportou cimento, embora em escala moderada — 2736 sacas para a Bolívia e 500 sacas para o Paraguai. Os principais mercados consumidores de cimento, no Brasil, foram, em 1956, os seguintes Estados:

|                         | Toneladas |
|-------------------------|-----------|
| São Paulo .....         | 1.120.254 |
| Distrito Federal .....  | 580.330   |
| Minas Gerais .....      | 419.152   |
| Rio de Janeiro .....    | 226.594   |
| Rio Grande do Sul ..... | 222.167   |
| Pernambuco .....        | 120.273   |
| Bahia .....             | 103.019   |

## EXPORTAÇÃO DE PINHO

O BRASIL está exportando mensalmente 20 milhões de pés quadrados de pinho e madeiras brancas para a Argentina, e é o único exportador desse produto na América do Sul. Desde setembro do ano passado, quando foram reiniciadas as exportações, que estiveram interrompidas de janeiro a agosto de 1956, já foram exportados 96 milhões de pés. Por enquanto a Argentina é o maior país importador, na América do Sul.

Durante um certo tempo, a Venezuela esteve interessada em comprar pinho brasileiro, mas foi obrigada a desistir em face das dificuldades de transportes. A Argentina importa 60% de toda a exportação de pinho brasileiro. Os outros 40% são colocados na Alemanha, na Inglaterra e, agora, na Espanha, mercado que há quarenta anos não adquiria madeiras ao Brasil.

## O BRASIL VAI FABRICAR AUTOMOVEIS

JÁ estão aprovados os planos para fabricação de jipes da Willys-Overland, da Vemag e da Land-Rover, em São Paulo, com uma produção de 15 mil, 5 mil e 1200 unidades, respectivamente em 1960. A Fábrica Nacional de Motores produzirá 7200 caminhos, a Mercedes Benz, a General Motores e a Ford, respectivamente, 12 mil, 25 mil e 30 mil caminhões. Camionetas de carga, e de passageiros, da Vemag e da Volkswagen, serão lançadas, sendo a produção da primeira de 10 mil e a da segunda de 5 mil unidades. Há possibilidade de que supere a meta estabelecida para 1960, que é de 60 mil unidades anuais. Materiais para veículos motorizados estão sendo produzidos e o seu volume crescerá consideravelmente. A construção de automóveis será uma realidade, em breve, e construir-se-ão também locomotivas.

## BALANÇA COMERCIAL DO BRASIL

O BRASIL assinalou em 1956 o maior saldo do comércio exterior já registrado em sua história: US\$ 246 milhões. Comentando o fato, o relatório do Banco do Brasil assinala que, apesar de a redução das importações, nos sete primeiros meses do ano, haver contribuído para aquele "superavit", o que preponderantemente para ele concorreu foram o volume do valor dos fornecimentos aos mercados externos.

Sobre uma exportação de US\$ 1.482 milhões, o café pesou com US\$ 1.039 milhões. Para que se meça a dependência em que a balança comercial brasileira está do café, veja-se que, enquanto este produto concorreu com 70% do valor exportado, os dois outros produtos mais importantes, o algodão e o cacau, influíram apenas com 6% e 4%, e os demais produtos com somente 20%.

Esses elementos justificam perfeitamente a advertência do Presidente da República, em discurso pronunciado no encerramento da Bacia Paraná-Uruguai, de que o Brasil precisa diversificar sua exportação, para garantia de seu desenvolvimento econômico.

**"PRIMEIRAS LETRAS"**  
da COLEÇÃO SETH

CARTILHA PRÁTICA COM DESENHOS QUE TORNAM MAIS FÁCIL A ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS E ADULTOS.

19.<sup>a</sup> EDIÇÃO  
PREÇO CR\$ 10,00  
Distribuidores: S. A. "O MALHO"  
Senador Dantas, 15 - 5.<sup>o</sup> and.  
RIO DE JANEIRO

## PÃO DE AÇUCAR

O passeio das sensações! Sensação de orgulho pela obra científica do homem, dominando o espaço em uma via original e seguríssima. Sensação de patriotismo por se tratar de empresa exclusivamente brasileira. Sensação de deslumbramento na contemplação do panorama da cidade maravilhosa.

## RESTAURANTE E BAR

O caminho aéreo funciona diariamente das 8 horas às 22 horas, subindo o carrinho todas as horas e meias horas certas. Passagens: Cr\$ 14,00 até o Morro da Urca e mais Cr\$ 13,00 até o Pão de Açúcar. Gratis para crianças até 3 anos de idade. Bonde: Praia Vermelha. Ônibus: para a Urca ns. 13 — 86 e 106.

Informações pelo telefone: 26-0768.

VIVA SEGURO DE SI MESMO  
com a Apólice da

## COMPANHIA DE SEGUROS MINAS BRASIL

Capital e Reservas: — Cr\$. 210.441.000,00

Sucursal Rio:

AV. 13 DE MAIO, 23 — ANDAR 23

Fone: — 22-1844 — Endereço telegráfico  
"BRAMINAS".

RIO DE JANEIRO



CABELLOS  
BRANCOS  
QUÉDA  
DOS  
CABELLOS

JUVENTUDE  
ALEXANDRE

CLÍNICA DO

DR. OSWALDO SERRA

Assistente da Faculdade Nacional  
de Medicina — Assistente da Clínica  
do Prof. F. E. Rabelo — Chefe de  
Ambulatório da Santa Casa de  
Misericórdia.

DOENÇAS DA PELE — SÍFILIS  
— CÂNCER E DOENÇAS  
VENÉREAS

Ondas-Curtas, Ultra-Violeta, Infra-  
Vermelho, Diatermia, Coagulação,  
Iontoterapia, Radiumterapia e  
Neve carbônica.

CONSULTÓRIO:

Av. 13 de Maio, 23 — Edifício  
DARKE — 7.º andar — Salas 723  
e 724 — Telefone: 52-0147.

Consultas diárias das 16 às 19 horas  
(exceto aos sábados).

Residência: Telefone: 25-4660.

PÓ DE ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

FINO ADERENTE E INVISÍVEL  
À VENDA EM TODA A PARTE



AGUA PURA  
SAUDE SEGURA

SO COM VELAS  
ESTERILISANTES

SENUN

## O CARNAVAL CARIOCA DE OUTROS TEMPOS

(Continuação da página 29)

sambas. O que aconteceu é que alguns sambistas de morro ficaram poulares na cidade, como é o caso — que cita — de Agenor de Oliveira, o *Cartola*. Por sua vez, não faltaram sambistas da cidade que se tornaram famosos no morro. Pelo que menciona a *Sinhô*, na Favela, e *Noel Rosa*, no Morro da Mangueira. Em seu trabalho, Lúcio Rangel ensina que existe confusão entre *rancho* e *escola de samba*. Entretanto, *“nada tem a ver um com outro. No rancho a música é acessório, o enredo é tudo que conta. Além do mais, o rancho se apresenta com orquestra a mais completa possível. Num desfile de escola de samba não há motivos alegóricos, não há orquestra, é o samba em toda a sua pureza, sem artifícios que o desvirtuem. O solista e o côro cantam única e exclusivamente acompanhados por instrumentos de percussão, tamborins, cuicas e surdos.”*

Os estandartes dos *cordões* e dos *ranchos* se apresentavam riquíssimos; de seda ou de veludo, com destacados títulos recamados de ouro e de prata, vistosas e coloridas alegorias, inúmeras borlas e flocos a granel. Os respectivos títulos não deixavam de ser curiosos. Se um era chamado *Amantes do Sereno*, outro pretendia levar-lhe a palma com o título de *Amantes do Beija Flôr*. Por sua vez, a falta de timidez estava estereotipada nos estandartes dos *Destemidos do Inferno*, *Destemidos da Chama* e *Teimosos da Chama*. Qualquer título em que figurasse o ouro, tinha o melhor acalhecimento. E assim houve, além da antes citada *Rosa de Ouro*, mais o *Chuveiro de Ouro*, *Coração de Ouro*, *Galo de Ouro*, *Jasmin de Ouro*, *Cajú de Ouro* e *Dois de Ouro*. O mesmo ocorria com a prata, pelo que houve a *Chuva de Prata*, o *Chuveiro de Prata* e os *Filhos do Chuveiro de Prata*, formados, naturalmente, de uma dissidência com os do simples *Chuveiro*.

O ema das *pedrinhas* reluzentes se apresentava frequente. Assim, os *Vassourinhas* cantavam, numa oferta fácil de fazer, a seguinte quadrinha:

“Se esta rua fôsse minha  
Eu mandava ladrilhar  
Com pedrinhas de brilhantes  
Para meu bem passear.”

Outros *cordões* e *ranchos* exibiam nomes não menos originais, como *Prazer da Pedra Encantada*, *União dos Amores*, *Triunfo das Morenas*, *Cananga do Japão*, *Mariposas de São Clemente*, *Botão de Rosa*, *Jardineira*, *Recreio das Flôres*, *Arrepiados*, *O Portão fecha às Onze*, *Mimosas Cravinas*, *A Chave está aqui* e, por fim, a *Lira dos Clowns*.

Existia, também, um rancho com pretensões a clube. Tal era o *Aliança Clube*, formado pelos operários da Fábrica de Tecidos Aliança, nas Laranjeiras.

Havia, é claro, *cordões* mais modestos, até nos títulos: *Velhos Cucumbis*, *Caramurús*. E alguns nem títulos tinham; tais eram, em geral, os formados de *índios*. Condizentes com os títulos de alguns dos citados *cordões* e *ranchos*, em que havia tantas *pedrinhas* multicores, ouros e pratas, as coloridas e sedosas vestimentas e os toucados dos comparsas ofuscavam as vistas com as lantejoulas, os galões dourados e prateados, os *cordões* e jóias falsas. Para exibir tão custosas fantasias, os figurantes podiam passar necessidades durante o ano todo, mas no Carnaval tinham de brilhar... E brilhavam mesmo...

(\*) — Aquela menção à *lira* nada tinha a ver com o instrumento desse nome, nem com a música porquanto referia-se tão somente ao que então era chamado do *povo da lira*, o que equivalia dizer: o melhor povo, o selecionado entre o povo, o excelso.

(\*) — *Sambas*, *Cótas*, *Iabás*, em “O Dia”, de 7 de Fevereiro de 1954.

(\*) — *Música Popular*, “Manchete”, 21 de abril de 1954.

## CLAUDIO ARRAN MAESTRO DO TECLADO

(Continuação da página 17)

Apesar de manter domicílio em Nova York para todos os efeitos — era empresário, Arthur Judson, tem escritório naquela metrópole — Arrau ainda hoje conserva sua cidadania chilena. No Chile mora ainda sua genitora, e Claudio tem grande carinho pela pátria. Dada a quantidade de compromissos internacionais que é obrigado a cumprir, não pode voltar ao país com a frequência que desejariam ele e seus patrícios, os quais chegam a queixar-se disso; mas vai sempre que pode. Ainda este ano assim fez, dando cinco recitais.

No entanto, após uma temporada de mais de cem concertos em três ou quatro continentes, Arrau se compraz em descansar um pouco em sua casa de Long Island, a meia hora de Nova York. Alí leva a vida pacata de bom marido e pai de família (tem dois filhinhos). Aliás “pacata” não é bem o termo, porque segundo confessa a esposa dele, é impossível haver tranquilidade numa casa onde “nosso imenso cachorro dinamarquês vive entrando, quase sempre seguido de nossos filhos e dos amiguinhos da vizinhança”.

Arrau gosta muito de mostrar aos amigos os “troféus de viagem”, conforme sua própria expressão. Vêem-se, espalhados pela casa (o mais longe possível do alcance da formidável cauda do dinamarquês), os mais variados objetos; raras estatuetas africanas, reunidas aqui e ali, na Europa e na África do Sul, mobília antiga prataria e cristais de vários lugares dos Estados Unidos e da Europa; quadros modernos de pintores sul-americanos e outros da Renascença italiana; e vasta biblioteca onde aos livros se junta, também, muita música.

Nós que temos acompanhado o desenvolvimento artístico de Arrau por muitos anos percebemos sua constante humanização. Esse amadurecimento dele o deve, em parte, à esposa e Carmen e Mario (a menina tem treze anos, o menino onze). Sim, porque a família contribui para que ele se lembre sempre de que a música, por mais importante que seja intrinsecamente, é apenas parte da vida. Suas interpretações refletem a vida em seu conjunto, marcando-o como genuíno artista, a quem a pátria honrou recentemente dando seu nome a uma das ruas da capital.

## SUBVERSÕES E CONFUSÕES ORTOGRAFICAS

(Continuação da página 34)

compõe os fenômenos naturais da sua linguagem.

Que força terão, pois, os decretos convencionais para impor a esse mesmo povo, regimes oficiais de ortografia? E aqui no Brasil, onde atualmente quase ninguém obedece às leis regulares em vigor, essa debilidade da lei ortográfica ainda mais se fará sentir.

E' oportuno esclarecer também que não ha, propriamente, uma lingua brasileira. A lingua-patria é, em verdade, a lingua portuguesa. E' uma só.

Assim o entendemos. Entretanto, embora da mesma origem, tendo ela atravessado por mais de quatro seculos e meio dois países diferentes, já não comporta unificações. Ha, como que uma tendencia para a separação dos seus característicos ortográficos e não para uma perfeita identidade.

Usando de uma figura de retórica, diremos finalmente, que a lingua portuguesa falada e escrita no Brasil e a usada em Portugal, nos moldes em que vai sendo empregada num e noutro país, é qual um grande rio de origem comum, que ao revolver das águas ja se bifurcou em duas correntes que se distanciam cada vez mais, em cursos diferentes, para não mais se juntarem...

## TOALHAS ARTÍSTICAS



ALBUM N.º 266  
Preço Cr\$ 35,00

**E**XPLICAÇÕES ao alcance de todos transformam em verdadeiro prazer da dona de casa a confecção de encantadoras toalhas — das mais simples às mais luxuosas. Mas todas de muito gosto. Riscos para bordar na medida da execução.

ALBUM N.º 271  
Preço Cr\$ 35,00

## Guia das NOIVAS



**R**EALIZE seus sonhos, encantadora jovem... sendo, ao mesmo tempo, feliz e elegante! Este álbum incomparável, sugere, ensina tudo quanto deve figurar em seu enxoval... e tudo quanto deve enfeitar seu lar, como ninho de ventura e distinção.



ALBUM N.º 268  
Preço Cr\$ 35,00

**A** graça, a delicadeza, o bem estar do "príncipezinho" do lar exigem (e merecem...) todos os cuidados! Colaborando com as mães, este álbum facilita a confecção, através de riscos admiráveis, de enxovais práticos e lindos para o recém-nascido.



ALBUM N.º 265  
Preço Cr\$ 35,00

**E**M qualquer lar o toque feminino é a graça do ambiente. Surpreenda seu esposo com uma linda toalha ou uma formosa colcha que a senhora mesma executará com as facilidades e belezas dos modelos deste álbum, tão prático e distinto.

Encontram-se à venda nas Livrarias, Agências de Revistas e Jornaleiros.

**E**STES álbuns são editados pela Biblioteca de ARTE DE BORDAR. Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância. Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal. — Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15 - 5.º andar. — Caixa Postal, 880 — Rio.

# Senhora

**D**ESDE o seu aparecimento vem a revista mensal de figurinos e bordados "MODA E BORDADO" conquistando dia a dia a preferência das senhoras brasileiras.

A Empresa editora desse mensário, jubilosamente animada com essa justa preferência, resolveu melhorá-lo e ampliá-lo em todas as suas seções e especialmente em sua feitura material. Assim é que dos centros mundiais de onde se irradia a moda feminina foram contratados serviços especiais dos artistas mais em evidência, dos mais notáveis criadores da elegância. Com a edição que está à venda, terão as nossas patricias ocasião de verificar que "MODA E BORDADO", revista editada em nosso País, se iguala ou é, muitas vezes, melhor que as melhores publicações de figurinos feitas no estrangeiro.

## "MODA E BORDADO"

Revista-Figurino mensal — 58 páginas, inúmeras coloridas.

### FIGURINOS

Sempre os últimos, os mais modernos figurinos para baile, passeio, esporte e para as Noivas. Magnífica coleção de vestidos de todos os tipos, para todas as horas. Um modelo para cada gosto. Criações procedentes de Paris, Londres e Hollywood.

### CONSELHOS E ENSINAMENTOS

Varias e utilíssimas seções bem desenvolvidas sobre beleza, estética, elegância e adornos para o lar, são tratadas com proficiência.

### ARTE CULINARIA

Em todos os números da revista as senhoras donas de casa encontrarão inúmeras receitas, para confecção dos mais deliciosos pratos.

E AINDA OUTRAS SECÇÕES QUE AGRADAM E ENCANTAM...

## MODA

E

## BORDADO

A REVISTA QUE É UM FIGURINO...  
O FIGURINO QUE É UMA REVISTA

